

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIOGRANDENSE
DE LETRAS

ANO XIX
Núm. 8
Maio

Escrevem neste número:

Otoniel Menezes

Hélio Galvão

Rômulo Wanderley

Américo de Oliveira Costa

Edgar Barbosa

P. de A. Pessoa de Melo

Padre Jorge O'Grady de Paiva

M. Rodrigues de Melo

José Melquíades

Veríssimo de Melo

Antônio Soares

Natal - 1970

ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Séde Própria: Rua Mipibu, 443-Natal-Rio Grande do Norte-Brasil

Diretoria: Manuel Rodrigues de Melo, Presidente; Rômulo Chaves Wanderley, Secretário Geral; Veríssimo de Melo, 1º, Secretário; Carolina Wanderley, 2º, Secretário; Hélio Galvão Tesoureiro; Antônio Fagundes, Bibliotecário; Aderbal de França, Diretor da Revista. **Comissão de Contas:** Onofre Lopes, Esmeraldo Siqueira e José Melquiades. **Comissão de Sindicância:** Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Otto Guerra. **Comissão de Revista:** Edgar Barbosa, Alvamar Furtado de Mendonça e José Tavares da Silva.



Revista
da

Academia Norte-Riograndense de Letras

Diretor: *Aderbal de França*

Comissão de Revista:

Edgar Barbosa

Alvamar Furtado de Mendonça

José Tavares da Silva



Índice

POUCAS PALAVRAS	5
Otoniel Menezes — FERREIRA ITAJUBA	7
Hélio Galvão — NÍSIA E HENRIQUE	45
Edgar Barbosa — ROTEIRO DE UMA GERAÇÃO	61
Antônio Soares — DISCURSO DE AGRADECIMENTO	64
Hélio Galvão — LEMBRANDO HENRIQUE CASTRICIANO	67
Rômulo C. Wanderley — EVOCANDO OS NOSSOS MORTOS	76
Américo de Oliveira Costa — "PARIS, CIDADE DO PENSAMENTO LIVRE"	82
P. de A. Pessoa de Melo — NATAL DE ONTEM	88
UMA CARTA DE IVO FILHO	113
Josué Silva — CAROLINA WANDERLEY	117
Antônio Fagundes — COMO E POR QUE SOU ACADÊMICO	127
Pe. Jorge O'Grady de Paiva — EDINOR AVELINO E A UNIVERSALI- DADE DA POESIA	131
M. Rodrigues de Melo — O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO NORTE	151
José Melquiades — PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA	164
Veríssimo de Melo — SAUDAÇÃO A JOSÉ MELQUIADES	183
M. Rodrigues de Melo — A PROPÓSITO DE PESQUISA E PESQUISADOR	189
REDAÇÃO: Livros Novos	195
Nossos Mortos	197
Noticiário	199

Poucas Palavras

Mais um número da Revista da Academia entregamos ao leitor comum e especializado.

Há dois anos, circulou o número 7. Agora, aparece o número 8, correspondendo ao ano XIX, idade que tem a Revista desde quando veio à lume pela primeira vez.

Nêste número, ainda saem os discursos proferidos nas solenidades acadêmicas, que constituem, em grande parte, a vida e as atividades da instituição.

Através dêsse material poderá o estudioso dos nossos fastos literários reconstituir grande parte da nossa vida intelectual.

Nos quase trinta e cinco anos de vida acadêmica, quantas figuras já foram lembradas e estudadas, através dêsses discursos, verdadeiros repositórios de conhecimento, no terreno da arte e da literatura.

Figuras como Ferreira Itajubá, Nísia Floresta, Henrique Castriciano, Isabel Gondim, Matias Maciel, Cristóvão Dantas, Vicente de Lemos e tantas outras vão sendo lenta-

mente redescobertas e trazidas à tona para conhecimento das novas gerações.

Aqui estão elas, palpitanτες de vida e seiva, na palavra e na pena de Otoniel Menezes, Hélio Galvão, Edgar Barbosa, Antônio Soares, José Melquialdes, Rômulo Wanderley e tantos outros estudiosos da vida norte-riograndense.

Edinor Avelino, votado a voluntário esquecimento, retorna, agora, trazido pelas mãos de Luís da Câmara Cascudo e Manuel Rodrigues de Melo, e mais recentemente de Jorge O'Grady de Paiva, em belo e substancioso estudo de interpretação e exegese da sua poesia.

Ainda este ano, daremos o número 9 da Revista com vasta colaboração acadêmica e redacional.

Vai, assim, a Academia, realizando os seus objetivos contidos no lema que lhe traçou inicialmente o sawloso acadêmico Luís Gonzaga do Monte, secundado, há poucos meses, pelo sócio correspondente Jorge O'Grady de Paiva, em carta ao nosso presidente, quando dizia: AD LUCEM VERSUS, "Rumo à Luz".

FERREIRA ITAJUBÁ

(TRECHO DE UM ENSAIO)

(O DRAMA DA VIDA DE PROVÍNCIA)

Otoniel MENEZES

Este ensaio de Otoniel Menezes, publicado em primeira mão, nas páginas d' O Democrata, desta Capital, em 1947, reaparece, agora, nesta Revista, em homenagem à memória do consagrado autor de Sertão de Espinho e de Flôr. Os recortes do presente trabalho nos foram oferecidos pelo Dr. João Cabral Fagundes Filho,, parente afim do homenageado.



Com o pecado original de haver nascido na "Esquina" venceram, até hoje, Rodolfo Garcia, Antônio de Sousa (Polycarpo Feitosa), Peregrino Júnior e seu irmão Umberto, Angione Costa, José Vanderlei, Nilo Pereira, Adauto da Câmara, Salomão Filgueira, e alguns outros, bem raros. Porque bateram o pé das sandálias, conforme a receita evangélica.

José Bezerra Gomes, tendo decifrado a esfinge Pongetti, com uma boa edição de "Por que não se casa, doutor?", anda por aqui agora, vulnerável ao "óxido monetário" denunciado por Balzac, em "Illusions perdus", a arriscar no chão fatídico, reverso do chão de Anteu, as vantagens adquiridas na fuga que já àqueles prósperos emigrados foi a única salvação verificável. Esquecido, o

vigoroso retratista de Ferreira Itajubá, de que na hégira é que se objetiva o êxito do profeta...

Abner de Brito, a quem o discreto Armando Seabra adjectivou de "genial", autor admirável de "Ossário" e "Confissão" (quem tem notícias dêsse adorável maluco?), raspou-se tardiamente para o Rio, onde se perdeu no turbilhão, sem dúvida incapacitado para lutar, a fibra exaurida por trinta anos de inútil, insãna, inglória recalctrância contra a abjéta negociocracia de Gerimulândia.

Damasceno Bezerra paga bem caro o sisitro privilégio de haver nascido grande poeta, em terra de mercadores, e onde, mais que em qualquer outra latitude, tem curso proverbial e vigente o sarcasmo do distico la-fontaineano — "D'un magistrat ignorant, c'est la robe qu'on salue", (o que, traduzido para "português de rico", significa: **um patife bem vestido não é um patife**). Lírico delicioso, sem rival entre todos, autor do "Dias de sol", sem a mínima esperança de editá-lo, há muito abandonou o estéril combate em que nos esfalfamos, e róla, por aí, a padecer com a família (uma pobre espósa semi-louca e duas filhas na idade de Cosette de "Os Miseráveis"), órfão da pomada de Elmerick, carregando a cruz de veneno que desgraçou os destinos de Poe, de Gérard du Nerval, de Lima Barrêto, incarnando, "cu grand complet", a boêmia democrática do soneto de Hermes Fontes, "sem lar, sem pão, sem traje" e, irremediavelmente, "ufano e lêdo"

vivendo vida igual à vida de Quevêdo,

vivendo vida igual à vida de Bocage.

Carolina Vanderlei, ai de nós, "is death", há muito tempo, doce e penserosa violêta, a hibernar solitária, abafada no carcavão de urtigas, sôbre cuja crista fulva e causticante sorri ainda, por vêzes, o girassol de um soneto ou de uma quadri-nha-de-aniversário, de Palmira — mas, um girassol desmaiado, sem a seivadas opulentas flores de "Roseira-Brava", heliotrópio de fim de estação, na paisagem triste. O ar mefítico da província até a esta nossa "Regina poetarum" vai racionando o oxigênio, embora, desde o berço, jamais tenha ela tido necessidade de lutar no mercado, para comprá-lo. E esta é uma questão tremendamente vital, na "Sala de visitas da Europa", onde meia dúzia de filisteus ameaça instituir o câmbio-negro dêsse gênero de primeira necessidade...

Didí Câmara Cardoso que, uma vez publicado o seu primeiro livro, será proclamada digna de diademar a frente com a mesma auréola que resplende sôbre a de Gilka Machado e a de Cecília Meireles, não conseguiu, em janeiro deste ano, reunir no teatro "Carlos Gomes" mais de trinta ouvintes para um recital em que declamou alguns dos seus extraordinários poemas esotéricos. Os "18 de Copacabana", que lá viveram essa hora de incomparável deslumbramento espiritual, sabem quanto é extremo de exagêro o nosso prognóstico, sôbre o futuro intelectual da autora de "Chamas". Ela, porém,

não se deixará asfixiar aqui. Despertada à voz cordial de Whitman — que desvenda a todos os poetas o panorama dinâmico do mundo — consta que vai para São Paulo. E ainda há sujeitos indignados, beatamente, com Vargas Vila porque afirmara que a Colômbia era ambiente muito mesquinho para o seu gênio! Como se um ninho de tico-ticos ou de cucos fosse pouso para uma aguia; para uma ave-do-paraíso, ou uma cotovia, um leirão de couves...

Mas... e, os que, embora com o pé-de-trincheira deste provincianismo congelador, não se conformaram, senão por força de circunstâncias irrecusáveis — daquelas que fizeram a Galileu dobrar os joelhos diante do oficialismo tonsurado e renegar a verdade científica —, com o chá-de-mastruço da literatura doméstica, com a prisão-de-ventre crônica e as férias de estômago da burocracia, reagindo cruentamente, secretamente desiludidos, recalcitando na faina sisífica de sapo no pé do boi:

— Câmara Cascudo, Hércules acorrentado no socavão do forte dos Santos-Reis, Briaréu a biscatear com um dêdo das cém manóplas, São-Cristóvão bonacheirão, escrevendo prefácios para livros de cordél, os largos ombros cheios de macaquinhos e saguís assombrados com a correnteza; Esmeraldo Siqueira (êste, poderia dizer: "Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage!"); Edinor Avelino, embatatado, em Macau, com a prebenda de uma inspetoria agrícola; Edgar Barbosa; Manuel Rodrigues de Mélo; Bezerra Júnior; Israel Nazareno; Américo de Oliveira Costa; Rivaldo Pinheiro; Rui Câmara; Raimundo Nonato Fernandes?

Lindamente ilhados (e menos do resto do Brasil e do mundo, que dos próprios incolos da ilha ilustre), consolando-se melancolicamente, com a platônica, desenxabida recreação espiritual de trautear, cada qual sob o seu coqueirinho robsoniano, a solfazita radiofônica do tango "Renúncia". Desmentindo, com um sorriso amarelo, o "aquila non capita muscas", dos Romanos...

Esta, sim, é a vidóca inexpressiva, apática e estanque, dos "clérigos", no caravanzará de Mercúrio, tenda cáqui do novo Midas do hemisfério; mais liliputiana, ainda — fóra do império gôrdo da barganha e do roubo no péso—, que aquêle vilarêjo sôrna e estercorário da anedota: tão pequeno que, quando os vagões entravam na estaçãozinha, a locomotiva resfolegava no distrito de outro município...

Para essa malaventurada turma de amigos de Romain Rolland (e queremos significar, na expressão, a persistência apostólica no idealismo puro, de âmbito universal), sômente haveria recurso, fóra da aventura política, que está fazendo periclitlar, hediondamente, o lindo destino intelectual de Romildo Gurgel — na meditação dos transcendentais tratados de mestre Kardec. Para uma "fêzinha" na rolêta da Reincarnação!

Reparem que bom: — em regressando ao cadinho do planêta, curado da lepra do talento, que incompatibiliza irremissivelmente com a ambiência

solecística e utilitarista da província, realizar o ideal decantado por Des-Essarts, em "La Vie Lumineuse:

**Sur le blanc pièdestal de la sérénité,
sans élan surhumain, sans orgueilleuse envie,
heureux d'un idéal visible et limité,**

controlando seus anseios, poupando a seus sonhos quedas éas nuvens ou dos "arranha-céus", ritmando sanchamente a existência

**au soleil fugitif, au mois, à la saison,
à tout ce qui se voit, à tout ce qui s'achève,
aux contours arrêtés d'un petit horizon,**

exatamente como se dá com o mais desalmado, o mais chucro, o mais intestinal nêsses invejáveis burguêses do "Trampolim"...

Afigura-se-nos bem admissível estejam ruminando o sublime problema, a estas alturas da "hecatombe", preferindo as frutíferas hipóteses da palinogénia ao atrás, compulsório exercício da literatura de "suelos" sôbre a carestia e trovinhas genetiâcas, um poeta como "foi" Jorge Fernandes, um crítico literário como "foi" Nascimento Fernandes, um jornalista, um estilista como "foi" Pruno Pereira, "et j'en passe et des meilleurs". Aliás, também, ao fim desta nossa rápida vilegiatura através os eremitérios do "atoll", temos a registrar a apostasia de Edgar Barbosa — a pena que escreveu aquêlo belíssimo poema das "Cidades Mortas!" — e que se arranhou com uma tóga, na roça, entre os perigos e os estímulos realistas do território continental, "urbi sunt leones".

Aos que ainda levam a sério a literatura, sirva-lhes de encarceramento, para se corrigirem da pertinácia sedentária, o exemplo de Ferreira Itajubá.

Tarde, de mais, fugido da ilhota bloqueada, onde viveu com um despertador a alarmar no estômago, morreu de miséria, de lirismo confiante, de fome progressiva, num catre de indigente, engeitado da terra cuja amarga, implacável ingratidão contrastou êle com filial abnegação, cantando, entre as lágrimas do ostracismo mais pungente:

**Numa nesga da pátria, onde em noites de lua,
parece um lampadário a Natureza nua...**

Lembrem-se do formoso Satã das mentiras e das verdades mais bem vestidas da literatura inglêsa, Oscar Wilde, com bem pouca justiça fóra da moda. Lapidariamente, caracterizou êle, em "Intenciones", o tipo psicológico do torturante drama em cuja treva sucumbiu o meigo cantor da nossa gésta lírica, e onde hão de ainda sucumbir "os outros": — "La sociedad perdona a veces al criminal, pero non perdona nunca al sonador".

II

NO TEMPO DE MECENAS



ra o tempo da construção das primeiras estradas de rodagem para a interlândia, estradas embora ainda primitivas — carroçáveis—, na terminologia dos técnicos, mas estendendo no rude sistema circulatório da província, através da caatinga que só os tardos “comboios” devassavam, as artérias por onde os brutais GMC e os fordécos abelhudos foram levando aos sertanejos os segrêdos da Civilização... Era o tempo da desobstrução da barra do Potengi e a dinamite andava desventrando fragorosamente a “Baixinha”, visando-se a atual acessibilidade ao porto. Iluminação e tração elétricas. Criação da Escola Doméstica, o mais belo dos grandes poemas de Henrique Castriçano. Instituição dos grupos-escolares-modêlo e da Escola Normal.

Herculano Ramos, atraído da Bahia por Alberto Maranhão, e que era um maravilhoso arquiteto, um poeta da geometria, urbanista gentilíssimo, levantava êsse madrigal a Melpômene e Talia, que é a linda fachada do teatro “Carlos Gomes”; filigranava em arabêscos e florões de caprichosa leveza e graça oriental, os caramanchéis dos jardins da cidade.

O governador, centro dessa fase efervescente e fecunda da nossa cultura, esplêndido padrão de democracia espontânea e de beleza física, eugênico antecessor da sorridente irradiação pessoal que, quatro decênios adiante, faria de Roosevelt o mais popular, o mais humanamente representativo dos cidadãos do mundo; medularmente comunicativo, acessível ao trato do último plebeu do burgo republicano, confraternizava com a inquieta juventude dos grupos literários; escrevia na “Tribuna”, no “Oasis”, era sócio militante do

"Le Monde Marche", do "Centro Polimático", da "Divisão Branca" (sodalício diversional, cujos membros adotavam os nomes dos navios da nossa esquadra desde a primeira visita feita por esta ao pórtio). Tomava "drinks" de espirodina, em comum com os mais humildes funcionários de Palácio; fazia piqueniques nos quais admitia o gososo solidarismo dos repórteres do órgão oficial, cavaqueando com êles à sombra das perfumadas jabuticabeiras do coronel Estêvão Moura, morubixaba de São Gonçalo. Finissimo aristocrata de espírito, conservando galhardamente, em qualquer oportunidade, o respeito e o pundonor da alta função pública e social que incarnava, cedia sempre, nesses interlúdios encantadores, àquele imperativo de sua "bóssa" igualitária, do seu generoso, exuberante humanismo — quase um recalque, um resíduo psicológico da sua consanguinidade com os rudes Albuquerquees que, na defesa da capitania, haviam pelejado contra os mandatários de duas cabeças coroadas da Europa. Embora jamais tivesse chegado ao extremo romântico em que Câmara Cascudo, remexendo no baú da História, apanhou aquêlo notável presidente de província, autor da formosa serranilha "As andorinhas": — ombro a ombro, com Antônio Elias, contínuo de Palácio, e autor da sófá, numa "farrá", na Rua-do-Fogo, assinando o expediente em cima do violão de jacarandá...

Alberto Maranhão mandára buscar, no Velho Mundo, os componentes da celebrada orquestra sinfônica do "Carlos Gomes"; o pianista Russell, o violoncelista Babini, o violinista Nicolino Milano; Smido, notabilidade como compositor e que, mais de trinta anos após, falecia no Rio de Janeiro, aureolado pelo pressuposto de uma gesta heráldica: — fôra figura da mais extrema aristocracia, ligada ao tronco genealógico da família reinante. O maestro espanhol José Borrajo era o regente da banda musical da Polícia. Tóta Paulino (ainda agora semi-vivo e ensinando no "Instituto", que Valdemar de Almeida tenta desesperadamente salvar do cupim indígena do "Já teve"), inventava a flauta vertical e trazia do Pará a maravilhosa novidade do xilofone. Junqueira Aires, advena baiano, deputado federal pelo partido do governo, era o ardego chantecelêr da tribuna política, patativa dos salões no floreio dos brindes, paladino flamante do grã-sonhor do condado, e sempre com uma rosa de retórica na ponta do florete.

Antônio de Sousa (o **Polycarpo Feitosa** que, depois, escreveu "Flôr do Sertão", "Gizinha", "Gente Arrancada", "Moluscos", magníficos romances regionais, que não lograram, nem podiam lograr, na **Esquina**, o julgamento que lhes tributou, entre outros, um Afrânio Peixôto), assinava um artigo diário na "A República", e muitos deles em adorável francês. Eloi de Sousa, autor e defensor, na Câmara Federal, do projeto de combate às sêcas — obra vigorosa, de síntese científica e sobria beleza literária — elogiada por especialista da altura de Roderic Crandall; egrêso da Europa e do Egito, aonde fôra em estudos experimentais do problema, já brilhava singularmente, com tôdas as poderosas e complexas qualidades inatas que lhe conquistaram o justo título de mestre, entre os nossos jornalistas. Castriciano, no recato do florido pseudônimo de **Rosa Romariz**, firmava crônicas deliciosas, eruditas, em puro

estilo renaniano, quanto à forma, enquanto que, no *abstractum* espiritual, docemente impregnado de sutil religiosidade, de penetrante misticismo cristão, aflorando, como a redolência dos jasmims na mansuetude da tarde, nas páginas incomparáveis que então escreveu, ao regressar da Palestina. Talvez já sob os favores da lei 145, de 6 de agosto de 1900 — que obriga o Tesouro a custear a edição de livros do Estado ou nele residentes há mais de dez anos—, publicava “Irriações”, “Vibrações”, “Ruínas”, “Mãe”.

Saiam à luz o “Hôrto”, de santa Auta de Sousa, com um mesquinho, centimetral prefácio de Olavo Bilac (perante Castriciano, fnais tarde, o nababo de “Via-Lactea” penitenciou-se da sovínice, confessando que era o suavíssimo oblacionário da “cotovia mística das rimas” o seu livro de cabeceira); “Cismas”, do irrequieto Juvenal Antunes, vivaz antecedência domestica do Pitigrilli, traduzido em decassílabos; “Santelmos”, todo em meias-tintas delicadíssimas, sobretons indecisos na paisagem dolente, do ineigo Francisco Palma; “Alma Deserta”, escrito com punhos de renda da Bretanha, do aristocrático Sebastião Fernandes, deslumbrante orador, causeur irresistível, oimista gentil, acima das cruéis incidências da neurastenia hereditária (diante de fosse que fosse, em aflição pela iniquidade dos contrastes da vida, sempre encontrou recurso fácil e persuasivo, na sua maravilhosa feitiçaria verbal, para convencer o interlocutor de que era possível “tenir en cage” o ambicionado pássaro azul de Maeterlink); Severino Silva, muitos anos após corôado “príncipe dos poetas paráenses”, dava “Poemas de um doido” que, de resto, nem de longe indiciava os futuros triunfos; Ivo Filho, com uma indefectível la france na lapéla, flamejava em madrigais, com os “Crisantêmos”; Ana Lima, à sombra plácida dos penátes, na doçura e no silêncio do vergel familiar, cujo delicado perfume era do seu coração que vinha, todo Clóris católica, compunha os graciosos ramalhêtes das “Verbanas”. Homem de Siqueira, carregando nos ombros ciclópicos uma legenda romântica de bravura à D’Artagnan, nos entrevéros de estudantes com esbirros dos caudilhos pernambucanos, condiscípulo de Castro Alves e Tobias, publicava sonetos, que ainda hoje são lidos; Josué Silva, Deolindo Lima, Antônio Glicério, picotavam o confeti policolor das trovas; João Estêvão Gomes da Silva, com êste nome de bodegueiro, fazia um humorismo saluberrimo, ainda vivaz e saboroso, soltando vadiamento da palestra, sob aquela fachada macambúsia e dispéptica em que esconde o talento, como uma velha carapaça de uruá uma véspe de ouro. Segundo Vanderlei era o “Papá-Hugo” municipal, festejado e querido, a cabeça branca diademada pela fama do Naufrágio do vapor “Bahia”; encontrando esta imagem, digna do formidável malabarista do Verbo, criador de Gilliat:

**“De cerúleo alcantil aguia tombada,
mergulha o sol no Létes do ocidente”.**

A Dalila sobredourava o ritmo espiritual das quintas-feiras, em casa de Pedro-Velho, êle próprio ao piano, entre dez a doze rapazes de talento, que

recitavam Lamartine, trechos dos Châtiments, Stecchetti, Byron, Castro Alves, Luís Delfino, Guerra Junqueiro.

Lourival Açucena, leão da fauna social do subplano, chefiava “pândegas” sensacionais, tratado e amimado a biscouto “Pilar” e vinho-do-Pôrto do mais genuino. Catulo da Paixão Cearense havia lançado na serenata o “Talento e formosura”. Antônio Marinho, com uma faca na cava do colête, e a pena acerada, agitava polêmicas, nessa Versailles tapúia.

Na “esquerda”, entrincheirados no “Diário do Natal” e na “Gazeta do Comércio” — que os puxa-sacos de Pedro Velho, afinal, destruíram —, pontificava Pedro Avelino, fenomenal matuto angicano, até hoje a maior figura que tivemos, na imprensa, liderando aguerrida e cintilante falange. Sua luzida vanguarda era formada por Pedro Alexandrino, antigo operário de tear e marceneiro, analfabeto aos 25 anos e, agora, reputado professor, vernaculista destruíssimo, cronista policrômico, escritor consumado (Os verrineiros oficiais xingavam-no de Professor Jaqueira, em consequência de uma glissade célebre na conjugação do verbo francês “acquérir”, durante seus exames de preparatórios, no Ateneu). Pedro Alexandrino publicava, nos intervalos da polêmica política, rutilantes páginas literárias, muitas delas versando temas controversos de filosofia, cheias de caprichos e virtuosidades linguísticas — esta, “sem verbos”, essoutra, “sem qualificativos”, aquela, “sem pronomes”. Elias Souto, o Marat da rua-da-Conceição, doente, mirradinho, paralítico, chumbado à sua cadeira de rodas, mas terrível, impiedoso, pertinaz, brocando e metendo pólvora nos alicerces do **Hotel Ramboulet** pedrovelhista. Francisco Pereira e Augusto Leite, poetas ambos: o primeiro, ainda vivo, residente no Rio, é autor dos aplaudidos, canóros “Sonetos Amazônicos” e, Augusto, uma alma de cecém dos vales, perfumando um caráter adamantino, mártir da vida sedentária e azucrinada da tipografia de caixêtas, antes da luz elétrica e do linotipo — autor da imortal modinha **Profundo dissabor me envolve a vida**.

Mais tarde, e ainda sob o prestígio eletrizante desses signos criadores que azonavam a atmosfera da província, floresceram Gotardo Neto, Ponciano Barbosa, Murilo Aranha (estes, esperando tranquilamente no seu túmulo, a justiça da posteridade), e mais outros, todos eles aclamados, integrados na elite cidadina, a não ser os que, voluntariamente, dela se conservavam segregados. Era o caso de Gotardo Neto, que um amor contrariado por preconceitos de família transformára em cenobita, escondido em casa do pai, onde constantemente lhe chegava a manifestação do carinho popular, em pedidos de sonetos para festas, de crônicas — belas crônicas, num vernáculo de boa veia metálica, sonoro e parecendo trabalhado em prata —, para os numerosos pequenos periódicos literários e humorísticos; de discursos que êle, estacionada a multidão das “passeatas” diante da hoje legendária casinha da rua-do-Quatorze, pronunciava da janela, a barba hisurta como a de um pastor macedônio, trêmulo, pálido, a agitar a mão translúcida, envergando um roupão de chita estempada — ídolo indiscutível da mocidade estudiosa desse tempo.

Era Natal, assim, verdadeiramente, por força de tanto progresso, daquela imigração ilustre, e dessa dinâmica agitação cultural, desse ritmo vital de seleção e de estímulo, a **Esquina do Mundo**, muito antes do crisma que a literatura de guerra, por outros motivos infinitamente menos propícios, lhe arranhou. A literatura; e a ironia, que tantas vêzes acerta.

E, no entretanto, cusparando melancolicamente no piso de um casebre de tapá da Ribeira, fazendo versos eternos,

* * *

“cantando o mar sereno, o fôgo das lareiras,
“e o verde milharal nas risonhas clareiras”,

Ferreira Itajubá, o renovador da poesia lírica norte-riograndense, preso à tipóia pelo indecoroso estado das botinas, falhava à tertúlia do costume, em casa do autor de “Folhas Mortas”...

POESIA Versus GRAMÁTICA

I I I



Antes de Ferreira Itajubá, nenhum poeta, entre nós, exercitára os temas inspirados na intimidade, na ternura, na interpenetração da paisagem noturna, endosmóse sentimental, orientada para a serenidade placentária da gleba, ansiosa aspiração da plenitude no sonho, e que Raimundo Correia já sublimára num soneto inesquecível:

**E a terra, a mãe comum, que eu amo tanto,
para a nudeza me cobrir dos ossos,
rasgue alguns palmos do seu verde manto.**

As pequeninas cenas familiares da vida cotidiana da província, antes que a lâmpada incandescente do Aladin norte-americano tivesse pôsto a nu aquela inocente mentira do “calôr ideal da lamparina acêsa”. Deliciosos flagrantes do convívio popular nos arrabaldes. Festas da igreja, noivados cheirando a cravo branco e manjerôna. Bacorinha, calças de brim HJ e fraque, trunfa com brilhantina “Fleur d’amour”, oriza no bigode, a lapêla com uma rosa ou um raminho de “melindre”; sapatos Luís XV, meias de fio da Escóssia, blusa de fustão, fichu para as velhas, echarpe de sêda para as môças, uma cravina ou um estafanote, no bondó, fita de sêda ou gorgurão no ébano das tranças...Pique-niques, colheitas de milho verde e gergelim nas “beiradas”, folias juninas, semanas modinheiras atrapalhando luas-de-mel. Presépes, entruados, consoadas. Domingos católicos-romanos cheios de sol e de sinos festivos, “terços” de maio enchendo de melodias e aromas volutuosos a languidez das tardes. Comunicabilidade radiante, liturgia democrática, doce carolismo niveladôr, namoro-para-casar, a envolvente sugestão do cheiro do incenso e do alecrim, nos altares resplandescentes do senhor Bom-Jesus-das-Dôres, san-

grando — sòmente para as beatas — no gólgota de ouro do altar-mór .. Pescarias, ao rojão das violas “maneiras”, nas praias transfiguradas pelos espetaculares plenilúnios de agosto. Idílios na “solidão tristíssima dos môrros”. Nomes de frutas agrestes, ainda gôticuladas de orvalho, ressumando a seiva redolente, coberta de abêlhas, picadas de sanhassus. Apólogos de velhos cajueiros “derribados na vindíma”. Costumes, sentimentos, amarguras resignadas, quadros romanêscos, lendas e abusões simples da riba do mar e do sertão — em cujos céus cálidos e diáfanos as avoetas pareciam ao poeta

**nuvens despedaçadas,
bandeiras leves
desenroladas,
leques abrindo,
leques fechando,
novelos fôfos
no céu rolando,
alma em busca
dos sonhos seus,
lenços abertos
dizendo adeus.**

E as sombrazinhas hospitaleiras de oitões batidos do nordeste? E os tresmalhos a enxugar do vucu-vucu dos lanços, à ilharga dos alpendres florados de “bôas-noites” e malvões vermelhos? Tríduos rumorosos, nos Santos-Reis da Limpa, com devoção e arruaças, com os bisonhos “uhlanos” de Joca do Pará, a voz de Deolindo Lima numa barraca a fervilhar de morenas, cachaça com caju da Redinha, o governador fazendo “parede” com voador assado; Jonas Cardoso, numa roda de poetas, floreado discursos a Jesus e ao mar. Namoradas que eram “limas de carne”, “rosas da culpa”. BRANCA, “Mireille” dêsse mistral analfabeto, “Iracema” dêsse Alencar encadernado em zuarte, mimosa e desdichada heroína do “Terra Natal”, morta de saudade aqui, entre as floridas laranjeiras e rosais da mãe do poeta, enquanto êle, na reincarnação quimérica de um marujo de Loti ou Barnardin de Saint-Pierre, “por climas alheios”, num “veleiro batel”, fundia em canoros alexandrinos, a escorrerem lágrimas como a prôa do barco fantástico a água amarga das ondas, a odisséia pungente...

Uma quadra assim, desarraigada do pobre coração a sangrar, quando na mansarda soturna, já sem o consôlo da presença materna, menagem pevoada de meigos abantesmas doloridos, tímida purpuresce a evocativa madrugada das horas amenas, e a lua sobe, “oeil d’immemorial ennui”, desfigurada na sua palidez shakespeareana, “como se se tivesse erguido de u’a moléstia”:

**Corre, pranto invernososo! orvalha a grade
da solidão do meu viver incerto!
Como sangra o punhal desta saudade!
— que mal me fez êste postigo aberto!**

E, tudo isso, impregnado de constante indefinição plástica, impreciso, flutuante, perispírito de uma poética virtualmente vigorosa e original, a que sua deplorável carência de cultura lhe impediu dêsse corpo hígido e harmonioso, comunicasse a essas descrições certo objetivismo, viável mesmo através do seu permanente orgasmo romântico, objetivismo que à sua obra teria conferido valor folclórico.

Mas, quão sensível, a beleza e a novidade dessa poética, na evidência do “tonus” pessoal, seiva de mata virgem quintessenciada em aromas vagantes, “espinho cheirando a flôr”, obrigando a reações de alarme a viciada glândula olfativa do mais présto em captar a presença de qualquer das tinturas arcádicas, de exportação peninsular, e que até então andavam almiscarando a lírica indígena! Gênio telúrico, a expluir em esto imaginativo, colorido vibrante, dulcíssimo amavio vernacular, perfumado de reminiscências bíblicas; embora, aqui e ali, para angustioso contraste — boninas a vicejar e a rescender sôbre estêrco — a miúde reponte aquela inevitável tendência plebéia, aquela crassa diátese do solecismo, que tanto lhe inquinou o estilo, e era tão notável modalidade na sua palestra.

Para Baudelaire, entretanto, a poesia era a inocência reencontrada, “la poésie est l'enfance retrouvée”. Pois, inocência, antes que tudo, muita inocência interior, candura lírica, musicalidade campesina, “grâce trouvère”, naturalidade integral — eis as características potenciais do êstro itajubalino. Primarismo ingênito, misticismo pastoral, infantil despreocupação das torturas da cafúia lexicologica. Ilustração viva, total, personalíssima, do postulado spinoziano do velho Briand que, antes de fino político, era, como todo francês de elite, pensador e artista consumado: — “A Arte foi inventada para corromper a Natureza: uma pobre árvore vale bem duas estátuas”. Assim é que, por exemplo, não se pode negar beleza a uma trova de Fabião das Queimadas:

O nome de mãe é doce,
que nem a fruta madura,
o doce da fruta passa,
o doce de mãe atura...

Em plano mais realista, mais direto — desabusadamente experimental —, confirmava, na mesma época, o insuspeito Vargas Vila, “acre e inflexível professor de liberdade”: El hombre de genio no se dá la pena de violar leys ficticias de lenguaje; las olvida: eso es todo.

E aí está, porventura, uma simpática justificativa — mais uma — a prol de Ferreira Itajubá, para quem sempre constituía a Gramática a mais longínqua abstração. Porque êle foi, em tôda a extensão daquele postulado revolucionário, e mais que outro qualquer poeta, na história das nossas letras, o exemplo do que, no conceito de Lasserre (citado por Grieco, em “Vivos e mortos”), vale a superioridade do gênio sem estudos e da inspiração sem arte.

IV

ÚLTIMA FLÔR DO LÁCIO INCULTA E BELA...



A poesia de Ferreira Itajubá, profundamente temperamental, intimamente ligada aos seres e cousas do pequenino universo nativo, tem o travo gostoso de fôlha de camboim e murta esmagada entre as narinas e os lábios, pisadinha sob os pés nus de uma estúrdia e ofegante praieira, a bater mato, em manhã de neblina e sol. Graça e fragrância vernal de rama de pitangueira, agitada pelo vento marinho, espalhando no chão do terreiro pitangas e flôr.

Bem ao contrário do que, então e ainda muito tempo depois dele, se fazia, procurando, num extemporâneo e pedante peregrinismo, animar temas e exaurir processos literários havia vinte anos em vóga na Europa, a geografia, nos seus poemas, não saiu do âmbito azul e ensolarado das nossas praias.

Mesmo com o pensamento — que é capaz de fechar num périplo de segundos a circunavegação do Infinito — nunca foi além do Pará, quando mais longe, e apenas em pensamento, viajou. Era marinheiro de água doce.

De Natal a Galinhos; daí a Touros ou a Petitinga e ao Rio das Garças, seu ilusório navio de aventuras nunca ultrapassou, em tonelagem e raio marítimo, a modesta realidade do pequeno bote de pescadores, com duas velas amorenadas pelo sol, pelos ventos e pela salsugem da costa, a encalhar nas enseadas deslumbrantes ao plenilúnio; abicande às rampas hospitaleiras das aldeias praianas, para uma canção às namoradas:

sejas feliz, entre as famílias
que te cercam, nas praias arejadas...

Uma “perninha” num côco, ao som da viola ou do ganzá; um casamento rui-

doso, na choupana de velho amigo, certo Nemrod marinho, com anedotas de pescaria de tartarugas nos baixios, e onde o seu verbo devia deslumbrar os circunstantes, como São Francisco cutrora aos pássaros e aos lóbos, o bom Santo-Antônio de Lisbôa aos peixes ávidos da isca do Evangelho.

Uma geografia humilde, bairrista e familiar, balisada por veneráveis cajueiros em flôr, “pelos coqueiros misteriosos, plantados por frei João do Amor Divino”, pelos cabêços de dunas alvinitentes, sôbre cujo contôrno, azulado pela distância de meia dúzia de milhas, fazem os pescadores o rumo cotidiano de ida e volta sôbre o mar.

Se tivesse nascido com a bóssa naturalista, teria de muito superado a Hércules Florence, espécie de grande poeta, irrevelado pelos versos, explorador romântico, meio gira, e que, segundo Rocha Pombo, andou pela Amazônia, no piso de não nos ocorre agora qual dos pioneiros da selva humboldtiana, anotando no pentagrâma o canto das aves, serenissimamente desatento aos demais trabalhos científicos da expedição, indiferente às outras mil e uma vezes do fecundo mistério e da bárbara poesia da “jungle” equatorial.

Se empunháa o pincel, impressionista deslumbrado com a luz feiticeira de que se douram e acatassolam todos os quadrantes do nosso clima, teria pintado, com mais frescura e mais vida do que o fez Edguard Manet, o *Déjeuner sur l'herbe*. Era um dipsómano da “bebedeira verde”, que Agripino Grieco descobriu em Castro Alves, tôda vez que o “monstro” sublime de A Cachoeira de Paulo-Afonso mergulhava o plectro na palhêta do sol, para cantar a natureza...

Porque nasceu simples e puro poeta, justificando e elevando até às lindes aclaradas e eternas da Beleza o liberal conceito da quadrinha famosa,

**Rio Grande do Norte
a capital é Natal,
em cada esquina um poeta,
em cada rua um jornal,**

celebrou essas cousas e êsses aspectos íntimos e familiares da nossa paisagem, do nosso espírito ingênuo e impressionável, tão sensível ao colorido e à musicalidade; do nosso incoercível saudosismo — herança anímica da nossa trilogia ancestral, coordenada étnica que é ainda uma fatalidade, evidente mesmo, segundo o testemunho de Graça Aranha, no intelectualismo, no universalismo à outrance, no **hermetismo** apenas formal dos chamados “futuristas” ou, seja, modernistas.

Tais qualidades de expressão e interpretação fizeram de Itajubá o nosso poeta mais característico, o mais acessível ao visceral emotivismo do povo. O mais representativo da sua apaixonada maneira de compreender, reagir aos sentimentos, e expressá-los; de viver, em tôda a linha, a plenitude deles, na conformidade dos seus inesperados recursos de exteriorização emocional e artística.

(Ainda o ano p. passado, escrevendo sôbre o São-João na praia, Ricar-

do da Cruz, poeta popular, contemporâneo e amigo do “minnersinger” do Terra Natal, disse que a sanfôna é um piano de vento. Itajubá não só classificaria esta imagem de “trabáio limpo”, abraçando ruidosamente o autor; ter-se-ia sentido feliz e orgulhoso de inventá-la, metendo-a num soneto).

Não devemos fugir à oportunidade de transcrever-lhe

D E S T I N O

— Viajor, para onde vâis? — Para as sombras doridas
que rolam, negrejando, a argila das ossadas.
Levo na alma a visão das alegres jornadas
que fiz, ao pálio azul das noites divertidas.

Asa que o vento leva a plagas desconhecidas,
nunca me esquecerei das verduras frondeadas.
A neve ainda me cai das messes derribadas,
o corpo ainda me dói do leito das perdidas.

Fica, lá, na choupana onde o amor me brotára,
um lírio — minha Mãe que, pelo filho amado,
régua o chão da saudade em flôr que êle deixára.

E minha triste irmã? E minha noiva, olhando
o rumo que tomei? Deus, que nos muda o fado,
— Deus se lembre dos três lírios rôxos chorando!

Não possuímos *Harmonias do Norte*, livro através de cujo texto original, aliás — sabemo-lo todos—, andou mão estranha, numa fúria de heresia necrófoba, emendando, substituindo, desnaturando, de acôrdo com o maldito “espírito gramatical”, muitas expressões, muitas imagens, versos trêzeiros que, na forma daí por diante postos, muito perderam do virginal, sabroso, inimitável pitorêscico da primitiva publicação.

Importa-nos, de resto, nestas transcrições, exclusivamente, a versão conhecida antes do livro, a qual estava autenticada pela presença do poeta, proterimos seus defeitos, que lhe não desnaturam, não lhe escondem a personalidade, às desfigurações, às mutilações, às interpolações que lhe descaracterizaram muitas páginas, tanta água chóca lhe adicionaram ao capitoso do vinho — espumante môsto de caju vermelho, de Igapó ou Guarapes, aperitivo e sensual, entrando nas veias como um beliscão de cabôcla...

O soneto acima reproduzido possibilita apreciação persuasiva e suficiente — além dos exemplos que ainda exporemos — das características em que se conforma (ou se desconforma, segundo o postulado goetheano) o estilo, a *manière* de Itajubá: o meneio da frase: certas expressões, a cujo imediato sentido lexicológico impõe êle, vê-se que por méra intuição, significado

muito mais lato, neológico; certas construções sintáticas, a miúdo empregadas — no verso ou na prosa; um conjunto elocutivo tendendo ao modernismo, a uma espécie de *argot* perifrástico, de lógica e arquitectura aqui e ali espantosamente rebeldes ao “Corpus Juris” académico, mas revelando material riquíssimo, garimpado a mancheias à orla da opulenta mina de ouro e pedraria do idioma. Barulho de lapinha e serenata, no ateneu da Semântica. Uru cheiroso, tecido de espátas de coqueiro ainda úmidas, e repleto de frutas silvestres — rubí das massarandubas, ónix das guabirabas, topásio nas ameixas, guajirus de ametista queimada—, cachos dourados a reluzir, espigas túrgidas como seios pudescentes, indo da roça fecunda, sob o frêmito germinal das madrugadas, entre cantigas e risos, “na tapada de Damião de Góis”...

Cousas que podem estar à margem da Arte com A maiúsculo, à margem da Gramática cinerária e tardígrada dos medalhões; mas que estão, indiscutivelmente, dentro da Poesia — com o seu sadio nativismo, com a sua cardinal, tenaz rusticidade, vibração poderosa, contribuição criadora do génio, inestimável aquisição para o património do nosso espírito, sangue jovem na dessorada fibra lírica do nosso pernasianismo, do nosso classicismo mimético e livrésco.

Tudo, enfim, novo e belo, original, revolucionário — sem que êle soubesse ou quisesse — e quando ainda tão quente, em todo o Brasil, a influência de Castro Alves, que a tantos talentos algures fecundou, concomitantemente forçando a se revelarem tantas mediocridades incapazes de sobrevoar a cêrquilha de melão-de-são-caetano, o muro de cacos de vidro da província.

Tudo que, antes dele, não tivemos a coragem — nem a felicidade — de dizer, nós outros, poetas ditos cultos, “prisioneiros dos belos vocábulos”, epígonos atormentados do velho diabo-artesão de Salambô, devotos de frei Renan, do mágico sorridente de *Le livre de mon ami*, de Banville, de Bilac, e também de Eça de Queirós, posséssos irredentos desta nevrose trágica da Perfeição — Cruz sem domingo...

Constituem, por isso mesmo, o estilo e o vocabulário de Ferreira Itajubá, tema dos mais fascinantes. Crítica, exegése filológica, biografia, folclore, psicologia, psicanálise e, se quiserem, filosofia, combinados, no sentido de explicar, justificar, defender, mesmo, o porque de muitas locuções, da surpreendente novidade de adjetivação, das perífrases que exigem pesquisas sôbre o dicionário compulsado pelo poeta; das parábolas — verdadeiras parábolas—, no seu obscuro, sibilino significado específico, repontantes em centenas de estrofes suas.

Página a página, é o Terra-Natal exaustivo documentário dessas peculiaridades, que esperamos estejam superiormente minudenciadas, à luz da moderna filologia, pelo seu sapiente biógrafo, professor Clemenino Câmara.

A originalidade da elocução itajubalina, na sua agreste, genuína beleza — espécie de pico no agrídóce da bananilha das bromélias da várzea —

irrecusavelmente impõe essa tarefa aos naturalistas do idioma, aos botânicos da "última flôr. do Lácio inculta e bela".

Uma estimulante oportunidade, que se lhes antoja, de sentir quão pessimista logo parece o conceito do rígido escultor de Eurico, o atrabiliário anacorêta de Val-de-Lôbos, ao afirmar que o Português é "o tûmulo do pensamento".

V

VARIAÇÕES SÔBRE UM CONCEITO DE ÁLVARO LINS



mplamente, podemos aplicar à poesia de Ferreira Itajubá — uma poesia tóda realizada dentro dos domínios da sensibilidade (e por isso é que êle foi um **romântico**, um **moderno**, em pleno parnasianismo, no classicismo a que estavam, os demais contemporâneos, filiados de casca e nó) —, o conceito que, a propósito da obra poética do sr. Augusto Frederico Schmidt, expendeu Álvaro Lins, na 1.^a série do seu reputado **Jornal de Crítica**:— “Esta sensação de vida e de mistério não se revêla só na substância poética, mas na forma em que se exprime... Será inevitável, então, a sua incontinência verbal, e a ânsia com que multiplica as palavras para que transmitam os sentimentos e as idéias. Mesmo assim, ainda será preciso que adivinhemos o que está para além das palavras. É que em todo verdadeiro poema — continua o límpido analista da **História Literária de Eça de Queirós** — há de ser notada uma certa imprecisão de palavras. Esta impressão é visível nos mais belos e poderosos poemas de Baudelaire. André Gide lembra que também será notada no mais clássico de todos os francêses, Racine; e Verlaine fazia dela uma condição mesma da realidade poética. É que, em certos casos — conclui o crítico —, a palavra pode não ter o que chamamos prosaicamente “propriedade”, mas terá o que se chama, poeticamente, “super-propriedade”.

Eis aqui o têrmo que define, à maravilha, a poesia itajubalina. Ela impõe, logo ao primeiro contato, a procura dêsse “super-sentido”, não apenas nos versos, mas nas palavras com que são construídos, se quisermos compreender, não o poeta em si, o homem cujo talento não encontrou estímulo, antes e depois de se manifestar, no “meio” em que sempre foi um “indesejável”,

um inadaptado, um espoliado (esta é a tarefa da justiça histórica, da moral sociológica) e, sim, captar, receber “em espírito e verdade” a beleza da mensagem que éle nos transmitiu — a volta ao natural, o culto da terra fecunda, a presença da paisagem ridente, a alegria de viver, o amor sem ironia e sem artificialidade, interpretados com a mais profunda e cordial efusão de um ego plerótico de comunicabilidade e simpatia, visceralmente rousseauniano, enamorado da Natureza.

Esta, segundo Novalis, pode ser comparada a um instrumento cujos sons correspondem, todos, a outras tantas cordas secretas, que vibram em nosso coração. E não foi mais longe, ainda, Tolstoi, observando que tudo que há de mau no coração humano deve desaparecer ao toque da Natureza, “essa expressão imediata do belo e do bom”?

E o coração de Ferreira Itajubá foi uma vibração perpétua, melodia virgiliana, ressonância de ária pastoral, evocação dionisiaca sôbre a paisagem florescida, sôbre o mistério melancólico da *anima rerum circumdante*.

Como Dom Quixote na sua invencível lança, não só acreditava, fanáticamente, na Poesia. Viveu mergulhado nela. Cigarra, ela foi seu dia de verão dourado, água viva para o peixe, céu para a andorinha boêmia, luz para a clorofila, noiva para a saudade, mangueira em flôr para a canção do sabiá.

Por força de misteriosa fatalidade, sêlo psíquico da infinita, progressiva: revivescência dos avatares no planêta, e a que os indus chamam de “karma”, nasceu marcado por aqueles belos estígmata imponderáveis que, em **Tônio Krueger**, identificou Tomás Mann em certos aspectos particulares da fisionomia do poeta — facilmente reconhecível, entre os outros homens, **como um príncipe no meio da multidão**...

Chegado ao país dos lotófagos, o peregrino, em participando da alimentação dos nativos, irremissivelmente, e aos poucos, esquecia, a pátria. A flôr feiticeira do Ideal, que sustenta a chama interior, na vida diferente dos sonhadores, fá-los distanciareem-se da terra, das realidades e condições imediatas dentro das quais tem todo mortal comum de atuar, como o ladino Jacó das Escrituras, para o grangeio das lentilhas...

Estar em presença de Manoel Ferreira — indiquemo-lo agora, pelo patronímico popular entre os da sua convivência ordinária, o nome do conhecido-da rua, resumo do melancólico inexpressivo ou das dramáticas contradições do registro-civil, do Itajubá terra-a-terra, do viciado no vulgar dos gestos e do vocabulário, sem nada do sortilégio daquela homonímia ilustre da qual jamais se apercebeu (chamava-se Manoel VIRGILIO Ferreira Itajubá) — estar em presença dele, dizíamos, era encontrar a Poesia. Sentir a sua transubstanciação, o prestígio da sua estuante e irradiadora potencialidade, revelada sensivelmente no individuo prosaico e tangível.

Se quiséssemos concordar com os que consideram essa identificação, por assim dizer somática, êsse metamorfismo eufórico entre a Poesia e o poeta, o grande empecilho ao triunfo na luta econômica, *ipso facto* na vida social, poderíamos dizer que a **Poesia o devorou**.

Amável passatempo, pecado de mocidade de “bissexto” (os que, na famosa descoberta de Manoel Bandeira, apenas perpetraram um ou outro poemazinho inofensivo, na vida), é ela uma túnica de Néso, para quem lhe fizer o sacerdócio. Flôr venenosa, drósera infernal, tentadora na magnificente coloração das pétalas, irresistível na suavidade oriental do perfume, mas escondendo, no dulçor do nectário, a alma astuta de Lucrecia Bórgia.

Itajubá, poeta tresentos-por-cento — perdõem-me os tubarões da praça esta alusão, sem eiva de malícia, à sua nobre arte de prosperar — teria sido o coleóptero guloso, apanhado de cheio no alçapão do grande lírio carnívoro. Bômbyx incauto, hedonista do Sonho, o poeta se envolveu todo no seu casulo de ouro, onde o mundo acabou por asfixiá-lo indiferente à sua agonia, no bôjo devorador da autoclave dos fatos...

Verlaine, “le pauvre Lélian”, cidadão dêsse *Flos Sanctorum* de que a Igreja de Roma nunca tomou conhecimento, com exceção do caso do nosso amável confrade Francesco Bernardone, o meigo panteísta da Umbria bem que se inteirára, e logo num dos poemas de Bonheur 1, dos precalços dêsse metabolismo singular, mas espontâneo, entre a individualidade temporal do poeta e a transcendência dos valores místicos da Poesia:

**L'ennui de vivre avec les gens et dans les choses
fait souvent ma parole et mon regard moroses.**

Teria provindo, a derrota de Ferreira Itajubá, dêsse insulamento in-gênito da realidade material, dessa avassaladora, irredutível, insana idiosincrasia para as cousas positivas do cotidiano social, para a ação utilitária pura, que foram o “complexo de inferioridade” de Ariel, em face das vitórias de Caliban. Digamo-lo, com alguma generosidade, para dirimente dos que, a meia-náu entre o anjo e o subdemônio da criação shakespeariana, homens apenas, mas instalados na posse fácil das disponibilidades, podendo minorar-lhe o pêso da cruz, o não fizeram!

Era “o poeta”. Na terra, que tão amorosamente decantou, nem ao menos lhe permitiram a posse razoável daquele limitado contingente ideal celebrado por Plantin:

Posséder seul sans bruit une femme fidèle...

Seja como fôr — e a história, urbi et orbi, anda comoventemente ilustrada com essas obscuras tragédias — melhor que ao do jornalismo, vai lera aplicar ao exercício da Poesia o conceito de Girardin: de que é bom, contanto que se saia dele a tempo.

Alertado pelo seu bom instinto “animal”, Humberto de Campos, um ótimo exemplo, largou a Poesia na poeira, preferindo os ambientes requartadamente darwinianos e ultrareais, em que filigranou, na pele da fauna da alta sociedade, tatuando-a com o acerado estilete da anedota, a prosa do Conselheiro

Xis-Xis. Porque menos incômoda, de certo, a censura que pela prudente opção logo lhe assacaram certos lunáticos decepcionados com ela, que a pecha impiedosa de "Poeta", aplicada pela ironia dos filisteus, e com a qual explicam jocosamente todos os fracassos alheios, na vida prática. (O diabo é que alguns desses açambarcadores do bom-senso, afocinando algum dicionário antigo, pelo capricho de vêr figuras, entre um acôrdo de ensopado de sióba e uma baforada de havana, teriam descoberto — como Cabral, por acaso — que o Hélicon, morada de Apolo e das Nove Musas, ficava na Beócia...)

Cá na aldeola, safou-se prestes das armadilhas da sedutora dioneia, e do azar do apelido, o sr. Américo de Oliveira Costa, passando-se, com armas e bagagens, para a terra das formigas. E que delicado, sutil poeta lírico perdemos, hélas!, com essa fuga da ideal cidade de Mnemosina, onde ficamos, "quelques pauvres petits", olhando a lua, seguindo nas estrelas o rumo do delírio dos outros enfeitados, deslumbrados com os braceletes de pérolas de Sheherezade, enquanto ela, em adêmanes harmoniosos — na voz a melodia dormente e sensual das citaras — vai contando: **Era uma vez...**

Voltemos, entretentes, à apreciação pròpriamente literária do nosso assunto, tirando-o da languidês dêste prolongado banho-maria sentimental.

Mesmo através de rápida leitura do seu primeiro livro, estamos tentando uma interpretação muito eclética, repitamo-lo e, não fazendo análise crítica da obra de Itajubá), respigamos várias passagens confirmativas do que temos asseverado, páginas corridas, sôbre ser, o **Terra-Natal**, rico documentário da amena virtuosidade, mas, também, da extrema desenvoltura com que manejava o autor o idioma "em que Camões chorou, no exílio amargo, o gênio sem ventura e o amor sem brilho".

Dirá, por exemplo, ali **cirgir a carne**, para significar abraço; navio, é lenho; à mãe, viúva, chama de rôxa dália. Descreve o fastio, de que estava sofrendo, pela ausência de BRANCA:

**o trigo marujava
na bôca sanguinosa; o líquido amargava.**

O mar é

a esmeralda jogando os navios franzinos.

Esta é uma das suas visões do estio:

Quando a terra se abria em dalias encarnadas,

Exclama, recordando os plenilúnios:

**E o céu, que se estendia, além, sem nos tocar,
fôsse um manto de anil sôbre marés de luar!**

Nossos crepúsculos sensacionais lhe inspiraram este quadro, digno da palheta de Ticiano:

Entre ruínas te escrevo... A tarde pesarosa
em sangue se desfaz... morre tuberculosa...

Maio,

róseo e festivo, outra vez nos voltava,
fertil em chuvas de ouro e vales de açucena,
alegre como um templo em noite de novena.

Evocando sua boémia através das praias:

Como é doce o rojão das violas nas aldeias!
a lua alva de abril refrescando as areias!

Todo um romance de Fenimore Cooper, numa pequena aquarêla:

Ah! quem me dêra ver, saudade que me perdes,
— leve — o bando gazil dos periquitos verdes!

Terra, no sentido físico, é argila:

e o mar, da côr do anil, embalava as jangadas.
as chuvas abençoadas,
que levantam da argila as seáras alouradas.

Falando do sono, acha uma expressão espírita, "a carne vai dormir", repetida, depois, no Harmonias do Norte, na poesia **É cêdo, fica!**:

As palpebras da carne se fechavam
ao ceu

O soneto **Por Janeiro**, a começar da construção da epígrafe, ra qual poderia êle ter empregado outra preposição (em por exemplo), afigura-se-nos amostra bem típica do fato, posto em equação, linhas atrás, pela argúcia do jovem crítico brasileiro; principalmente nos tercêtos, onde precisamos tentar apreender o que está além das palavras:

Noites ungidás de claros vinhos,
plenas de rosas, noites lavadas,
cheias de idílios pelas quebradas,
de efluvios raros pelos caminhos.

Noites de insônias e desalinhos,
de serenatas pelas calçadas,
noites de trovas abemoladas,
como gorgeios de verdelinhos.

Trazei-me sempre, noites de enfeite,
tôdas as coisas dessa redoma,
— chuvas de incenso, marés de leite,

matando os germes do desengano
que me tortura, noites de goma,
primeiras noites claras do ano!

Gotardo Neto, então no auge da fama, seu amigo íntimo, e com êle partilhando, dentro da mais fraternal emulação criadora, o calor dos aplausos que a ambos tributavam os espíritos esclarecidos da Cidade, cheia de jornais e associações literárias, escrevia segundo os cânones clássicos em vóga:

A voz do vento, a lágrima da terra,
que oculta a flôr, no cálice odorante,
a tristeza da tarde agonizante,
o monte, a veiga, o descampado, a serra;

êsse pavor que a soledade encerra,
êsse anseio do pélagos espumante,
fundas lamentações de ave emigrante,
que o calor da canícula desterra;

lagos, florestas, sonorosos rios,
dolências de crepúsculos sombrios,
os ciprestes, os túmulos e as lousas;

em todo êsse mistério que me encanta,
sinto que vibra, que soluça e canta
a alma saudosa e virginal das cousas.

Ponciano Barbosa cinzelava sonetos dêste puro sainete ático:

Dulce, trajando o seu quimôno suave,
fica, a meus olhos, parecida uma gueisha,
Eu, joponês respeitador, que deixa
no portal os sapatos, entro, grave,
a sua casa, impressionante nave,
que tem um cheiro lúbrico de ameixa . . .

Altanava-se, tentando seguir o sulco chamejante das asas da águia de Espumas Flutuantes, o velho Segundo:

Corria a noite em meio. Em plácida derrota,
ia um barco a vogar, qual célere gaivota,
por sôbre o dorso azul da vaga boreal.
Venus bela ostentava a sideral grinalda.
Sorria em baixo o mar, abismo de esmeralda,
sorria em cima o céu, abismo de cristal.

Aí está, particularizado na diferenciação estilística, na qualidade e no jôgo das imagens, um parâmetro marcantemente ilustrativo — um “trailer”, em tecnicolôr — —da novidade, do revolucionário que Itajubá trazia à composição, à linguagem, à temática, à própria natureza íntima da poesia contemporânea.

VI

ÊLE ERA SENHOR DO SÁBADO

De uma pobreza franciscana, quanto a cultura literária — o que lhe não impediu vitória incontestável, numa polêmica travada com o vidrento Antônio Marinho, que era a palmatória de sucupira da época; pessoalmente, um rústico, de hábitos, indumentária e linguajar plebeus, foi péssimo artista, sem o conhecimento, sem a preocupação, ao menos, das mais comesinhas exigências da técnica vernacular, dos cânones gramaticais, dos segredos estéticos, etc., em que se deve enquadrar a academicíssima, enfarante arquitetônica do estilo.

Dizia o divino Goethe que “a forma verdadeiramente artística é a condição essencial de sobrevivência da obra de arte”, isto é, que “trabalhando dentro dos limites, é como se revela o mestre”, *In der Beschränkung zeigt erst der Meister* (relevez a sustança, meia rançosa, desta citação em original, candidamente surrupiada a um prestimoso almanaquezinho da Bayer. Não vá a revisão, como tantas vezes tem acontecido no decurso desta viagem sentimental pelo mundo itajubalino, me baralhar as linguas).

Graças, tão somente, às sobrenaturais virtuosidades plásticas do gênio, conseguiu Itajubá fixar um estilo, e inimitável. Inconscientemente; medianimicamente, se nos permitem o termo.

O próprio Nietzsche, insuspeito para os racionalistas, acreditava no fenômeno. Confessa o seu próprio caso, não nos ocorre agora se no **Ecce-Homo**: — “Haverá alguém, no fim do século 19, que tenha um conceito daquilo que os poetas das grandes épocas chamavam inspiração? Por pequeno que seja o restante de superstição que permaneça em nós — prossegue o criador de Zarathustra — seria difícil afastar a idéia de que somos apenas a encarnação,

o porta-voz, os mediuns de potências superiores. O conceito da **revelação**, no sentido que, improvisamente, com segurança e finura indizíveis, alguma coisa se torna visível e audível, alguma coisa que subverte e agita profundamente, é a simples expressão da verdade. Sente-se, não se procura; toma-se, não se indaga quem dá. Como um relâmpago, reluz súbito um pensamento, necessariamente assim sem hesitação na forma: **eu nunca tive necessidade de fazer uma escolha**—, remata o extrênuo iconoclasta de **Gaya Sciencia**.

Foi êsse, tôda a vida, o drama do estilo de Ferreira Itajubá.

Ouçamos **De Natal ao Pará**, um trecho do Cântico dos Cânticos, escrito à sombra de algum arejado alpendre das **Rocas**, cheio de moças, bemóis-de violão (Eduardo Medeiros ainda móra lá), e a água da maré do rio lavando o barro-batido das “estivas” dos casinholos do arrabalde:

**Adeus! vão-se acabar as noites claras,
as trovas ao violão, pelos telheiros!
— planta das minhas últimas seáras,
— corpo dos meus pecados derradeiros!**

**O tempo vôa. A ceifa das espigas
voltará, para dar-nos mais cuidados,
— terra das minhas últimas cantigas,
— vale dos meus prazeres acabados!**

**Adeus — sejam feliz, entre as famílias
que te cercam, nas praias alvejadas,
— carne das minhas últimas vigílias,
— urna das minhas crenças desfolhadas!**

**Mais um beijo dos teus, que das alturas
sôa o momento! E atira-me o rosário,
— horto das minhas últimas torturas!
— cruz em que subirei para o calvário!**

Também, quanta simplicidade, quanta pureza e fluidez expressional, quanta transparência lírica, emoção comunicativa, euforia musical, plasticidade clássica, em

B A R C A R O L A :

**Não te recordas, querida,
da noite em que nos amámos,
sob a frescura dos ramos
da laranjeira florida?
Gemia a viola na aldeia,
a brisa um hino entoava
e a luz da lua inundava
a terra, de rosas cheia!**

Lá na planície da serra,
junho alourava as espigas,
vinham de longe as cantigas
das moças de minha terra,
quando te vi, linda flor,
e da noite à doce calma,
derramaste na minha alma
o eflúvio do teu calor !

Saudade ! quanta saudade
da noite em que, ao céu sereno,
tu me abriste o seio, pleno
de aroma e de mocidade!
A' sombra da laranjeira,
por ti, visão da alegria,
do meu beijo a cotovia
cantou, pela vez primeira !

Tu esqueceste os ditosos
domingos embalsamados,
e os cantos apaixonados
dos jangadeiros saudosos
que, ao céu transparente e azul,
do estio nas tardes belas,
passavam, molhando as velas
abertas ao vento sul !

Tudo esqueceste, e mais nada
resta em tua alma enganosa,
dessa paixão desditosa,
dessa ilusão desfolhada,
que lembro todos os dias,
pensativo, a cada instante,
ó lavandisca inconstante
das areias alvadias !

Talvez que esta alma não possa
acreditar, nunca mais,
nos teus beijos aromais,
nos teus sorrisos de moça !
Ai, meu doce malmequer,
que me deixaste em janeiro,
— como tudo é passageiro
no coração da mulher !

Pena é não podermos transmitir, ao mesmo tempo, a beleza, o amá-vio, a lânguida eloquência tropical das duas sólfas, ambas da autoria do grande violonista Eduardo, e com as quais se popularizaram estas maravilhosas canções do Teócritos potiguar.

Ainda, na estrofe a seguir, respigada de “Um marujo parte” (HARMONIAS DO NORTE, pg. 165), firma-se em suas excepcionais, taumatúrgicas qualidades de expressão e transmissão do “estado de graça” lírico:

Adeus, areias em que andei na infância,
brisas das horas em que o sol não arde,
moitas nas dunas, de sutil fragrância,
lagôas brancas, bentevis da tarde!

O “caso Ferreira Itajubá”, é inquestionável, se enquadra, de fond en comble, na premissa da lapidar assertiva estética de Henri de Brémond: *Il y a des poètes qui savent faire des vers, parce qu'ils sont poètes; et il y a des poètes qui sont poètes parce qu'ils savent faire des vers.*

E Jacques Maritain não afirmava — e com que ponderável autoridade! — que a poesia, na sua pura essência espiritual, transcendendo toda técnica, transcende a própria Arte? *Pectus est quod dissertus facit* não é, em prisco latim, o mesmo que, em adamantino francês, disse o espiritualíssimo visionário de Namauna e Nuits,

Ah! frappe-toi le coeur, c'est là qui est le génie ?

Inconscientemente, repitamos — por que não dizemos **subconscientemente**? —, sempre amparado no cólo da fada de sua inocência de “barbaro”, não sofreu Itajubá a tirania pânica da gramática, a sinistra sibilla, egressa dos pulverulentos hipogeus do Mediterrâneo, e a que o próprio João Ribeiro chamava de “**esgôto que recolhe a atrabilis e as revoltas dos desequilíbrios mentais**”.

Caspité! nenhum de nós outros, desde Lourival Açucena, irrequieto Anacreonte dos suaves convívios pelos numerosos caramanchéis do **Barro Vermelho** e da **Passagem**, nos princípios dêste século, velho fauno latinista, canário e garnizé da cabôcla Porangaba, até êsse superestesiado, paradoxal, poliédrico Esmeraldo Siqueira, dispensando no bate-papo dos “cafés” a joalharia de mil-e-uma-noites de um éstro celinésco e uma formidável cultura literária — nenhum de nós, reconhecemos sem falsas modéstias, desencantou cousas mais lindas.

Cousas, conforme o Novo Testamento, “escondidas aos sábios e entendidos e reveladas aos pequeninos”. Paisagens de Millet sorrindo sôbre trapos. Cruciantes estados dalma, saltando do bôjo de um prosaico, residuo e infâme tinteiro de quitanda. Florada nupcial de bogaris em cêpa de cajueiro bravo.

Ainda, como acontecia ao tempo dos prodígios, com o testemunho visual de S. Mateus, Cap. 12, êle era **senhor do sábado**, fazendo milagres —

transformando em vinho generoso a agua-de-cheiro de velhos temas poidos por algumas gerações de lamartinistas lamurientos, semeando trigo onde havia beldroega e mata-pasto; reproduzindo, sôbre o nosso lirismo enfaixado nos linhos pútridos do espólio europeu, a ressurreição de Lázaro—, acima da legalidade restritiva e formalística do Sinédrio...

IV

A JUNA DE T... E AS ANIMAS DE VAUTIN

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

VII

A "ILHA DO TESOURO" E AS ARANHAS DE VAUTRIN

Irfelizmente, para Ferreira Itajubá — e para nós — não contou êle com um instrumento de expressão à altura do seu extraordinário talento poético, o que lhe teria permitido, sem a perpétua humilhação dessa aflorante, sensível ajuda geral de piedade e tolerância pela sua incultura, projetar-se no cenário nacional, dominado, literariamente, pelos perfeccionistas da geração de Bilac — que podia exclamar, nessa época falsandée de aristocracias e "turris-eburneas":

**Torce, aprimora, alteia, lima
a frase; e, enfim,
no verso de ouro engasta a rima
como um rubim.**

Quando o encontro com Baudelaire e os parnasianos foi o "divino estalo" para o Eça, que aconselhava, fêrvido, a Luís de Magalhães: — "Mas, por quem é, trabalhe essa forma! Pula-a, cinzele-a, cristalize-a! O sentimento mais artificial, posto num verso maravilhosamente bem feito, é uma obra darte; o mais verdadeiro grito de paixão, num verso alexandrino desageitado, é uma sensaboria. Só há beleza onde há Ordem!".

Hermes Fontes, Sansão num corpo torturado de gnômo, lançava o pânico nos arraiais dos filisteus, de Portugal e do Brasil, ao publicar *Apotéoses*, revolucionando a técnica do verso, já então difícilimo, não se permitindo

rimar, na mesma composição, quando esta era o soneto — e, a rigor, na mesma estrofe—, palavras de categoria gramatical idêntica:

“Viajar — disse-lhe alguém — é esquecer: olha, a Grécia
é um sonho; a Itália é um ninho; a França é uma delícia...
Ser-te-á eterna a magua, e a esperança fictícia?
Parte, distrai-te, gosa e, por síntese, esquece-a”.

O mestre de O Caçador de Esmeraldas que, no soneto **Consolação**, chegou a rimar doze substantivos, mostrou-se sensível a êsse estrênuo virtuosismo verbal do prodigioso Artista, em muitas das poesias de **Tarde**.

Entre os poetas norte-riograndenses, sômente Edinor Avelino mantém, com um pundonor, uma galhardia de fidelidade bayardiana, a rigidez da vertical estética levantada pelo inesquecível sergipense. Aliás, a partir do seu terceiro livro, H. Fontes contemporizou com essa arquitetônica, certamente sentindo que ela lhe inquinava o estro de uma tal ou qual artificialidade — de um tal ou qual artesanismo, pelo menos — de um bisantinismo que se não pode deixar de sentir, em tôda a sua produção dessa primeira fase; embora que salva, esplêndida e inteiriça, pela virtude da riqueza das idéias e do fulgôr e novidade das imagens, da sua profunda e clamante humanidade, do que representa em função da luta contemporânea pela democracia.

Como se haveria de arranjar com o futuro, nêsse ar mixto de Atenas e Flôença, quem, após incursionar pela segunda ou terceira série lectiva, de Felisberto de Carvalho, não teria, no ciclo da autodidática, ultrapassado a “Veihice do Padre Eterno”, os Profetas, e o tamancal Simões da Fonsêca?

Do chão raso e arenoso, do ninho tôsko e ao nível dos estendais de oró e carrapicho, onde se emplumára, não pôde, o belo condor solitário, órfão do oxigênio e das majestosas perspectivas espaciais da montanha, fazer agir a possante envergadura das asas, embaraçadas na erva daninha do ape-deutismo provinciano.

Continuará, por isso mesmo, talvez por muito tempo ainda, região lendária, “ilha” perdida, incógnita e despienda à geografia preferencial e bem penteada dos cardiais da crítica, dos corifeus do escalpo e do gongo e que, no Rio, decretam consagrações, ou degradam, até ao piso dos limbos subterráneos da nulidade, onde há chôro e ranger de dentes, os desventurados candidatos à posse da corôa de rosas...

Por muito tempo, ainda, até que, para êsse urupê luminoso, fosforecendo no tronco de perfumado cajueiro sob cuja ramagem suspira o suave fantasma de BRANCA, reponete porventura o oportunismo e o interêsse político de um Ruy Barbosa; a consagradora, inquieta, insaciável curiosidade de um Agripino Grieco. Até que, para êsse Endimião, de há longos anos docemente adormecido na carinhosa penumbra da nossa saudade — uma saudade inoperante e acovardada com os aspectos vulneráveis dêsse noivo da lua sem genealogia helênica — se obtenha o “passe” mágico, tão difícil, de qualquer dêsses

intangíveis exorcistas da Fama, caprichosos fabricantes de anões e semideuses, cada qual deles incarnando, nesta era crassíssima da Realidade, a hibridação anacrônica de Galeno e Hahnemann: — sempre a prescrever colárgos alopáticos, de alta posologia, aos clientes com quem simpatizam; tratando os estranhos com homeopatia em “quinta centesimal”.

Há cêrca de trinta anos, perante H. Castriciano, que lhe levara o “Terra Natal”, ter-se-ia Vicente de Carvalho excusado de escrever uma página sôbre Ferreira Itajubá, alegando a feitura em grande parte inartística dos alexandrinos, embora reconhecesse a profunda substância lírica revelada através de todo o poema. E assim perdeu, a “ilha” bárbara e sonôra, povoada de pintacilgos e trescalante de bogaris e laranjeiras, a oportunidade de entrar no mapa dos mares do sul...

Enquanto que, no Estado, onde viveu “pobre de pão na bolsa e água na cantareira”, é, sempre, incontestavelmente, indestrônavelmente, o maior, no coração do povo, de cujo complexo psicológico e sentimental foi o fluentíssimo, insuperável intérprete; o pioneiro, digamos inconsciente, dos seus então apenas vagos anseios ideológicos, muito antes que a legislação trabalhista (que o sr. Oliveira Viana, bastão de ditadores, com vasta responsabilidade na respectiva **sociologia**, confessa ter sido calcada sôbre a doutrina papal da **Rerum Novarum** e da **Quadragésimo Anno**), tivesse, bem ou malmente, permitido ao operário brasileiro a atual organização sindicalista e, mais ainda — agora por força do aceleramento do problema social do mundo — ameaçar o sistema burguês, com suas “células”, seus congressos, sua imprensa, seu partido marxista, ainda até há pouco instalado constitucionalissimamente na feira política.

Não lastimemos Itajubá, por lhe não podermos pespegar o rótulo de “ilustre”. Equacionemo-lo com o “meio”, já exaustivamente nestas maravilhas pôsto em evidência; com a lastimável relatividade dos “meios” que teve, para lutar.

Antes, filosoficamente, admitamos, compreendamos o “amigo da onça” (que há-de ter nestas páginas um capitulozinho à parte), que se ombreou com êle muitas vêzes, que o admirava com recalçado despeito, que presumivelmente lhe invejava o talento, irritava-se no âmago das vísceras humoradas com a carga de séculos de servilismo ancestral, com aquela maravilhosa e irreduzível altaneria de mestre-cantor, e que o abandonou afinal às urtigas, depois de lhe regatear um lugar de bedel, no **Ateneu**, com 150 mil réis mensais. Que lhe sabotou as raras oportunidades de preencher seu magnifico destino.

Também a época, em que dolorosamente cumpriu sua provação existencial, era conceituada sôbre a sistemática exploração dos pequenos pelos grandes: afeiçoada, jesuiticamente, ao princípio que, por simplista e grosseiro, não deixa de definir, de maneira muito objetiva, muito eloquente, talvez ainda por séculos irremissível, aquilo que nem todos os esforços dos idealistas, nem as revoluções mais decisivas em brutalidade e quotas de sangue aos povos, estatísticas sibilinas, diplomacia churchiliana, política de “equilí-

brio de forças”, concessões ao nazismo, portas trancadas aos judeus, miserável hipocrisia e “tática do jejum” perante a China estoica e dessangrada — poderão, nunca, jamais, modificar substancialmente no seio da humanidade, mais do que ontem, desentendida e retalhada em “zonas de influência”, barreiras territoriais, discrepâncias, oratórias, incompatibilidades de raças: — A sociedade é composta de duas classes: a dos que têm mais jantares do que apetite, e a dos que têm mais apetites do que jantares.

Achando-se na ponta negativa do dilema, a que poderia ter tido direito Ferreira Itajubá, membro militante da “Liga Artístico-Operária Norte-riograndense”, e quando, muito mais evidentemente do que hoje, qualquer pensador medíocre podia afinar pelo diapasão em que Madame de Stael, ladina aristocrata, concluía, de observações realizadas na França e através de suas viagens: “A ordem social e a paz do mundo repousam sobre a paciência e a resignação dos pobres”?

É verdade que essa paciência se esgotou, essa resignação adquiriu tonalidade universal de consciência de direitos, e não há como reunir toda essa gente num campo-de-concentração colossal, deitando-se-lhe dez bombas atômicas em cima do canastro...

Itajubá, de resto, nada tem a ver com o melodrama, pois só nos seus discursos e na sua “falta de estilo” foi um suspeito aos empresários da “ordem social” de Madame Stael. Não o podem matar de novo. Até, pelo contrário, está começando a viver das compensações da morte, numa dilucular ressurreição através das almas e do tempo, marcha póstuma para o porvir, justiça superior à alçada dos corrilhos da moral de Nazaré, que desorbitou e aviltou o “santo de casa”...

Sofreu, foi infeliz, porque “foi poeta, sonhou e amou na vida that is the question.

Porque não quis ou não soube ser também aranha, segundo o avisado Vautrin, dentro do boião de vidro da província, onde as aranhas se entredesvoram, numa sinfonia surdina e eliminatória, de palpos, mandíbulas e abdômenes...

VIII

O "AMIGO DA ONÇA" E O CONVITE DE WALT WHITMAN

Ele próprio, Ferreira Itajubá, desventurado Lucien Chardon sem David Sechard e sem D'Arthez, intercalára no ofertório do seu mavioso poema — tão generosamente hipócrita — a íntima evidência da verdadeira verdade, grito de naufragado do barco alviçareiro em que não quis partir, na hora mais propícia:

Trinta e quatro anos tenho, entre escólhos, vivido,
sofrendo angústias cruéis. Ah! que tempo perdido!
Fui muito néscio em crêr nos pregões da ventura.
Nunca um astro fulgiu, na imensa noite escura
que a areia me invernou da estrada dolorida.
Que resta hoje a teu filho? a sombra espavorida
do cipreste esgalhado, onde o môcho agourento
pousa de ramo em ramo, ao cair do relento...

.....
E nem quero um letreiro à compaixão futura.
um sinal, uma cruz, no pó da sepultura...

Realmente, nenauma dessas postiças, curiais, inanimadas exteriorizações póstumas, mais ou menos irônicas, mais ou menos desmoralizadas pela rotina, mentira sacrílega para a comédia do egoísta e do soberbo, tardio laurel para o holocausto do herói ou do santo, poderia, jamais, corresponder à altura condoreira e ao sereno fulgôr da glória do grande **felibre**.

Não se tivessem malogrado, tão dolorosamente, os altos designios trazidos do berço, bem coerente lhe fôra, como aconteceu a Thummel, célebre poeta alemão, cujas cinzas repousam dentro do tronco de um carvalho centenário, na sua cidadezinha natal de Noebnitz — se se tivesse reintegra-

do com a Natureza, a que tanto amou e cantou docemente, pelo harmonioso, incorruptível intermédio das raízes, da seiva e das flôres de um desses veneráveis paudarqueros dos nossos môrros, contemporâneos das suas canções inimitáveis.

Nenhum poeta do Rio Grande do Norte, em todos os tempos, mais do que êle mereceu o simile do epitáfio escrito por Antipátro, o corintio, em honra do divino evocador de Illion:

Aqui jaz Homéro. Que dizes? Sabes tú, acaso, se êle jaz aqui ou além, na terra ou no mar? Homéro está aqui e além, está no ar que passa. E aí tens, viajante, o motivo porque respiras poesia no ar que passa. Deixa-me, pois, escrever — Aqui jaz Homéro, que morreu em plena mocidade, porque morreu poeta.

Na hora suprema da bela tentativa migratória, a êle e a nós outros, há muito comprometidos, irremissivelmente, na sinistra farça das competições ideológicas e da concorrência à feira das mesquinhas vaidades distritais, enleados na trama pragmática e delirante da conquista da caloria, nutuando hostilidades e mexericos de zeladoras; — incompreendidos e incomprendendo”, habendo vendido nuestro derecho de primogenitura por um plano de hechos, faltou-nos a voz galvanizadora e cordial de Walt Whitman, conclamando os pioneiros:

Sai dos negros limites, sai de entre as cortinas!
 Vem! O caminho está aberto à nossa frente!
 Que as fôlhas fiquem abertas sôbre a escrivaninha,
 e o livro sem abrir no seu armário!
 Que os instrumentos permaneçam nas oficinas!
 Que o dinheiro permaneça sem ser ganho!
 Que repouse a escola! Não importam os brados dos mestres!
 Que o pregador pregue em sua cátedra!
 Que arra ôe o advogado no tribunal, e o juiz exponha a lei.
 Camarada, dá-me a tua mão!
 eu te dou meu afêto, mais precioso que o dinheiro.
 eu te dou a mim mesmo, em vez de prédicas e de leis.
 Queres dar-te a mim? Queres seguir comigo?
 Seguiremos juntos, um ao lado do outro, enquanto durarem nossas
 [vidas!

Alerta sempre! Sempre para frente!

Esta, entretanto, é a voz de um Poeta, e tão cêdo não poderia ser percebida, sob o clamor do colossal mercado onde poderíamos lóbrigar, num ângulo momentaneamente livre do angustioso apêrto da multidão desvairada no delírio da traficância, a sombra sarcástica do velho Ibsen, os óculos na

ponta do nariz rubicundo, a anotar no seu canhenho pessimista: — **Vêjo ventres, mãos, cabêças, mas não vêjo um único homem na terra.**

Na terra onde é furiosamente importante a gente ilustrar, em “sessão contínua”, o

**Rien me m’oblige à faire un livre,
mais la raizon m’oblige à vivre...**

Perdôa a essa raça de víboras, Ferreira Itajubá, que há trinta e cinco anos, estás emancipado do demônio do *struggle for life*, desta

**necessidade de “horroroso”,
que é talvez propriedade do carbono,**

conforme dizia, com a sua dilacerante experiência de convívio com as fêras humanas, santo Augusto dos Anjos, ainda aduzindo uma excusa biológica para a malvadez dos que te apôdavam de “poeta”!

Poste derrotado na praça, entre os sub-homens do acerbo ironista de *Espectros*, porque não trocaste tuas barras de ouro pelas moedinhas de cobre que êles fazem circular, no câmbio da exaltação das mediocridades bem-aventuradas.

Mas, a hora dos Poetas chegará. O Dinheiro não pode salvar o mundo. E vale a pena ir passando fome. *Sursum corda!*

Caído em extrema penúria, ao cabo de sofrimentos físicos e morais incomportáveis; egresso do presídio, onde diariamente provou o chicote dos guardas, “expiando por tôda a humanidade”, conforme confidenciou a Cécile Soré, o incomparável lapidário de *O Retrato de Dorian Gray* foi levado, pelos últimos devotos, a um dos mais luxuosos nosocômios de Paris. Moribundo, apático, ruína lancinante do maravilhoso espírito que incarnara o Vivian de *A Decadência da Mentira*, a olhar em roda os cristais, os imaculados reposteiros de linho, o brilho e o grande ar de conforto burguês, do leito em que jazia, êle, que fôra o mais festejado, o mais invejado, o mais impertinente dos *dandies* da pátria de Brummel, gravando nas vitrinas das joalherias, com o diamante do anel, os nomes das arquiduquêsas conquistadas, exclamou, dolorosamente: — “Morro como sempre vivi: acôrma das minhas possibilidades...”

Viveu, e morreu, infinitamente abaixo das suas, antítese enervante, o Bernardim potiguar.

Tinha também amigos, como acontece à “onça” da gostosa inventiva humorística de Péricles Maranhão. Que o não cercaram, na hora trágica da adversidade; não o levaram a nenhum hospital onde houvesse morrido com

Wilde. Amigos, daqueles que Guy de Faur, senhor de Pibrac, comparava a melões, nos **Quatrains Moraux**:

Les amis de l'heure présente
ont le naturel du melon:
il faut en essayer cinquante,
avant d'en rencontrer un bon.

Ora, pois. Entre êsses quarenta e nove “melões” do sr. Pibrac, un havia, cujo coração, todo de mel, estaria agora a secretar tintura de lósna. serodidamente compenetrado de que, político na maior evidência, deputado federal de fulgurante expressão no país, amigo íntimo e conselheiro de Alberto Maranhão, teria podido, a um simples aceno, mudar o aspérrimo declive ao drama excruciante.

Não estamos formulando acusações gratuitas. Nem nos compete, por igual, espicaçar velhos remorsos hibernados. São bichos feios e bravios, a rosnar baixinho nos bolórentos subterrâneos, nas criptas sumerianas dessa deusa ignota, a que os casuistas do espiritualismo deram o vago apelido de — consciência. E, por bichos serem, já nos bastam, santo Deus! os que, vez por outra, na penumbra confessional daquela paragem de instuspecções e flagícios, nos olham nos olhos e nos arreganham as fauces. Por que, então iríamos cutucar tigres, assanhar lobisomens, cloroformizados, nas jaulas alheias?

Sem nenhum vínculo estomacal com qualquer dos partidos atualmente propostos a fazer do Brasil um formal paraíso jefersoniano, externamos de própria conta uma verdade conhecida de todos os contemporâneos de Itajubá, e até agora por ventura apenas “congelada” em homenagem ao preconceituoso imperativo de **conveniências** que, a propósito do assunto. aliás, já o escritor Bezerra Gomes começou a destruir, submetendo a vigoroso critério histórico o estudo do “caso”. Conveniências, afinal, sòmente respeitáveis no consenso daqueles cujo honestíssimo “ideal” é o de “vencer na vida”, embora engolindo facas e escorpiões, pilulazinhas de veneno, Alcôstes convictos de que só travestidos de Orontes e Filintes atingirão a bemaventurança dos diretores de bancos, dos Ministros, dos empresários de pif-pafs...

Voltando aos “melões”: foi, aquêlo ardente admirador de Ferreira Itajubá, no Rio, quando parlamentar, uma espécie de consul da boa-vontade, acolhedor, generoso, acessibilíssimo, amigo ideal (Diz-se que **a amizade é o ideal, e que os amigos são a realidade**. Quem teria definido tão bem o que Montaigne tanto exaltou?), amigo ideal, concedamos, de todos os comprovincianos em apuros, e aos quais distribuía todo o subsídio, mesmo aos que não resavam pela cartilha do abateé Pedro Velho. É êste um dos prediletos argumentos com que se explica, vez por outra, sua notória, dignificante pobreza.

Diga-se toçavia, francamente — e para não perder esta oportunidade

— mal chegou a tempo... para os funerais do poeta, funerais de terceira classe.

E para escrever, anos muito depois, com muita emoção, a história do pária sublime, que viveu tôda a sua pobre e atribulada vida, sem que Mece-nas, pelo prestimoso, altruístico, tão viável intermédio dos seus convivas, tivesse jamais notícia daquela iníqua indigência — mancha vergonhosa, es-carneo sem nome, infamante exceção, em meio às benesses de que se propiciavam os mais felizes, às pingues propinas liberalizadas aos mais espertos: tertúlias e sarás de gala, paradas resplandescentes, jogos florais, a borbu-lhar à tona dessa famosa era da nossa resnascença social, artística e literá-ria, sintetizada na esplêndida estampa centralizadora de Alberto Maranhão.

NÍSIA E HENRIQUE *

Hélio Galvão



o transpor as portas desta Casa, onde vos albergais acolhedoramente, senti entre respeitoso e comovido, tôda a significação da investidura acadêmica com que me quisestes honrar. E eu vos quero dar, Senhores Acadêmicos, e por vós a essa Egrégia Academia, o testemunho mais alto do meu apreço pela obra que vindes realizando com obstinada e heróica persistência, em prol da cultura e das letras em nosso Estado.

Trazido para o vosso grêmio num instante em que o descrédito acria fossos ao seu redor e o derrotismo armava ciladas ao vosso esforço benemérito, não vi outra forma de oposição ao desapareço pelo vosso trabalho, senão insistindo pela permanência da minha inscrição. A crise passou felizmente, e já agora pôde V. Excia. dizer, sr. Presidente como na Academia Brasileira dizia Machado de Assis em 1901: "A Academia vive".

E entro para a vossa Casa, Senhores, sob essa impressão de vigor e de vida. Melhores augúrios não poderia aspirar ao ingressar nesta instituição quem crê, como eu firmemente creio, nas realizações da inteligência. Passaram o descrédito e o derrotismo, mas não passarão as vitórias do espírito.

Assentam-se dentre vós, honrando com o seu saber a vossa Companhia, muitos dos meus antigos mestres. E em para aqui vindo, não me acreditei chegado às alturas a que subiram êsses mestres (que mestres ainda

todos me são) mas para receber ao calor da vossa lareira as irradiações da vossa inteligência e as fulgurações da vossa cultura.

“Terra farta de poetas”, chamou Afrânio Peixoto ao Brasil. No detentor atual fica em solução de continuidade a tradição poética da cadeira n.º 2, Poetisa e sua madrinha, poeta o seu fundador. De mim, porém, nunca perpetrei um verso, fracassado na primeira tentativa, nem mesmo aquele soneto dos dezoito anos, infalível no rapaz brasileiro, ao olhar para os olhos da primeira namorada. Creio entretanto na poesia, como manifestação da arte criadora, e quero muito aos poetas que apresentaram o difícil segredo de nos despertar as emoções mais profundas.

Porque não nasci poeta, convencido que estou de que o poeta nasce, nem mesmo quis dar-me ao trabalho de contabilidade silábica e nem me habituei ao manuseio do dicionário de rimas. Tenho horror instintivo, morbidamente quase, ao verso puxado à força, arrancado a ferro, vazio de sentimento, espontâneo e artificial. A poesia só é poesia quando brota livre das fontes de inspiração, como o riacho que rasga a pedra adusta ou corta o tabuleiro arenoso, mas amenisa e refresca o ambiente marginal, cantando nas grotas e deslizando suavemente no areial.

A cadeia, porém, continua inteira, sem que lhe falte um só elo, no culto da paisagem rural, no amor da tradição ancestral, na paixão da terra. Isto que em Nísia não passa de devaneio literário e em Castriciano é motivo de composições inesquecidas, tem sido para mim toda a razão da atividade intelectual. Outra coisa não tenho sido, se alguma coisa cheguei a ser, senão um enamorado de minha gente e da minha terra, amando com muito amor esses costumes e essas tradições, essa paisagem agrestemente doce, onde se me abriram os olhos para a glória humilde da vida campestre. Não sei de nada mais belo, não sei de nada mais encantador que a poesia do povo, das lavadeiras nas suas cantigas, dos moedores rodando a roda que tritura a mandioca, dos trabalhadores rurais nos seus improvisos, dos cantadores nos seus martelos, dos vaqueiros no seu aboio. Pensa também assim Castriciano:

E, quando o sertanejo, a larga fronte nua,
 Voltada para o céu, de onde sorri a lua,
 Diz, no cântico vago, o que a su'alma encerra,
 Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra.

NÍSIA FLORESTA

De fato, a paisagem natal nunca mais se apagará da retina de Nísia, mesmo que mero convencionalismo literário, como queria Oliveira Lima, cujas simples evocações líricas para extravasamento de um patriotismo romântico e inconsequente: Ela levará para o seu próprio nome sua aldeia e sua pátria, protesto antecipado e distante contra os que apagaram o nome de sua terra para dar-lhe o da escritora, que é sonoro e lindo porque ela própria o fez,

em solidariedade sentimental com a “deliciosa Floresta”... O dinheiro lhe chega para as longas viagens transoceânicas, e depois para as viagens mediterrâneas. Não lhe bastará entretanto, para rever a província ou para uma visita breve ao sítio sombrio onde nasceu. Mas a visão das árvores, das lagoas, dos rios, da floresta, a acompanha por toda a parte, teimosa e insistente, onipresente e viva, vez por outra entra-lhe pela memória e lhe sai da pena, embora meio artificialmente, como naquêlê lance em que recorda banhos nas lagoas para onde conduzia o irmão. Outras vèzes a reminiscência reponta fiel e nítida, com um profundo vinco de realidade, lembrando as mangueiras e laranjeiras, então como agora abundantes e fecundas em Floresta e adjacências.

“Eu pensava em outro mar, mais vasto e mais majestoso, à beira do qual nasci e cresci. Inspirei-me ao murmúrio longínquo das suas vagas, sob o leque das altas palmeiras, em baixo de mangueiras gigantescas ou de jaqueiras folhudas, agitadas pela brisa vespertina, que me inebriava com o delicioso perfume dos bosques de laranjeiras.

Paparí transportada num instantâneo fiel, numa evocação de forte colorido, para as margens do Mediterrâneo. Vi outro dia Floresta, que não mudou na graça vegetal de suas árvores, do laranjal cheiroso, das jaqueiras sombrias, das mangueiras convidativas...

O FENÔMENO SE EXPLICA

Perguntam ainda hoje os historiadores e os críticos como explicar o fenômeno Nísia Floresta. Desde Constâncio Alves a Roberto Seidl, passando pelo nosso ilustre confrade Aduino da Câmara, sem esquecer o próprio Henrique Castriciano, é geral a surpresa. Gilberto Freyre espanta-se com essa mulher vigorosa, “exceção escandalosa” naquêles meados do século XIX. Ao sociólogo da nossa formação patriarcal surpreende o aparecimento de tão impressionante figura feminina, sobre-pondo-se ao seu tempo de sinhasinhas dengosas. À parte a singularidade do seu autodidatismo, tenho para mim que Nísia não constitui nenhuma surpresa para os que lhe conhecemos os precedentes de família. Seu temperamento impetuoso e ardente, seu sangue quente e sua vontade caprichosa, sua inteligência pronta e ágil, suas tendências de indisciplinada liberdade, tudo isso encontra explicação razoável e legítima se recolocarmos o estudo de sua empolgante figura no conjunto da parentela vasta e incontável.

Avô materno, de Nísia, o capitão-mór Bento Freire do Revoredo é um homem patriarcalmente influente e dominador, barão feudal de água-doce, às margens do Jacu, fecundando a dinastia dos Jundiás. Tio da escritora é Bento José Freire do Revoredo, revolucionário de 17, político vivo e habilidoso, propulsor da criação do município de Goianinha, sabendo vir a palácio e falando cara a cara ao presidente...

Uma tia, dona Francisca Freire, é outra Nísia Floresta em primeira edição, comprando gado em vez de escrevendo livros ou educando meninas. Casada com Felix Ferreira da Silva, segundo do nome, morreu-lhe cedo o marido, mas as largas transações comerciais não o acompanharam na sepultura. Do Anacé a viúva comandava a náu. Dona Francisca Freire, mãe de três filhos, continuou-lhe vantajosamente os negócios, gerindo-os superiormente. Uma procuração por ela outorgada a 5 de julho de 1797, na residência de seu pai, perante o tabelião Filipe Santiago Brandão de Barros, permite-nos uma idéia do vulto e extensão das suas atividades comerciais, constituindo procuradores o capitão-mór Cipriano Lopes Galvão e seu tio materno Miguel Pinheiro Teixeira, no Seridó; Luís Carlos de Abreu e o capitão Raimundo de tal, fiador que era do seu finado marido, em Oeiras; Antônio José da Silva, em Sobral; José Fidelis Barroso e Pedro José da Costa, no Aracatí; seus cunhados Bento José Fernandes de Barros e o ajudante Alexandre Felix de Figueiredo, em Arez; João Alves, em Goianinha; Antônio Alvares de Figueiredo e cinco outros na Bahia; o padre Francisco Lopes de Lima e outros, em Santo Antônio do Recife. Negócios imensos, latifúndio comercial, que faz lembrar um comprador de algodão, que vende babassu no Maranhão e cacáu... O anedotário picaresco criado por dona Francisca Freire é maravilhoso de graça e de bom humor, revelando uma inteligência soberbamente dotada, dominando as situações mais imprevisas com surpreendente presença de espírito.

Não menos coincidente com a vivacidade de Nísia, o gesto daquela sua prima, que ao experimentar as inesperadas revelações da maternidade e as surpresas do primeiro parto, promete perante a parteira e o bebê em gritos solenes, não mais voltar àquela situação vexatória, separando-se do marido...

As condições temperamentais de Nísia Floresta, enfrentando os princípios vigentes na educação doméstica do seu tempo, rompendo uma série de obstáculos contrários à satisfação de suas tendências, justapõem-se correspondentemente às de sua família. Entram num encadeamento natural, e gestos e atitudes por ela assumidos não são mais que legítimas hereditárias no inventário das qualidades e defeitos da sua gente.

A luz dessa experiência Nísia está explicada. Compreendemos agora porque deixou o marido e foi unir-se a um estudante de direito, com quem se teria casado após o nascimento do primeiro filho. Compreendemos também porque se fez precursora do feminismo, traduzindo o folheto de Miss Godwin. E alcançamos as razões e o sentido de suas viagens, idas e vindas, num nomadismo que tão bem a define e caracteriza. Nísia, portanto feminista, preceptora, enfermeira, jornalista, poetisa, conferencista, escritora, abolicionista, memorialista e moralista, é fenômeno para ser explicado no complexo da sua genealogia, na trama psicológica de sua família, onde refervem três sangues borbulhantes...

Isto não diminui nossa grande conterrânea. Antes agiganta-a, aumen-

ta-a, cresce-lhe a sedutora personalidade, esculpando-lhe os exagêros, e os desvios da conduta moral.

A RELIGIÃO DE NÍSIA FLORESTA

Tema ainda não suficientemente abordado, mas nem por isso destituído de interesse, o da religião de Nísia. Ninguém ousará negar que foi católica. Nas cidades por onde passa tem predileção especial pela visita às igrejas. Entra na catedral de Eix-la-Chapelle, onde esteve diante do túmulo de Carlos Magno. Em Liége reza na igreja de São Tiago pela alma do marido. Edifica-se com a piedade dos católicos ingleses:

“Custa-nos a confessar que antes de irmos a Inglaterra, não havíamos sentido, ao entrar em um templo do Senhor, êsse profundo recolhimento que inspiram à alma religiosa os lugares consagrados ao seu divino culto”.

Censura o costume, ainda hoje vivo e reprovável, dos grupos amonoados às portas dos templos, durante as cerimônias religiosas. Frequencia o bispo de Mondovi, na Itália, êsse prelado adota nas escolas paroquiais os **Conselhos a minha filha**, propondo sem êxito à autora a supressão de certa passagem. Outro bispo pergunta-lhe pelos desregramentos do clero brasileiro, insinuação que Nísia repele com veemência. Acompanhada de três eclesiásticos excursiona a Pompéia, e são conhecidos os versos que compôs na portaria de um mosteiro beneditino, onde lhe não foi permitido entrar, por **força das regras da Ordem**. Faz a apologia das Irmãs de São Vicente de Paula e tem por elas tal respeito que sente desejos de ajoelhar-se “perante essas virgens modêlos, e adorá-las”. Refere as pregações de um religioso francês, no Rio de Janeiro, em torno do catecismo.

Poder-se-ia objetar que aquelas visitas a mosteiros e catedrais Nísia as fazia por simples curiosidade. Sua conduta no Brasil não é diferente. O núncio apostólico no Rio de Janeiro, mons. Bedini, preside exames no seu colégio, onde também examinam vários sacerdotes. Ficou registrada sua intimidade com um padre, que Adauto da Câmara repõe no seu devido lugar, com argumento irrespondível. Seu catolicismo porém, era o catolicismo de Lammennais, tolerante e condescendente, aquêle catolicismo liberal que Pio IX enfrentou e venceu, repondo-o na disciplina do dogma. Sua vida não é um modelo de virtudes cristãs, abandonando o marido, unindo-se ilegalmente a outro, que ela chamava de “anjo”... A religião de Nísia era aquela muito em moda no seu tempo, sem consistência doutrinária, vazia de conteúdo, despida de convicções. Religião sem fé interior, sem adesão total do ser, que nos faz crer profundamente e transforma em suaves claridades as sombras dos mistérios e em consoladoras certezas as verdades sobrenaturais.

Nísia não teve essa fé. Suas idéias religiosas variam sem segurança de orientação, mescladas ao naturalismo de Rousseau ou ao positivismo de Comte... Seus pontos de vista refletem as deficiências da formação que teve, e sente-se vez por outra que ensina mas não faz o que ensina... Chega a condenar o celibato eclesiástico. E proclama a inutilidade da pregação cristã, em prol do amor entre os homens:

“Não será a espada, mas o amor, que regenerará o homem, o cristianismo o prega em vão há perto de 1900 anos. Aguardamos que a religião da humanidade o realize um dia”.

Até parece que se preparava para uma visita a Augusto Comte...

Noutro sentido, são também suas estas palavras, pregando um deísmo vago e inconsequente:

“O sentimento religioso é, sem contestação, a mais bela e mais santa expressão da alma para o Criador. Sob qualquer forma por que se traduza, esta expressão é sempre solene, quando parte de uma crença sincera”.

É de ver o ardor com que defende a educação religiosa da mulher:

“A religião é a cadeia indestrutível que liga a mulher aos seus deveres, a corôa mais preciosa que lhe cinge a fronte. A mulher sem religião assemelha-se àquelas lindas flores de nauseante cheiro, que se deve admirar de longe, sendo que o seu contacto infecciona o ar que respiramos. É a religião que fortifica e realça as qualidades feminis; é ela ainda que sustenta e consola todo indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica seus deveres, e o conduz ao exato cumprimento deles”.

Adianta uma censura aos pais e sacerdotes:

Entretanto, nada em nossa terra mais desprezado pelos pais e pelos párocos que o ensino da religião. Onde, no Brasil, o assíduo cuidado de uns e de outros, de inspirarem à mocidade os salutares princípios da fé de Cristo”?

E fecha com êstes conceitos sôbre o ensino do catecismo:

“Podemos dizer, sem receios de que nos tenham por exagerada, que, em nenhuma paróquia do Brasil, a nossa religião é devidamente ensinada à mocidade. A explicação do catecismo, de que, com tanto interesse e assiduidade se ocupam os padres de França,... é de tal

sorte desprezada no Brasil, que as nossas grandes meninas, hábeis nas etiquetas dos bailes e nos manejos para obterem a única conquista a que aspiram, fazem a primeira comunhão sem o conhecimento dos princípios da nossa santa fé”.

VIAGENS

É fácil reconstituir o mapa de suas viagens. Depois da revolução de 17 Nísia acompanha seus pais que vão residir em Goiana. Dois anos depois a Floresta. Voltam a Pernambuco em 1824, demorando em Goiana, Recife e Olinda, até 1832. Nêsse ano, acompanhando “o eleito do seu coração”, Augusto Américo de Faria Rocha, recém-formado em direito, vai residir em Pôrto Alegre, onde fica cinco anos. Em 1837 está no Rio de Janeiro. A saúde da filha, Livia Augusta, é o pretexto para a primeira viagem ao Velho Mundo. Regressa ao Rio em 1852. Segunda viagem à Europa em 1856, para só voltar dezeseis anos depois, em 1872. Três anos mais, e volta outra vez à Europa, para não mais ver o Brasil. Cruza a Itália em tôdas as direções. Vai à Grecia, Alemanha, Inglaterra, França, Suíça, vindo a falecer em Rouen, na França.

Lembra Aduino da Câmara — de cujo livro nos temos servido, livro já hoje fundamental para o conhecimento da vida e obras da escritora — que Nísia não é “uma turista de vida folgada, com mania ambulatória, vendo as coisas sem as sentir, observadora impassível dos panoramas que se sucediam a seus olhos. Aplicou o seu tempo em estudar as várias facetas por que os cenários se apresentavam ao seu espírito. Nunca as viagens ajudaram mais decisivamente uma intensa insatisfeita vontade de saber”.

NÍSIA E CASTRICIANO

Elegendo Nísia para sua madrinha na poltrona por êle fundada nesta Academia, Henrique Castriçiano prestou a derradeira homenagem à escritora conterrânea. Não chegou a fazer-lhe o elogio protocolar, de resto perfeitamente dispensável, porque já o fizera dante mão. Não quis fazê-lo em papel, porque as traças poderiam destruir ou o vento poderia levar. Fê-lo no granito e no bronze, em forma mais duradoura e eloquente na sua mudez. Quem foi, senão êle, o inspirador das grandes homenagens prestadas a Nísia em 1909? Que maior e mais formoso e mais durável elogio não constituem os dois monumentos erigidos em honra da escritora no sítio do seu nascimento e nesta capital?

Seu carinho pela memória de Nísia chegou a extremos. Procurou endereços, revirou livrarias, correspondeu-se com Livia Augusta, adquiriu fotografias, comprou livros, tomou apontamentos. Romeiro de um culto que

vinha do coração, ei-lo convalescente e dedicado, no cemitério de Rouen, visitando o túmulo onde repousam os restos da escritora.

Dizia-se que escrevera uma biografia da nossa conterrânea. Em carta a Adauto da Câmara, explicava Castriciano:

“A respeito de Nísia, poetisa mediocre, mas pensadora notável, a ninguém disse que estava escrevendo uma obra sobre ela. O que anunciei desde muito, é que andava procurando achegas para esclarecimento de sua vida, e neste sentido dei os passos que pude, infelizmente quase infrutíferos quanto ao essencial, que era saber a extensão de suas relações com as grandes figuras do tempo, quase todos da escola romântica. Tudo quanto consegui saber de sua filha, depois de trabalhosa busca do paradeiro dela, é que se perdeu num naufrágio a sua correspondência com essas grandes figuras”.

Na verdade, tinha razão. Saber até onde chegavam as aproximações de Nísia com os notáveis vultos da cultura européia com os quais se relacionou, importa em averiguar se essas relações, cerimoniais ou íntimas, foram além de simples troca de cartas ou palestras de cordialidade com permuta de livros. Tem-se às vezes a impressão que era a curiosidade intelectual que impelia Nísia para essas relações, sem maiores vinculações de amizade, traços afetivos mais estreitos. Com efeito, qual o sentido de sua aproximação com Herculano, com Augusto Comte, com Manzoni, com Lamartine, com bispos, e até com o Papa?

Das investigações a que procedeu Castriciano, desvelada e cuidadosamente, resultou que Nísia ficou conhecida entre nós. Completou-as Adauto da Câmara, orientando suas pesquisas pessoais para os anúncios de jornais, notas portuárias e fúnebres, riquíssimas fontes de informação histórica e já agora utilizadas para os estudos de sociologia.

Onde estarão as notas que ele coligiu sobre sua patrona? As cartas da filha da escritora, quem as guardará? Os livros, raros e caros, onde foram parar? Por que o desvelo do escritor pela escritora não lhe permitiu doar à Academia tudo o que possuísse a seu respeito? Por que Castriciano não escreveu uma biografia, conforme se anunciou ou se esperou?

São perguntas que alguém poderia tachar de impertinentes. Porque a verdade é que tudo ele fez por ela. Tudo, inclusive torná-la conhecida e fazer acessíveis os seus livros. Tudo, inclusive os dois monumentos. E tudo, inclusive o seu nome no patrocínio da poltrona que fundou nesta Academia. E com essas credenciais de benemerência que ele se apresenta. E não só com essas credenciais que por si legitimariam estas homenagens que lhe prestamos, por sua destacada posição no cenário da nossa literatura provinciana, como elemento de renovação e centro de influência.

CASTRICIANO NA LITERATURA NORTE-RIOGRANDENSE

Tomo de empréstimo ao nosso ilustre confrade Luís da Câmara Cascudo o julgamento de Castriciano. Fê-lo o historiador, quando ainda vivia o poeta, num livro que perigosamente conserva inédito, a *História da Literatura Norte-Riograndense*.

“A posição de Henrique Castriciano na literatura norte-riograndense é decisiva e alta. Êle foi o nome em redor do qual se agruparam os dissidentes do gongorismo que deixara de ser uma influência para ser uma função normal. Admirador de Martins Junior e de Fausto Cardoso, amigo pessoal de Bilac, de Machado de Assis e de Clóvis Bevilacqua, leitor dos poetas alemães nevoentos e dos ingleses cantores da região dos lagos escoceses, irradiou continuamente a palavra de reação contra o verbalismo farfalhante, as imagens cheias de fogo e vazias de substância. Pertencendo à *Tribuna*, ao *Oasis* e à *Revista*, foi êle um elemento de articulação entre os diversos grupos literários. Com êle, Galdino Lima, Sebastião Fernandes, Francisco Palma deram orientação nova ao Congresso Literário, como no Grémio Polimático, era Castriciano um contra-forte ao lado da disciplina mental de Antônio de Souza. Sem Castriciano Antônio Marinho voaria mais baixo e Ferreira Itajubá não teria uma só palavra de estímulo consagrado.”

“Mentalmente a influência de Castriciano não fôra menor. Poeta amargurado, sofredor, convulso, exaltado, não dava a impressão resignada e tristurenta de Francisco Palma, nem a doçura mística de Auta de Sousa. É um rebelde, um vociferador impenitente e feroz, apostrofando céus e terras, perscrutando mistérios e dizendo palavras de negação e de orgulho. Essa poesia selvagem mostrou aos contemporâneos um caminho de altivez humana dentro da dignidade humilde do *homo sapiens*. Capaz dos menores detalhes e dos mais desmarcados remígio, vocabularista excelente, sabedor das correntes estéticas que corriam alheios continentes longínquos, Castriciano, com ou sem vontade, chefiou a mentalidade norte-riograndense na fase de renovação”.

LIVROS, DISCURSOS E ARTGOS

Fôssemos julgar Castriciano pelos seus livros e diríamos que foi exclusivamente poeta. Um julgamento parcial, sem perfeito conhecimento da espécie. 1892 é a estréia, com *Iriações*, a que se seguiu *Ruínas*, em 1898. Mãe é de 1899 e *Vibrações* o último, de 1903. Publicou também três peças teatrais: *O Engeitado*, *A Promessa* e *Suprema Dôr*, encenadas para a platéia natalense.

Não publicou nenhum livro em prosa. Um ou dois relatórios burocráticos, conferências e discursos, artigos numerosos na imprensa do Rio e de Natal, inclusive as notáveis **Cartas Holandêsas**, publicadas em dezembro de 1916, na **A REPÚBLICA**, sob pseudônimo. Nesta série de ensaios, em que Castriçiano se revela arguto observador social, estariam passíveis de revisão seus conceitos sobre os homens da monarquia brasileira. Dos romances foram anunciados: **O Tísico** e **Os Mortos**, de que publicou dois capítulos na "Revista do Centro Polimático". Isto, o que sabemos, pois muito mais vasta e importante deve ter sido sua produção inédita. Lembro-me de que numa visita que lhe fizemos alguns esdutantes em 1934, diante de um grosso massô de papéis êle me explicava: "alguns estudos, cuja oportunidade passou".

O HOMEM DE LETRAS

Maior na prosa que na poesia, Castriçiano é entretanto dos nossos grandes poetas. Suas poesias esparsas dariam um volume consagrador. Costumava dizer que sua melhor poesia era **A Estátua**, que faz parte de **Ruinias** e inspira-se na atitude de Miguel Ângelo diante de **Moisés**:

Pasmo de si, do próprio esforço pasmo
Qual se de um outro aquela idéia fôsse,
O velho artista, em doudo entusiasmo,
Ante o seu gênio, impávido, assombrou-se.

Questão de gosto, êsse julgamento. Meu voto entretanto seria para **O Aboio** página emocional, de irapressiva e rara beleza, reunindo tôda a poesia da nossa vida rural:

Ah, como é triste o aboio, ah, como é triste o canto
Sem palavras — tão vago — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão, no mês de junho rindo
Pelos olhos azúis das crianças enquanto
No tamarindo verde, asas abertas, trina
A beira dos currais, o galo de campina...

Castriçiano como Nísia teve projeção internacional, figurando na **Littérature Brésilienne**, de Victor Orban, e na antologia sueca de Coran Bjorkmån, da Universidade de Estocolmo. Ambos os tradutores serviram-se de sonetos de **Vibrações**, o que autoriza a suposição de que tendo sido Castriçiano que enviara êsse livro para a Europa, nêle estariam reunidas suas melhores produções.

Mãe é um poema que o autor dedicou à memória de sua progenitora, versos profundamente sentimentais, pessimistas, sem grandes motivos para a crítica. Num dêles o poeta utilizou-se de belo tema de folclore cristão, o nas-

cimento do Menino Jesus, anunciado pelos animais, tema que Paul Lacroix registrou na França, com evidentes resquícios medievais:

**A Noite vai caminhando...
(Ó mocho, porque tú choras?)
Um galo, de quando em quando,
Pergunta se já são horas...**

**Enfim um outro responde...
Soluça: Cristo nasceu
E o boi perguntando aonde
Alonga os olhos ao céu**

**Belém, Belém, o cordeiro
Bále na grama sombria.
Fitando longe o cruzeiro
Que a noite leva, tão fria...**

Representante autêntico da reação contra o gongorismo de que Segundo Vanderlei foi expressão mais alta, não lhe fugiu entretanto a influência, nesta apóstrofe veemente, que faz lembrar Castro Alves:

**Ó Cristo... Pai das criancinhas pobres
Ouve-me, Senhor, escuta esta oração...
É mais um grito que soluça errante
Na cúpula infinita da amplidão.
É mais um brado unido às dores tristes
Dos que sofrem na terra o que sofreste
Das almas compungidas que ainda orvalham
A cruz, o negro lenho onde morreste.**

Prosador, Castriciano é senhor de um estilo invejável, dominando um vocabulário plástico e elegante, sem aquela adjetivação abusiva e sonora, tão em gosto nos começos do século. Nas festas centenárias da Revolução de 17 coube-lhe fazer o discurso de inauguração do monumento aos heróis daquele movimento republicano. O final dessa peça é uma amostra fiel da sobriedade do seu estilo:

“Há quatrocentos anos eramos o cáos: dentro da nossa alma havia sómente a da floresta virgem, enquanto lá fora a cultura greco-romana esplendia na beleza eterna da Renascença. Não tivemos medo; seguimos o caminho traçado pelo gênio das raças que nos formaram.

Pouco a pouco, deixamos a sombra da relva primitiva, conquistamos nosso lugar ao sol.

Vamos subindo, embora lentamente. Tão cêdo rão galgaremos o cimo da montanha, mas, na altura a que chegamos, já podemos abrir os olhos à claridade dos horizontes e ver agradecidos os descobridores, os atletas anônimos dos primeiros dias, os bandeirantes, os guerreiros, os legionários da Independência, da Abolição e da República — sobretudo ver os mártires fuzilados ou pendurados nas forcas, como luminosos pontos de interrogação entre o passado e o futuro.

São quatrocentos anos de glórias, onde há cruces mas não vilezas a nos lembrarem neste momento, único na história do mundo, que pertencemos à Humanidade e que esta, ainda agora, depois de milênios de lutas e sofrimentos, rotas e ensanguentadas as vestes, caminha, caminha...

.....

E voltemos desde logo ao civismo de nossos avós, deixando de vez a inexplicável descrença, de hoje, essa falta de fé em tudo, esse hábito de zombar das coisas mais santas, essas fealdades que estão soterrando o imenso tesouro de bondade do coração brasileiro”.

DUAS INSTITUIÇÕES CASTRICIANAS

Foram longas as suas peregrinações em busca da saúde. Não foi apenas o sertão riograndense. Não foi Angicos ou Nova-Cruz. Não foram somente as salas de hospitais. Fôram também os Alpes, os ares sádios da Europa Central. Antes da viagem à Europa, donde voltou restabelecido do ataque pulmonar, êle havia cantado, desesperado de recuperar o bem perdido:

**Aí, nas cidades recobrar não pude
A paz, a calma, a festival saúde,
Que há muito busco sem poder achar.**

Dos sanatórios da Suíça o poeta voltava apóstolo. Estudou a organização das *écoles menagères* e vinha cheio de planos e sonhos. Celibatário, tem entretanto uma comovedora predileção pelas crianças e pelas jovens. Curiosamente, não escolheu um patrono na Academia, mas uma patrona... É que havia talvez em Castriciano uma esplêndida sensibilidade paternal, que encontrava naquelas preferências o seu derivativo mais eficaz.

A Escola Doméstica de Natal é a sua grande realização prática através da Liga de Ensino que êle fundou. Suas idéias a respeito, resumindo leituras e observações pessoais, estão numa conferência sobre a *Educação da Mulher*. Que o mais bonito poema de Henrique Castriciano é a *Escola Doméstica*, digam-no as centenas de jovens ali educadas, não apenas para os mistérios da vida doméstica, mas numa completa formação humanística, correspondendo satisfatoriamente as esperanças do ilustre fundador.

Seu amigo pessoal, Bilac lembra-se dêle na fase de pregação cívica do sorteio militar e do escotismo. Escreve-lhe sugerindo os meios de agitar o ambiente. Ajudado por Ponciano Barbosa, Castriciano funda a Associação de Escoteiros do Alecirm que tão assinalados serviços tem prestado à educação dos jovens, continuada com devotado heroísmo e apostôlicamente dirigida pelo prof. Luís Soares.

O IMPENITENTE

Tenho para mim que Castriciano morreu impenitente de um grande pecado, talvez daquêles a que os teólogos chamam pecados materiais. Foi o pecado da negligência intelectual. Quanta página de fulgurante beleza estilística está aí escondida em difíceis coleções de jornais? Quanto poema lhe saiu da pena e se perdeu inédito, roído pelas traças ou levado pelo vento, desprezadamente? Onde fôram parar os originais dos dois romances que escreveu? Como reunir suas melhores poesias?

Nem o absolve a elegação da doença, dos achaques contínuos, dos desgostos profundos, dos desencantos, das desilusões... Não soube, ou não pôde, ou não quis o poeta escrever o poema de sua dôr, talvez o seu melhor poema, aproveitando as fecundas inspirações do sofrimento, as produtivas sugestões da dôr, os férteis estímulos da tristeza...

Numa página de jornal, de treze anos atrás fui encontrar os versos que seguem:

Claro, o dia amanhece.
É de púrpura o céu. Um sussurro de prece
Vem casar-se ao rumor solitário das águas.
Não sei que voz do azul, enchendo o firmamento
Muda-se em côr e em som e transforma o lamento
Do mar, num cântico sem máguas.

Abro a janela ao dia
E o dia, entrando em jorros
Traz-me tôda a alegria
Das árvores do morro.

Ó natureza, como és forte e és bôa,
O mais humilde sêr, o sapo da lagôa,
A coruja da selva, a mãe-da-lua,
Choraram tôda a noite... E eis que agora flutúa
No céu puro e lavado, a senora alegria.
Dos pássaros do dia.

Recordando-me então
Dos poemas que compuz
 Nas longinhas manhãs da mocidade,
Tento exaltar a luz
Só me resta a saudade
Dentro do coração.

Do matinal fulgor aos rútilos segredos,
Já não posso exprimir tantos sonhos dispersos
E sinto que me cai a pena dentre os dedos.
Quem me dera voltar aos meus primeiros versos!

Saudade, é o título dêste poema, em que o poeta deixa cair vencidamente a pena, numa atitude estática, passivamente, sem disposições de transformar como desejou o seu próprio lamento num cântico sem máguas.

O resultado é que subtraiu-nos a nós — e mais do que a nós, subtraiu à mocidade contemporânea — o conhecimento da sua obra, o contacto com o seu talento, com a sua cultura, com as grandes qualidades de sua prosa, expurgada dos defeitos que lhe imprimiram as leituras da mocidade. Os livros de versos que publicou, vimos que não reúnem senão produções dos primeiros anos, e mesmo assim se encontram esgotados. **Iriações** é de encontro impossível, e foi de um montão de velhos papéis destinados ao fogo num dia de limpeza, que salvei as primeiras páginas de um exemplar.

RUINAS...

A 2 de agosto de 1947 Adauto da Câmara proferiu na Federação das Academias de Letras uma conferência sobre Henrique Castriciano. Refere a visita que lhe havia feito, na Policlínica do Alecrim, em palavras que preferi reproduzir:

“Entrei cauteloso, sob uma angústia indefinível. Minha emoção se acelerou quando vi Henrique Castriciano sentado em uma cadeira de balanço, quase de costa para a porta, o olhar distante e parado. O enfermeiro advertiu-me: “êle chora quando vê os amigos” Dando pela minha presença, esgazeou os olhos, tentou em vão estender-me os braços. Um sinal de júbilo se estampava naquelas faces torturadas, vindo do coração, que se sentira em sobressalto com a visita inesperada de um velho e constante admirador e amigo, cuja devoção nunca dependera das oscilações da fortuna política. Aquela cadeira era o seu leito. Já sem comandar os movimentos, totalmente desdentado, alimentava-se pela mão do enfermeiro, reduzindo-o à vida meramente vegetativa. A disartria implacável o impedia quase de se comunicar. O pior dêste quadro é que, sobre tanta desgraça, o espírito conservava lúcido, através do brilho do olhar e das reações instantâneas da fisionomia...

Quando me inteirei de tóda a extensão dramática daquela agonia pungente, daquêlê ocaso de um homem de pensamento condenado pelo destino a emudecer, tratei de falar com êle, monologando...

Veio um café, que eu lhe servi aos poucos, levando-lhe a xícara aos lábios. Entre um gole e outro, soluçava, os olhos fitos em mim, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto..."

Está aí um momento que reclama insistente a presença de um pintor de ruínas. Também Matias Maciel contou-me de uma visita que fizera a Castriciano, quando fôra transferido do Hospital Miguel Couto para a Policlínica do Alecrim. Propôs então o Poeta ao Genealogista, que, como sabemos perdeu a visão, morarem juntos, ambos solteiros que eram, um sem poder andar, o outro sem poder ver, emprestando-se mutuamente os órgãos que num faltavam mas no outro eram sadios. A morte sobrevinda não permitiu a realização da proposta.

QUANDO CASTRICIANO MORREU...

Quando Castriciano morreu foi Djalma Marinho quem me anunciou o evento, e puxando do bolso umas tiras de papel leu sôbre o poeta uma formosa nota, escrita por Edgar Barbosa, havia pouco. Essa crônica foi publicada no dia seguinte, como matéria de redação, no **Diário de Natal**. Não a reli, mas experimento ainda o remorso que me causou, eu que não visitara o poeta na sua longa agonia. Duas ou três vêzes sômente visitei Castriciano, quando morou numa casa da rua Princesa Isabel, e suponho que na sua inveterada displicência morreu sem me conhecer. Sempre estive nos meus hábitos de estudante o aproximar-me dos homens de letras da nossa terra. Exclusão do des. Antônio Soares, cuja aproximação foi feita através de um dos seus filhos, ninguém me levou à casa de Câmara Cascudo. Ninguém me apresentou ao dr. Juvenal Lamartine, ao padre Monte, ao des. Seabra Fagundes, a Matias Maciel, a Nestor Lima, a Edgar Barbosa, Aderbal de França ou Luís Torres. Procurei-os sôzinho, para conhecê-los, e foi também assim que procurei Castriciano.

O CRITÉRIO DAS SUBSTITUIÇÕES

Senhores:

Um jornalista dizia, após conhecido o resultado do pleito, que permanecia vaga a cadeira de H. Castriciano. Nem por aderir às possíveis segundas intenções daquêlê confrade, menos ainda por exibir sentimentos de falsa modestia, também vejo inocupada a cadeira em que assentou aquêlê insigne varão. E inocupada permanecerá ela, agora e sempre, seja quem fôr o seu substituto, poeta grande ou pequeno, prosador consagrado ou anônimo, jor-

nalista profissional ou dileitante, cronista assisado ou vesão. O critério das substituições acadêmicas se não é o da dignidade, ainda não será o da igualdade dimensional ou intelectual. As normas para fixação de tais critérios, impossíveis de codificação regimental, elásticas e adaptáveis às situações eventuais, sois vós senhores acadêmicos, que as estabeleceis. É vossa a responsabilidade das escolhas, e as críticas, feitas com boa ou má intenção, aos méritos reais ou fictícios dos eleitos, só aos eleitores devem ser encaminhadas.

Quem de nós é igual a Castriciano? Quem de nós subiu tão alto quanto êle em nosso meio? Quem ascendeu com êle o Cabugi da nossa planície mental? Quem escalou ao seu lado a montanha das musas? Quem possui uma página igual ao Aboio? Quem disputou a graça inatingida do seu estilo ou a beleza insuperada da sua poesia?

Se me fôsse exigida a razão dessa substituição eu a explicaria não sob um suspeito critério de igualdade. Procurá-la-ia em motivos de compreensão cultural, de carinho, de zelo, de interesse e então tudo estaria explicado.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

O final do discurso de Castriciano nas comemorações centenárias de 17 não foi aqui lembrado sem deliberado propósito. Não o fui arrancar do esquecimento porque constituísse um specimen característico do seu formoso estilo. Pesou também o sentido do apêlo ali contido. Ousei repeti-lo, a vós que estais aqui, para que o repitais depois, com redobrada veemência, como êle o faria, se aqui vos estivesse falando, nesta linda festa que preparaste com requintada fidelguia:

“E voltemos ao civismo dos nossos avós, deixando de vez a inexplicável descrença de hoje, essa falta de fé, em tudo, êsse hábito de zombar das coisas mais santas, essas fealdades que estão soterrando o imenso tesouro de bondade do coração brasileiro”.

* Discurso de posse na Cadeira N.º 2, no dia 26 de maio de 1949.

ROTEIRO DE UMA GERAÇÃO

Em recente reunião da Academia Norte-Riograndense de Letras, esta instituição cultural homenageou o Sr. Cristóvão Dantas, nosso ilustre conterrâneo, antigo diretor de “A República”, ex-secretário geral do Estado e ex-representante potiguar na Câmara Federal, — que, há longos anos fóra de sua terra, aqui esteve por alguns dias, em visita a pessoas de sua família.

Em nome da Academia, saudou, então, o Sr. Cristóvão Dantas o acadêmico Edgar Barbosa, em discurso que vale não somente como um documento propriamente literário, mas, por igual, evocador e definidor do roteiro, do destino de toda uma geração intelectual do Rio Grande do Norte, das mais brilhantes, lúcidas e renovadoras que temos tido, e na qual se inclui o mesmo Edgar Barbosa como uma figura de projeção, pelos seus admiráveis dons de talento e sensibilidade, pela graça e o encanto do seu estilo.

É o discurso de saudação de Edgar Barbosa ao Sr. Cristóvão Dantas, que temos a satisfação de divulgar,

hoje, — inaugurando a sua colaboração, tanto quanto possível regular, neste suplemento.

“Sr. Cristóvão Dantas: —

Há pouco mais de 24 horas recebi de Juvenal Lamar-tine a notícia de minha convocação para saudar, em nome da Academia, ao conterrâneo recém-chegado em visita de afei-ção e saudade. Tempo bastante curto ao juiz do interior que vem reencontrar, depois dos idos de 1930, o seu eminente pro-fessor de jornalismo; mas bastante longo para que em seu espírito se alvorocassem o cortejo mágico da mocidade e as gratas impressões dos velhos-companheiros.

A geração da “A República”, de que fostes um dos mestres ágeis e entusiastas, já se dispersou, lá fóra, aos ba-fejos ou aos vendavais da fortuna; e no entanto a sua alma lírica e harmoniosa não perdeu suas características de soncri-dade e o exemplo que deixou continua a subsistir como um capítulo heróico do jornalismo nordestino.

Devo evocar aqui Luís Torres, um dos nomes que me-lhor representaram a combatividade, a cultura, o gôsto espiri-tual da sua época. Pobre, hostilizado pelo destino, galgou sôzinho, um a um, os degráus da sua escada. E morreu sem uma queixa, sem incomodar quase ninguém, fiel à sobrieda-de da sua vida e do seu estilo.

De tudo quanto nos tem acontecido, na esféra intelec-tual, suponho que o fenômeno mais grave é o depreciamento do jornalismo idealista, cujas inspirações receberamos dos ro-mânticos da propaganda republicana. A clareira luminosa aberta por Pedro Velho e o cenáculo em que se moviam as vo-cações jornalísticas de Junqueira Aires, Henrique Castriciano, Eloi de Sousa, Antônio Marinho e Manuel Dantas, a tendên-cia instintiva dêste último para tudo quanto significasse hu-manismo, pesquisa, visão cosmopolita dos fatos, influíram para que a segunva “equipe” de redatores da “A República” apresentasse jornalistas do vosso quilate e de Adauto da Câ-mara, Heráclio Vilar, Antônio Bento de Araújo Lima, Dioclé-

cio Duarte, Lelio Câmara, Aderbal França, Otacilio Alecrim, João Maria Furtado.

Alguns deles elevaram o artigo de fundo, a crônica social ou política e o leve comentário do dia, à altura dos melhores padrões do jornalismo brasileiro. O tempo era muito literário, mas o grande princípio obedecido naquela imprensa era o de que tudo deveria servir para ornamento, porém que era máu tudo quanto fôsse empregado de propósito para ornamento.

Não resta a menor dúvida que o artigo estilizado, o dramalhão em tipo 8, com as galas das citações e das tiradas gongóricas, perdeu a sua época e dessa renovação fostes vós, em Natal, um pioneiro, um técnico sem pretensão de ensinar nem de fazer escola.

No jornalismo do sul, continuastes a tarefa aqui interrompida, debatendo fatos e problemas norte-riograndenses, compenetrado de que o dever de lealdade à terra não decai sob os percalços da sua história; e, quanto mais a exuberância do vosso engenho vos conduzisse a outros setores de trabalho, melhor viamos em vós o homem de imprensa, o companheiro amável e decidido da velha oficina provinciana, onde, novos Jasões, sonhávamos nossas aventuras mitológicas.

Eis um dos motivos por que estais entre nós como se o tempo não tivesse passado; e como se tôda a glória e tôda a fé perdidas voltassem ao nosso Rio Grande do Norte depois de haverem feito em torno da terra moral, que, no conceito de Nietzsche, também é redonda, vossa triunfal viagem de circunavegação.

Academia, 2 de abril 1949'

(Diário de Natal, 10 de abril de 1949).

DISCURSO DE AGRADECIMENTO *

Antônio Soares

 uando, há poucos dias, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte festejou, em sessão solene como esta, o centenário de nascimento do desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos, coube a mim, ligado à sua família, a incumbência de agradecer, em nome desta, a expressiva manifestação do venerando sodalício.

O mandato que então recebi, dos filhos, noras e netos do saudoso fundador do Instituto, foi agora renovado, para que eu, ainda uma vez, dissesse da gratidão de uns e de outros, por êste novo e sensibilizante preito, ora prestado pela Academia Norte-Riograndense de Letras.

A douta corporação rende, a seu turno, uma homenagem de referência à memória daquêle que foi, na época em que viveu, um dedicado cultor das letras jurídicas e um incansável estudioso da história de nossa terra, notadamente da que se refere ao período colonial, a mais esquecida e a mais ignorada enquanto se não fundou o Instituto Histórico.

A partir desse momento, porém, iniciou-se no Rio Grande do Norte o mais intenso trabalho de pesquisa, para melhor conhecimento e estudo do nosso glorioso passado, cuja documentação estava a desaparecer, pouco a pouco, no lamentável abandono dos arquivos públicos. Graças a essa iniciativa, útil e patriótica, salvou-se de completa destruição um tesouro de peças preciosas, algumas das quais vieram a ter importância decisiva no debate da famosa "Questão de Grossos" em a qual defendíamos legítimos direitos territoriais do Estado.

Fácil de compreender, portanto, o vosso nobre intuito, confrades queridos da Academia Norte-Riograndense de Letras, no apóio integral à idéia manifestada pelo nosso digno Presidente, acadêmico Edgar Barbosa. É que nesta casa, outro cenáculo de constantes estudos, o jurista como o historiador encontram, por igual, um ambiente que lhes é familiar, porque, em verdade, a História e o Direito, examinados nos seus diversos aspectos, constituem, sem dúvida, ramos especiais da Literatura em geral.

E foi isto, certamente, caros colegas acadêmicos, que determinou vossa adesão e vossa efetiva participação nas solenidades comemorativas deste centenário.

Entretanto, da justiça da vossa atitude, no apreciar e proclamar os méritos do homenageado de hoje — repito o que disse alhures — é natural me abstenha de externar um pronunciamento pessoal, em razão dos sagrados laços que a êle, em vida, me prenderam e que hão de permanecer para maior veneração, no culto da sua memória, sagrada e imprecível. Basta-nos, a nós outros, o julgamento, valioso e repetido, dos que nunca poderão ser acusados de juízes parciais. Será duradouro e crescente o nosso conforto, vindo, como ainda neste instante, dessas honrosas proclamações, equivalentes, para nós, a sentenças inapeláveis.

Do encargo que lhe destes, colegas acadêmicos, desempenhou-se com incontestável autoridade e brilho o intérprete do vosso pensamento, o eminente confrade Nestor Lima,

amigo e consócio, durante anos, do saudoso homenageado e, posteriormente, um dos seus continuadores na Presidência do Instituto Histórico.

No que nos toca, posso, sim, dizer desassombradamente da nobreza e da espontaneidade da vossa resolução, ao fazeres recordar, no recinto da Academia, a figura de um modesto, mas, legítimo cultor das letras e principal criador de uma das mais importantes instituições culturais de que se póde, igualmente, orgulhar a abençoada terra rio-grandense.

Os velhos arquivos forenses, as publicações do antigo Superior Tribunal de Justiça, as colunas dos jornais indígenas e o chamado “livro clássico do Instituto” — Capitães-Móres e Governadores da Capitania do Rio Grande do Norte — atestarão, pelos anos em fóra, senão o fulgor, ao menos a dedicação e o esforço de um juiz íntegro e de um historiador consciencioso, cujo centenário de nascimento quisestes, por vossa vez, solenemente comemorar.

Ao claro significado da vossa deliberação, às generosas palavras do vosso autorizado intérprete e aos aplausos da seleta assistência não poderiam ser indiferentes aquêles que velam, na serena intimidade do lar, pelo bom nome do patriarca extinto, num culto permanente de amor e de saudade.

A vós, pois, ilustres Presidente e membros da Academia, ilustre orador da solenidade, exmas. senhoras e distintos cavalheiros, que, com as vossas presenças, a ela emprestastes expressivo realce, os protestos francos e cordiais da nossa profunda gratidão.

* Palavras proferidas pelo acadêmico Antônio Soares, na solenidade com que a Academia Norte-Riograndense de Letras comemorou o primeiro centenário de nascimento do historiador Vicente de Lemos, em dezembro de 1950.

Lembrando Henrique Castriciano *

Hélio Galvão

Nesta casa nunca é demais falar de Henrique Castriciano. Casa que êle ajudou a fundar, dirigiu e ilustrou, emprestando-lhe a projeção do nome feito nos círculos intelectuais da metrópole, a Academia lhe deve — e creio que jamais saldará — uma dívida imprescritível: sua organização primeira, o impulso inicial para a vida.

O ensêjo da passagem da sua data natalícia oferece hoje ao ocupante obscuro da sua cadeira iluminada, oportunidade de reavivar-lhe a memória. E quero fazê-lo, regressando de sua intimidade intelectual, graças ao exame que fiz num volume de recortes por êle organizado, com certo máu gôsto mas com tocante carinho. Agradêço ao seu irmão, Dr. Eloi de Sousa a gentileza do gesto largo, confiando-me parte dêsse espólio sentimental.

Sem grande esforço, nêsse acêrvo de recortes sem ordem lógica, pregados confusamente, surpreende-se o escritor nos temas de sua predileção, o educador social na sua ter-

nura pela mocidade feminina, pelas crianças desamparadas, pelos velhos desabrigados.

Ora um recorte de jornal estrangeiro onde seu lapis assinalou uma notícia de interesse para êle. Ora é uma carta, um documento qualquer, revelando o desvelo de um homem por aquêles motivos que o levaram a campanhas de recuperação social, como o ensino doméstico, o escotismo, o sorteio militar.

Sôbre a Escola Doméstica, por exemplo, encontra-se cópia de um documento, autenticado pelo secretário da legação do Brasil em Bruxelas, a 30 de agosto de 1911, por onde se descobre a elaboração de um plano para um sistema de educação prática. A Escola Doméstica vem colocada em primeiro lugar, com esboço de um programa desenvolvido em três anos de curso, horário e idade mínima de 13 anos para admissão. O pessoal a ser contratado na Europa custaria 36.000 francos.

Em segundo lugar vinha uma escola Froebel, tipo jardim de infância, para meninos de 6 a 9 anos. Pessoal contratado: três professôras a 7.000 francos cada uma. A seguir, uma escola de criadas, com internato, para moças de 15 anos em diante que soubessem ler e escrever com um ano de curso, cabendo às alunas o serviço do próprio estabelecimento, sob a orientação de duas criadas-chefes. Como se vê, plano arrojado de plena e necessária atualidade.

A Escola Doméstica foi sempre seu grande cuidado. A 24 de maio de 1924 "A Notícia" do Rio de Janeiro publicava uma nota informando que acabara aquêle jornal de conseguir a colaboração de Henrique Castriciano. Pois bem grande parte dessa colaboração encontra-se no volume que examinei, e muitos artigos, sob qualquer pretexto aludem à Escola Doméstica de Natal.

Uma carta do presidente Washington Luis, de 23 de março de 1927, também fala:

"Quando da visita que fiz à Escola Doméstica de Natal a mais grata impressão e é com grande satisfação que

aproveito esta oportunidade para dizer-lhe, quanto apreciei o seu patriótico esforço em prol da educação da mulher brasileira, orientando-a com critério prático e criando a nova e sã mentalidade de amor pelas coisas do lar, tão necessárias quanto até então injustamente descuidadas entre nós”.

Quando do certamen de Galveston, a que compareceram jovens de todos os países, Castriciano aproveitou o ensejo do embarque da senhorita Olga Bergamini para desfechar uma interessante campanha de moralização. Contrapondo-se inteligentemente à mentalidade do culto à forma, em editoriais não assinados na *A Notícia*, mas que teve o cuidado de pôr seu nome nos recortes que pregou e reviu, lançou a idéia da instituição do prêmio da virtude, à semelhança do que já se fizera em França. O movimento alcançou repercussão, e na Câmara do Distrito Federal o vereador Correia Dutra apresentou projeto de lei instituindo o prêmio, que resultaria da apuração, pela Academia de Letras, do concurso feito pela interrogação “Onde se oculta o mais belo coração brasileiro?”

Um ano depois reencetava Castriciano o movimento aproveitando o episódio suscitado pelo deputado João Mangabeira em torno da viúva do guarda civil Américo Matos.

CARTAS

Muitas cartas estão presas ao livro de recortes. Sem comentários, para não perder tempo, transcrevo algumas menos longas.

De Graça Aranha, Berne, 20 de novembro de 1909:

Meu Caro Castriciano

Deu-me muito prazer a sua carta pela esperança e sobretudo pela resignação, de que está possuído. Realmente é preciso vencer a tristeza das altas montanhas e fazer da sua solidão uma solidão herói-

ca. Espero que uma grande e bela poesia nasça dêsse magnífico isolamento.

Deixamos hoje Berne. O Olinto chegou ontem. Aqui fica o Ramos, que é seu afeiçoado, e o eterno Giaconi que ficou muito satisfeito com a sua carta. Vou até Londres mas em fins de novembro volto à Lausanne, onde quero ver se as coisas do Brasil tornadas mais clementes dão-me alguma serenidade para trabalhar.

Dê-me de vez em quando notícias suas para aqui ou para a legação de Paris e creia-me na muita simpatia do seu,

Colega e amigo admirador

Graça Aranha

Outra, de Lausanne, 5 de fevereiro de 1911:

Meu caro Castriciano

A sua carta sôbre Nabuco comoveu-me muito. A sua evocação do grande homem coincide com a minha. Eu também tinha exatamente aquêles 14 anos a que V. remonta, quando vi e ouvi pela primeira vez Nabuco. É êle que devia ser mais tarde o meu amigo incomparável, foi o ídolo da minha adolescência. E com êle morre muito de nós mesmos.

Com a vida o meu Columbarium cresceu. Tobias, Machado e Nabuco fôram as minhas grandes atrações intelectuais, e os meus educadores brasileiros. E o Brasil nunca produziu homens como êles. Veja quanta saudade hoje em meu espírito. Mas, ainda foi um grande privilégio ter sido o objeto da ternura dos três, e ter sido o amigo íntimo de Nabuco. É preciso continuar meu caro Castriciano a missão de

cultura dêsses mestres. É o único e o melhor tributo, que lhes poderemos prestar.

Espero que a sua saúde se consolide e que V. possa trabalhar e dar tudo o que seu belo talento nos promete. Creio que lhe disse que Nabuco leu com muito prazer, e em voz alta para mim, os primeiros versos das suas "Vibrações". Um abraço afetuoso do colega e amigo,

Graça Aranha

Várias cartas de Magalhães de Azevedo, então da Legação junto à Santa Sé, outras de Afrânio, de Oliveira Lima e Papi Júnior. Transcrevo esta de Aluizio de Azevedo:

Nápoles, 17 de janeiro de 1920

Patrício e Amigo Snr. Dr. Castriciano

Muito obrigado pela sua amável cartinha e pelo seu cartão postal. O Afrânio é um intrigante; tudo o que êle disse a respeito de romance é efeito dêsse sol desvairador aí do Oriente, e quando fôsse verdade não seria a realização de tal sonho coisa para se fazer dentro dêste ano. Tenho de fazer o meu relatório anual do Consulado. Ah, meu caro Castriciano, não imagina que lindas páginas! Que poderosas descrições sôbre o Parmesão, o Gorgoozola e o Caciacavallo. Que belos pensamentos sôbre o Gizo Sêco, sôbre o azeite de oliveira, sôbre o presunto, o peixe em salmora, a carne de pôrco salpreza, as enxovas em conserva e a massa de tomates.

Ah Nápoles! Como dizia o Conselheiro Acácic.

Ah Nápoles!

Acaba de passar por aqui o Dr. Ribas Cordowal, que

é grande amigo do nosso Afrânio e é casado com uma senhora que também é médica, mas apesar disso muito amável, simpática e muito devota, tendo aqui chegado ainda palpitante com a impressão que lhe deixara a benção do Papa. Se êles aparecerem por aí, peço ao Snr. como ao Dr. Afrânio para os tratarem com todo o carinho, que bem o merecem.

Depois que o Afrânio me acordou nos nervos desejos de escrever, tem me caído sôbre a cabeça uma verdadeira chuva de afazeres que me não dão tempo para respirar. Defronte de mim, aqui à mesa do Consulado, tenho um monte de cartas para responder, havendo entre elas duas em francês, uma em espanhol, que vale por seis, e uma (valha-me Deus) em inglês, que vale por doze sem falar em três officios para o Govêrno e outro mais para a Delegacia do Tesouro em Londres. Já vê que não é assunto que me falta literatura, e que isso sirva de desculpa à demora desta carta, do amigo

Aluizio de Azevedo

NÍSIA FLORESTA

Nísia Floresta, outro grande interêsse de Castriciano, não está ausente desta miscelânea. Há uma vibrante evocação manuscrita, que suponho inédita, em que o poeta descreve a partida de Nísia para o Recife. Vem depois curioso trabalho datilografado, escrito por d. Isabel Gondim, e dedicado ao Sr. L. Souto. É trabalho cheio de preconceitos, mas que à parte certas restrições faz incidir muita luz sôbre a figura de Nísia. Não sei como Castriciano não o comunicou a Adauto da Câmara. Talvez não lhe tenha dado importância. Mas o fato é que, feitas as ressalvas necessárias, inclusive de fatos históricos já hoje melhor elucidados, D. Isabel Gondim

revela minúcias curiosas, que não me parecem para desprezar.

Ficamos sabendo, por exemplo, que o pai de Nísia era especialista em cerâmica e que a estatueta de um índio, que sustenta na cabeça a pia batismal da matriz de Paparí, é obra dêle. Conheço essa estatueta, jovem índio robusto sustentando, músculos retezados, o pêso enorme da pia.

A presunção de Aduino da Câmara sôbre as lutas a que Nísia alude, quebrando a tranquilidade de Floresta, é agora confirmada por êsse testemunho: séria questão de terra com parente obrigara Dionísio Pinto Lisboa a retirar-se de sua propriedade, deixando a família em S. José de Mipibu, numa casa da rua da Cadeia, e indo refugiar-se em Alagôas. Foi aí em S. José que Nísia, hábil guitarrista, encontrou-se com Manoel Alexandre Seabra de Melo, com quem se casou e a quem abandonou em Natal presa aos encantos do jovem Joaquim Xavier Garcia de Almeida.

Amiga também de Marcos Antônio Brício, da companhia de guarnição militar, Nísia foi sob sugestão sua levada ao Recife com recomendação para um rico rapaz pernambucano, Costa Júnior, viajando de jangada.

A viagem de Nísia à Europa, segundo essa versão, teria sido motivada para fugir ao escândalo de avistar-se com o marido traído, que estaria de viagem para o Rio de Janeiro, com o intuito anunciado de pôr a nu a conduta irregular da espôsa, agora acobertada por uma vida de viuvez e moralidade.

No fim do documento, vem uma impugnação assinada pelo Dr. Meiroz Grilo, às informações de D. Isabel Gondim. Impugnações — diga-se de passagem — sem grande fundamento, porque não opõem qualquer documento ou tradição oral.

Ainda sôbre Nísia há o seguinte documento:

Recebi do Sr. Dr. H. Castriciano quinhentos francos para completar o pagamento do monumento em execução que vai ser erigido na cidade do Natal

em memória da mãe de Mme. Gade — nisto não entra o custo do medalhão de bronze que fica a meu cargo. Paris 3 de agosto de 1910 (a) Bernardo Alves Pinheiro.

A lapis, Castriciano acrescentou a seguinte nota:

O Snr. Bernardo Pinheiro refere-se à herma inaugurada em 1910 na praça “Augusto Severo” desta cidade. Foi orador, a meu pedido, Geraldo Lima. H. Castriciano — Natal”.

Numa carta de 23 de fevereiro de 1912 o Sr. Bernardo Pinheiro indagava:

Eu já devia ter-lhe escrito há mais tempo, mas esperava receber suas novas e apreciadas notícias a respeito da inauguração do monumento “Nísia Floresta” e os jornais da ocasião falando a respeito para eu mandar a Mme. Gade (Livia Augusto) que já me tem escrito várias vezes perguntando se V. Excia. conforme dizia em sua carta, já me havia mandado notícias a respeito da inauguração do referido Monumento.

Muito poderia ser aproveitado mas isto pareceu-me o suficiente para a homenagem que a Academia quis prestar ao seu grande fundador.

Coincide com a posse do novo presidente a data do aniversário de Henrique Castriciano. O retorno do acadêmico Paulo de Viveiros à presidência desta Academia importa numa afirmação de escolha consciente e de interesse deliberado pelo destino da instituição. Creio por isto, que esta solenidade indica uma época de vitoriosa ascensão para o nosso grêmio.

E se os mortos podem inspirar os vivos, creio nas inspirações de Castriciano para que não desertemos daquela missão de cultura de que Graça Aranha lhe falava. Excluídos

dos vivos, habitantes da mansão eterna, Castriciano ficou entre nós, num milagre de presença imponderável e viva, a estimular-nos no amor à nossa terra, no interêsse dos nossos problemas, no trato da nossa instituição.

Fieis a todo êste programa, teremos prestado a Castriciano a homenagem que êle legitimamente conquistou.

* No dia 15 de março de 1951, a Academia Norte-Riograndense de Letras empossou sua nova diretoria e prestou homenagem à memória de H. Castriciano, cujo aniversário de nascimento transcorria naquela data. Publicamos agora o discurso do ocupante da cadeira, Sr. Hélio Galvão, pronunciado naquela noite, sôbre a personalidade marcante do homenageado.

EVOCANDO OS NOSSOS MORTOS *

Rômulo C. Wanderley

Três décadas são decorridas e parece que foi ontem, quando meia dúzia de idealistas pensou na imortalidade acadêmica, na província dos potiguares. O sonho daquêles dias, animado por uns e desalentado por outros, ultrapassou a mente de escritores e poetas e se tornou realidade visível a olho nu.

Mais felizes que os árcades mineiros, os nossos intelectuais, sem usar roupagens helênicas e sem ter preocupações libertárias que as letras fatalmente suscitam, vêm, graças a Deus e graças a Noé, como dizia o velho padre cura do verso de Junqueiro, que a nossa instituição está sólida como as instituições britânicas, o que nos obriga a querê-la cada vez mais, como um patrimônio inerente ao trabalho intelectual de cada acadêmico.

Por entre as alegrias das comemorações de hoje, homenageamos aos Lúcios de Mendonça de 1936, por terem ouvido o apêlo e a convocação de Luís da Câmara Cascudo, que achou por bem erguer a voz do Rio Grande do Norte na Federação das Academias de Letras.

As 25 cadeiras da data da fundação, elevadas para 30 e 40 posteriormente, premiaram os nomes mais altos das letras provincianas. Assim é que foram recrutados, pela coação irresistível da amizade: Adauto da Câmara, jornalista e historiador; H. Castriciano, jornalista, prosador e príncipe dos poetas do seu tempo; Francisco Ivo Cavalcanti, professor e dramaturgo, poeta e advogado; Aderbal de França, jornalista e cronista; Otto Guerra, jornalista e sociólogo; Virgílio Trindade, comediógrafo e poeta humorista; Edgar Barbosa, professor e magistrado, jornalista e ensaísta; Carolina Wanderley, poetisa e educadora; Antônio Soares de Araújo, historiador e poeta; Matias Maciel, genealogista; Nestor Lima, historiador, educador e advogado; Bruno Pereira, jornalista e magistrado; Januário Cicco, médico e romancista; Juvenal Lamartine, estadista e sociólogo; Antônio Fagundes, educador e historiador; Sebastião Fernandes, poeta, magistrado; Francisco Palma, poeta; Dioclécio Duarte, orador e jornalista; Waldemar de Almeida, poeta da Harmonia; Clementino Câmara, educador e memorialista; Palmyra Wanderley, poetisa e cronista; Floriano Cavalcanti, jurista e filósofo; Luís Gonzaga do Monte, servo de Deus e da Ciência; Bezerra Júnior, o poeta da Natureza e por fim, Luís da Câmara Cascudo, historiador e folclorista.

Em trinta anos, éramos apenas trinta companheiros. E dêses, a Morte inexorável roubou doze ao nosso convívio, enlutando a Família e as letras provincianas e nacionais.

Henrique Castriciano e Sebastião Fernandes foram os primeiros chamados para a imortalidade definitiva.

Henrique, patrono da Casa, Poeta, sonhador e idealista. Um grande espírito cujos vôos não cabiam nos céus limitados da Potiguarânia. A sua obra literária, moldada em grande e nobre estilo, conquistou a admiração de Bilac, de Martins Fontes, de Clóvis Bevilacqua, de Alberto de Oliveira e muitos outros. Ele sabia pensar muito alto, e zeloso da sua obra de arte, cuidava também dos destinos da Nacionalidade. A educação da Mulher interessava-o com o mesmo amor com

que desejava a grandeza da Pátria. E o civismo da mocidade merecia-lhe especial apreço. Tanto que ao fim da primeira Guerra Mundial, quando Bilac, com o seu verbo ardente como as sarças de fogo dos seus versos, sacudiu a indiferença nacional, despertando-a para a defesa do gigante, os seus olhos encontraram aqui no Nordeste, o patriotismo e a inteligência de Castriciano, que prontamente se colocou a serviço da Liga de Defesa Nacional.

O Poeta admirável *d'O Aboio*, do *Monólogo de um bisturi e d'A Estátua*, era o mesmo estilista impecável das *Cartas holandesas* e de *Um perfil de Lourival Açucena*. O seu talento e a sua cultura invejável ficaram nos poucos livros que publicou e nas páginas *d'A República*, o saudoso jornal de Pedro Velho, em cuja redação transitaram os expoentes das gerações da primeira metade deste século e dos jornais do Recife, Fortaleza e Rio de Janeiro. Parece que estou a vê-lo, caminhando lentamente à procura de uma livraria ou de uma farmácia, conduzido pela permanente ânsia de saber e de cura, para doenças que a Medicina hoje facilmente cura pelo espírito.

Sebastião Fernandes fizera seis anos antes a longa e dolorosa viagem, da qual não se regressa. Tivera, na mocidade, uma *alma deserta*, como confessou no seu primoroso livro de versos. Depois, realizados os sonhos que o poeta julgara inatingíveis, enveredou pelos estudos graves, condizentes com a sua responsabilidade de magistrado. E, à semelhança de Rodrigo Otávio, pai, amou as belas letras e serviu à Justiça, honrando a Côrte e a Academia a que pertenceu.

Luís Gonzaga do Monte, nome que proferimos com respeito quase místico, máxime porque o conhecemos na cátedra, no laboratório e no Altar. Os melhores anos da sua juventude e da sua maturidade, êle os consumiu no convívio dos livros e no manejo das pipetas, procurando penetrar no pensamento dos sábios qualquer que fôsse a escola filosófica de cada um e nos ensinamentos dos doutores da Igreja, aos quais êle se equiparara, sem que d'isso se aperceberse. A exun-

plo de Bernardes, falando das coisas terrenas, tinha o pensamento voltado para Deus e ao contrário de Vieira, que falando para Deus tinha o pensamento voltado para os homens. Foi um santo e um sábio, que a nossa Casa teve o privilégio de contar sob a sua cúpula.

Em Clementino Câmara tivemos o companheiro notável pelas qualidades morais e pela cultura conquistada a golpes de esforço e de quase sacrifício. Dedicção ao magistério, de que fizera um sacerdócio, indiferente aos melhores lucros de profissões que o bom mestre considera profanas. Vida útil à formação intelectual da nossa mocidade que a Morte não esqueceu, naquêlê fatídico ano de 1954 !

Bezerra Júnior, um eterno enamorado da Natureza, voltado para a paisagem e a vida dos campos, como os grandes bardos do romantismo português. Simples e pobre como um campônio, era um desterrado na agitação das cidades. A música dos pássaros na floresta, a harmonia do regato na quietude das matas eram para êle uma mensagem que somente os poetas entendem, porque são capazes também de ouvir e entender estrêlas. A simplicidade da vida rústica e os costumes primitivos dos sertões, estão nas estrofes dos seus poemas. Palpitam nos seus versos, saltam à nossa mais modorrenta sensibilidade.

Januário Cicco, médico e homem de letras, e que também foi um dos nossos, contribuiu para o enriquecimento da nossa literatura com romances, em que se espelham a dor e a angústia que dela se originam. Grande benfeitor da cidade, se não lhe valessem os títulos de escritor, ingressaria em nossa Casa como Osvaldo Cruz e Miguel Couto entraram para o Petit Trianon.

Francisco Palma, o poeta de *Luz e Cinza*, senhor de uma poesia lírica e suave, que se enternecia diante da grandeza do mar e ao sentir o perfume da flôr, foi do primeiro grupo, daqueles 25 eleitos inicialmente pela escolha unânime dos seus pares. Numa existência despida de pretensões, feliz por ver-se realizado com o primeiro amor, aquela que foi a

sua musa inspiradora nos arroubos da mocidade e no crepúsculo da vida.

Nestor dos Santos Lima, educador e mestre de gerações sucessivas, historiador e servo do Direito, veio dos primeiros dias. Vida longa, pautada no caminho do Dever, da Honra e do amor às nossas mais sagradas tradições. Os monumentos históricos da Cidade, os municípios da Província, desde as suas origens, as figuras do Passado, que fizeram a projeção da antiga capitania do Rio Grande, eram as suas preocupações máximas. Nascido na cidade tradicional dos carnaubais que tem servido de berço a poetas e heróis, patriotas e trovadores, era bem um irmão de Ana Lima e Galdino, Deolindo e Luís Antônio, nomes que amaram as letras, cultivaram a poesia e a eloquência, conquistando, por todos êsses títulos um lugar de honra na galeria dos norte-riograndenses ilustres e ilustrados.

Juvenal Lamartine, homem público de nobres qualidades, era também um estudioso apaixonado dos nossos problemas sociais e políticos. Seridoense das velhas estirpes, amava e cultuava as tradições legadas pelos seus maiores. No seu livro "Velhos costumes do meu sertão", publicado póstumamente, há um desfile sugestivo e evocador de patriarcas e ioiôs, matronas e iaiás, casas grandes e senzalas, crenças e superstições, histórias e estórias. Pelas superiores qualidades que o distinguiam, mereceu a presidência da Academia e fazia gôsto vê-lo rejuvenescido no convívio contagiante dos mais moços, vendo, em cada um de nós, um cavaleiro andante de incursões literárias, para honra e glória de imaginárias e românticas Dulcinéas.

Adauto da Câmara, o jornalista e historiador, honrou os nossos quadros acadêmicos. Nos tempos áureos d'A República, o saudoso jornal fundado pelo idealismo político e literário de Pedro Velho, êle pontificou em padrões clássicos, como poucos o haviam feito antes. Emigrando para a Guanabara, fez-se educador dos mais conceituados e cultos. A vida de Nísia Floresta, a brasileira augusta, foi objeto de primo-

roso estudo seu. A nossa participação na Guerra do Paraguai, também lhe serviu de tema a um estudo rico em pesquisas e observações, em virtude do qual nos é hoje possível apontar ao culto do presente e da posteridade, os conferrâneos que acudiam ao apêlo da Pátria, quando a cobiça de um déspota punha em perigo a sua soberania geográfica e política.

Na Federação das Academias de Letras, na antiga Metrópole, Adauto da Câmara era o nosso plenipotenciário, vigilante e eficiente, muito mais do que os próprios plenipotenciários...

Matias Maciel Filho, o estudioso que se fez ermitão, vivia isolado do mundo entre pilhas de livros, revistas e jornais, que primavam pelos assuntos genealógicos. A sua presença às nossas sessões constituia quase que uma conquista de pesquisadores apaixonados, a trabalhar pela existência da instituição. É emocionado que o recorde nesta página de evocação e de saudade. Quando o conheci já era um evadido da sociedade dos homens de letras e de estudos. Saía de casa uma vez por mês, a princípio sem auxílio de terceiros. Mas depois guiado por mãos amigas, que a exemplo daquêle Augusto, irmão de Antônio Feliciano de Castilho, eram a luz dos seus olhos.

Naquêles Himalaias de obras preciosas, dormiam gatos e segredos históricos e genealógicos, que poucos se aventuravam a devassar. Os estudantes mais curiosos, tornavam-se seus amigos por causa dos seus livros. E iam até lá, não apenas para ouvi-lo dissertar sôbre assuntos da sua especialidade, como também, para trazer-lhe os volumes, que, como filhos ingratos, raramente voltavam à casa paterna... Homem de estudos e de cultura, se não divulgava em livros o saber que amalhara em pacientes pesquisas, era, incontestavelmente, uma glória e um orgulho da terra, que os fundadores da Academia não poderiam ter deixado à margem.

Morreu silenciosamente, sem toques de finados nem adeuses "ao pé do leito derradeiro", como diria o velho e admirável Machado. E a sua vaga, nêste quartel de século dispersivo e atômico, dificilmente encontrará ocupante à altura.

E o último companheiro perdido? Era um espírito de escol que se chamava Cristóvão Bezerra Dantas. Herdeiro de um nome que foi dos maiores do seu tempo na imprensa, na história indígena, na genealogia e em outros ramos do saber humano, acessíveis a um homem de província. Após o curso na Faculdade de Direito do Recife, regressou à terra berço, para sobreviver heróicamente, como um estudioso incansável e incorrigível, no Natal ainda colônia, do primeiro quartel deste século.

Cristóvão, mais feliz do que Manuel Dantas, teve, para expansão do seu talento grandioso, da sua curiosidade intelectual, a metrópole bandeirante, que jamais desmentiu aquela frase de Artur Neiva, quando afirmou que S. Paulo é uma locomotiva puxando vinte carros vazios. A grande imprensa da paulicéia seria o campo vasto e profundo do seu apogeu jornalístico. Ler as coleções dos seus artigos, publicados nos bilionários e prestigiosos diários paulistanos, é sentir o pêso dos seus conhecimentos, o patriotismo com que êle encarava os problemas nacionais, a sua confiança no futuro do Brasil, que haveria de consolidar a sua independência no cultivo da terra, e na expansão industrial e comercial, de que S. Paulo se tornara, *par droit de conquête*, líder incontestável.

Com a sua morte brusca e cruel perdemos um valeroso e digno companheiro. O seu otimismo no destino da Academia era consequência do seu otimismo no destino do Brasil.

Foi o 12.^o companheiro que deixou o convívio desta Casa, levado pela mão invisível e implacável da Morte, fantasma traiçoeiro que não respeita santos, nem heróis, super-homens nem simples criaturas do povo, anônimas como os lírios do campo.

O exemplo de suas vidas e de seu devotamento aos estudos e às boas letras, caiu em terreno fértil. Sentimo-los presentes aos nossos trabalhos, inspirando-nos e encorajando-nos, a nós outros, pobres mortais, que vivemos na lírica ilusão da imortalidade literária.

Tais como os Doze Apóstolos, que se imortalizaram pelo doce convívio com o Filho de Deus, como os Doze Pares de França que não morreram nas lendas dos feitos de Cavalaria, os doze companheiros que perdemos, em trinta anos de atividades acadêmicas, passaram a uma imortalidade perene e consagradora, endeusados pelo amor do nosso culto e glorificados pelo culto do nosso amor.

* Discurso pronunciado no dia 14 de novembro de 1960, por ocasião do 30.º aniversário de fundação da Academia Norte-Riograndense de Letras.

"PARIS, CIDADE DO PENSAMENTO LIVRE" *

Américo de Oliveira Costa

Não vos vim fazer a apresentação, Sr. Anibal Fernandes. Semelhante equívoco seria imperdoável, tratando-se de vosso nome e de vosso itinerário de escritor e jornalista, cujas projeções não se limitam às fronteiras de vossa amável província pernambucana. Ampliam-se, antes, por todo o país, sobretudo nêste nordeste, conhecidos e admirados nas suas notáveis manifestações: de homem da imprensa diária, cheio de espírito público, de devoto amôr à terra e à gente, e corajosa combatividade democrática, ao homem de letras, em quem a graça, a finura, a sensibilidade, a proporção, o equilíbrio refletem origens mediterrâneas, são autênticos testemunhos do próprio gênio latino, tão batido hoje entre culturas e técnicas ásperas, antagônicas e pragmáticas, mesmo inumanas. Um vosso ilustre conterrâneo, Joaquim Nabuco, num dos seus paralelos entre o americano e o europeu, acentuou, generalizadamente, que, se tínhamos a imaginação européia, o sentimento era pro-

fundamente brasileiro. Sois um belo e puro exemplo dessa linhagem, Sr. Anibal Fernandes, pois, espírito universal, no sentido do humanismo e da cultura, vossas constantes de atividade articulam-se, de modo superior, em função do ambiente político e social de que sois parte. No homem de jornal e no escritor, co-existe ainda, entretanto, o professor de antenas sensíveis à curiosidade e à inquietação intelectual dos moços desta nossa idade, repleta de perplexidades, em noções, rumos, acontecimentos e destinos, — de dias e noites superados, nas suas medidas clássicas, pois uma 25.^a hora pode sempre suceder, como no romance terrível e famoso de Constantin Virgil Gheorghiu.

Dizia, inicialmente, Sr. Anibal Fernandes, que não vos vinha apresentar. Os motivos aí estão expostos, embora sumariamente. Tenho, contudo, uma missão a cumprir, neste instante. É a de vos saudar, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, e também a de agradecer a honra da aquiescência ao nosso convite. Este é um grande momento, definitivamente marcado nos fastos da Casa de Henrique Castriciano, por ter podido comemorar, de maneira tão auspiciosa e significativa, o bi-milenário de uma cidade que é, realmente, segundo o título de vossa conferência, a cidade do pensamento livre, o sal da terra e a luz do mundo, a última etapa de um ardente e tumultuário processo, de uma longa e gloriosa experiência de beleza, de sabedoria, de espírito, de perfeição, de arte e alegria de viver, — de que Atenas e Roma foram degraus e escalas anteriores e sucessivas. “Uma rua de Paris é um rio que vem da Grecia”, escreveu o nosso Gilberto Amado. Mas ao ter falado em arte e alegria de viver, eis que me ocorre, melancolicamente, a precariedade de que se envolve, na atualidade, este conceito.

Não foi um próprio grande poeta francês que, no segundo decênio do século, com a explosão da primeira guerra e o advento da revolução social, cantou gravemente estes versos proféticos: “Finie la douceur de vivre. — Les temps de la passion sont arrivés”?

Meus senhores: Não poderá parecer a ninguém sim-

ples requinte de esnobismo ou sofisticação intelectual o fato de estarmos a celebrar, acadêmicamente, os dois mil anos de uma cidade de outro país. Na verdade, Paris não é uma cidade estrangeira. Paris é o símbolo e o signo de uma cultura e de um espírito, em que se integra e filtra, com mais fortes vincos ou mais delicadas nuances, todo o Ocidente, naquela exata proporção em que a julgava D'Annuzzio: sem ela, "que solidão no mundo!". Nesta comemoração há qualquer coisa, evidentemente, de um ritual comparável ao dos antigos etruscos e romanos, quando se reuniam familiarmente à sombra tutelar dos seus penates.

Muito a conheceis e muito a amais, Sr. Anibal Fernandes, — que mesmo sem a conhecer quantos de nós tanto a amamos! — e nas vossas andanças pelo planeta a aventura do contacto com a "cara Lutécia" do Imperador Juliano deve ter constituído sempre um inefável instante. Há cêrca de três anos, lá estivestes, novamente, e recordo vossas crônicas de viagem, inclusive por tôda a França, correspondência palpitante de sugestões e de reflexões da história, da arte, da vida e da legenda, — da qual não se excluía, tantas vêzes, aquela própria boa e saudável malícia gauleza... E quantas dimensões tem o velho e sempre novo Paris que é o que conheceis! — quadros do tempo perdido tangenciando fórmulas e condições da vida que passa, coisas, épocas e criaturas assim dispares convizinliando perturbadoramente, num milagre de tapête mágico ou de máquina de explorar o tempo: o Paris que se define e se exprime no romance de Balzac como na memória de Proust; nas rosáceas de Notre Dame, como na flecha da Tour Eiffel; na música de Debussy como nas télas de Renoir; na Declaração dos Direitos do Homem como nas canções de Jacques Prévert; nos "trottoirs" da "rive gauche" como no "Père-Lacheise", onde dorme, profundamente, a Dama das Camélias; nas faces, acima do bem e do mal de Madame de Maitenon ou de Ninon de Lenclos, de Manon Lescaut ou de Mimi Pinson, de Cécile Sorel ou de Juliette Greco; nos jardins heráldicos de Le Notre como na atmosfera ála cre dos "bistrôs"; no assobio de Gavro-

che como no verso inconsutil de Valéry; nas mesas de Café de Flore como na montanha de Sainte-Geneviève; nas “feeries” de Jean Cocteau como nas máscaras de Louis Jouvet; no Quartier Latin como no Arco do Triunfo; no perfil da guilhotina como nas façanhas de Villon; nas galerias do Louvre como nas Cátedras da Sorbonne; no desespero existencialista de Sartre como na veemência evangélica do padre Riquet; no “J'accuse” de Zola como nos pardais de Luxemburgo; nos generosos vinhos de tôda a França como nos perfumes de Worth; nos vestidos de Molineux, nos filmes de Marcel Carné; nas barricadas da Comuna como no “panache” de Cyrano; nos mistérios da Tour de Nesle como nos “bouquinistae” dos cáis do Sena, tão amados do criador de Sylvestre Bonnard... Paris, laboratório, palco, antena, universidade, estúdio, museu, anfiteatro, arena, legião, nave, encruzilhada, fortaleza, âncora, estrêla, bússola, rosa de França, rosa dos Ventos — espírito, razão, lucidez, cidade do pensamento livre.

“De gueules au navire équipé d'argent
flottant sur des ondes du même”.

“Flottant”? Sim. “Fluctuat nec mergitur”, entretanto como na divisa ilustre do braçoão citadino.

Sr. Anibal Fernandes:

Repito, neste instante, para concluir esta saudação, as palavras com que certo môço do Rio Grande do Norte, orador de sua turma na Faculdade de Direito do Recife, líder de tôda uma rumorosa geração de estudantes, terminou o seu discurso, dirigindo-se ao paraninfo admirável, o prof. Anibal Freire:

— “Já estamos em silêncio, mestre. Podeis começar a vossa oração sôbre a Acrópole”.

* Saudação feita ao professor Anibal Fernandes, em 1952, por ocasião da conferência que o mesmo pronunciou na Academia Norte-Riograndense de Letras, sob o título acima.

NATAL DE ONTEM *

FIGURAS E FATOS DE MINHA GERAÇÃO

P. de A. Pessoa de Mello

Minhas Senhoras

Sr. Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras

Srs. Acadêmicos

Meus Senhores

Sejam minhas primeiras palavras as do meu agradecimento à Academia Norte Rio-Grandense de Letras convidando-me para ocupar a sua tribuna para dizer algo sobre “NATAL DE ONTEM e FIGURAS E FATOS DE MINHA GERAÇÃO”. Duas personalidades deste sodalício e cujos nomes declino aqui com simpatia — os Drs. Manoel Rodrigues de Melo e Raimundo Nonato da Silva — são os responsáveis por esta palestra.

Ideada por êles, recebi dos mesmos (a tirania da amizade!) a intimação de realizá-la. E aqui estou — pondo de lado a responsabilidade da tarefa e a desvalia do conferencista.

Insisto na honrosa deferência dessa Academia — trazendo-me à sua casa, deferência que é aqui agradecida *ex-abundantia cordis*.

Medeiros e Albuquerque dizia — o EU é horrível e falar sôbre o mesmo mais horrível ainda.

A dominante, o *leit motiv* desta palestra diz respeito a uma geração da qual fui parte.

Sou forçado, assim, a, de quando em vez, tocar na minha pessoa. Não vejam porém, nisto nenhum laivo de vaidade — figuro aí como simples dado cronológico, nada mais do que isso.

Não desconheço o conceito jurídico contemporâneo de Justiniano da velha Lácio, “Una testis, nulla testis”.

Ante essa perspectiva, em imaginação, como num golpe de mágica, vejo-me ante um tribunal onde um juiz, solene em suas vestes talares, mandando o meirinho apregoar em alto e bom som o meu nome faz-me erguer o braço naquêle gesto simbólico e prometer “só dizer a verdade, nada mais que a verdade”.

* * *

NATAL — Crepúsculo da centúria passada, alvorecer da atual.

Cidade modesta, tranquila, bipartida nos seus dois bairros característicos — Ribeira e Cidade Alta.

Dados oficiais davam-lhe à época 20.000 habitantes. Topografia escassa, reduzida. Poucas ruas calçadas. Iluminação incipiente. Limites de pequena extensão. Na Ribeira a cidade terminava à altura da rua Silva Jardim e terrenos adjacentes do Cais do Pôrto. Além, falava-se nas Rocas — escassos ranchos de pescadores isolados pela distância.

A Cidade Alta findava no Baldo, de tantas tradições na vida da cidade, hoje desaparecido ali na extremidade da

atual Avenida Rio Branco. É uma reminiscência citadina. Suas águas se transformaram num bosque de árvores farfalhantes. É o atual Horto Florestal. Para além desse limite havia o Cemitério e o Lazareto — Hospital de Isolamento — cujo acesso era feito por uma ladeira arenosa, esburacada pelas constantes enxurradas. Tão penosa era essa subida que nos enterros, (isto era coisa sabida e passada em julgado) — os que acompanhavam o féretro sentiam-se desobrigados da missão voltando d'ali.

A subida, íngreme, justificava isso. Por mais numeroso que fôsse o acompanhamento do cortejo fúnebre este chegava ao cemitério só com a família e os carregadores. A ladeira afugentava os demais.

— A' altura da atual igreja de São Pedro havia à direita de quem sobe um projeto de rua — meia dúzia de casebres. Seus moradores, gente humilde, mantinham no peitoril de suas janelas, latas, jarros de todos os feitios, todos cheios de *alecrim* — o arbusto conhecido por todos nós.

Muitos natalenses vêem nisso a razão do nome de *Alecrim* — dado ao bairro surgido posteriormente naquelas bandas.

O Desembargador Antônio Soares pensa assim. Mas essa cidade humilde, na sua modéstia, possuía predicados próprios, característicos inatos à formação de sua gente.

Ausência de diversões — não havia teatro, lá de quando em quando a visita esporádica de um mambembe cujo repertório não primava pela essência e se exibindo num armazém desocupado e, pelas circunstâncias, promovido a teatro; quase sempre isso se dando na Ribeira, local do comércio em grosso da cidade. Havia mesmo um armazém mais procurado para essas funções e localizado na rua Chile, na vizinhança do Palácio do Governo.

Nos dias de espetáculo o grupo teatral tinha um meio seguro de calcular a enchente ou a vasante da função pelo número de cadeiras na sala promovida à platéia. Estas cadeiras eram mandadas pelos futuros espectadores, logo à

tarde para melhor colocação e eram fixadas por um barbante unindo umas às outras, devidamente autenticadas por uma tira de papel colada às costas com o nome do dono. Tantos espectadores tantas cadeiras. A Companhia de antemão podia calcular o sucesso ou o fracasso da função, pelo número de cadeiras mandadas.

Terminada a função dava-se a dupla retirada — espectadores e mobiliário ambos demandando a penates. Assim o Armazém-Teatro voltava então à solidão antiga — nem gente nem assentos.

Por essa época surgiram os primeiros gramofones, raros, imperfeitos, movidos a manivela, corneta de funil, de voz rouquenha, desagradável.

O cinematógrafo, então no nascedouro, só existia nos grandes centros. Não surgira a coqueluche do *foot-ball* — mas a despeito dessa vida de marasmo o potiguar não morria de tristeza... Cantava... fazia serenatas ao luar ou em noites escuras. Vozes famosas — José Lucas, Aristóteles, Deolindo S. Lima — faziam época. Violões afamados como os de Heronides França e Cavalcanti Grande dominavam a cena nas noites natalenses.

A gente moça cultivava a dança e não se dançava pouco. Inda persistia a quadrilha — reminiscência galante já em declínio.

É cabível aqui a pergunta: — numa cidade modesta, como se dançava tanto? Fácil a resposta: — escolhia-se a residência de uma família amiga e a clássica hospitalidade dos donos da casa garantia o sucesso. A orquestra — qual orquestra? O piano familiar era o ponto alto (havia sempre um pianista à mão — em breve apareciam biscoitos, um pouco de vinho Rocha Leão, tudo acrescido do que havia na dispensa da casa sede do assalto e *assustado* (assim se chamava essa partida familiar) realizava todo o seu programa — alegria, respeito, familiaridade, indo a festa no máximo até me'a noite.

Ao terminar uma dessas reuniões já estava iniciado o local da próxima.

E nessa atmosfera de amizade corria o tempo para a juventude natalense.

As residências de Cícero Moura e Uldarico Cavalcanti, ambas na rua Vigário Bartolomeu, eram os locais mais preferidos para essas festas.

Via de regra, as danças eram precedidas por números de recitativos, costume muito em voga. Nêste particular havia verdadeiros artistas na arte de declamar. Excelente memória, boa dicção, repertório do que havia de mais escolhido no gênero poesia.

A época dominava em cheio a Escola Parnasiana, o que vale dizer que era o tempo de Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e *tutti quanti*...

De quando em quando um dissidente quebrava a unanimidade e lá vinha uma produção de Cruz e Souza, B. Lopes e às vêzes mesmo, uma tradução de poesia francesa.

A grande massa da população, por outro lado, não morria de tristeza. Ao contrário, divertia-se bastante, a seu modo, e à semelhança de Mr. Jourdan que fazia prosa sem se aperceber, essa população mantinha, sem caso pensado, a tradição da poesia inata à sua gente — o relato de façanhas de antanho, guerras entre povos destemidos, tudo se resolvendo pela bravura, pelo denôdo e pela fôrça, viagens maravilhosas por “terras e mares nunca dantes navegados” e assim fazendo mantinha acesa a lâmpada maravilhosa da poesia popular, que é como quem diz do nosso — *folclore*.

E a cidade, em certas épocas do ano, trepidava ao clamor dos “Bumba-meu-boi”, dos Congos, das Náu-Catarinetas, na sua faina arrojada de descobrir novas terras, sempre sob o comando de um Almirante, de dragonas, cheio de medalhas, só falando aos gritos à marujada.

Dezembro abria outro capítulo em manifestações populares. Em determinadas residências armavam-se *presépios*. Manifestações domésticas de religiosidade caseira.

O melhor aposento da casa se transformava em ca-

pela abrigando religião e paganismo pelo complexo de sua apresentação — um altar exibindo uma série de imagens e símbolos religiosos tudo isso *encimando a mangedoura* ponto alto da exibição e onde se viam lado a lado personagens os mais diversos: pastores com seus rebanhos, centuriões romanos, legionários com escudo e lança, sem falar nos animais — bois, cavalos, dromedários.

Ao alto o céu resplandecente, rico de núvens de gaze fina onde brilhava soberana a *Estrêla*, a mesma que guiara os passos dos Reis Magos ali presentes com as suas oferendas de mirra, incenso e ouro.

Na rua 21 de Março — hoje Gonçalves Lêdo — viam-se os presépios de Apolinário Barbosa e o de Faustinião Leiros.

Na rua da Conceição e do Cel. Pedro Soares. Na rua do Fogo era admirado o de Dona-Perpétua.

Ponto alto desta lista era o presépio de Dedé (dona Edeltrudes de Oliveira Camboim) à rua da Estrêla — depois José de Alençar. Nos festejos natalinos Dedé fazia-se notar pelo bom gosto do seu presépio como pelo imenso repertório de cantos, cenas dramáticas, duetos, tudo retido na sua prodigiosa memória.

Seria injustiça não falar na habilidade com que tocava pandeiro.

— Seis de janeiro — dia de Reis — fechava êsse ciclo de comemorações ungidas da mais sadia alegria e tradição religiosa.

* * *

Há uma grande analogia entre presépios e lapinhas — manifestações religiosas de caráter popular atingindo o mesmo alvo — glorificar o nascimento de Cristo.

A Lapinha, de caráter mais ruidoso, de aspecto mais festivo, se caracterizando pela dança de suas pastoras.

Estas, em duas filas paralelas executavam seus passos coreográficos entoando canções com acompanhamento de maracás. . .

Uma mestra e uma contra-mestra cada uma à frente de uma fila dirigiam a festa. As pastôras, à custa de treinos, eram incansáveis.

Dançavam largas horas. Tôda a Lapinha importava na existência de dois partidos — *azul* e *encarnado* correspondente a cada uma das filas.

Os partidários de um e de outro não poupavam esforços para a sua vitória. Aplausos, vivas, manifestações às vezes bem ruidosas de parte à parte, no interesse de um sobrepujar o outro. Esse entusiasmo se manifestava de várias formas — dádivas generosas às pastôras do seu cordão, lances altos, avantajados nos leilões de prendas ali mesmo realizados não importando o objeto leiloado — um pão de Lot, um frasco de perfume, um lenço de renda.

O entusiasmo pelos partidos das “lapinhas” se infiltrava por tôdas as camadas da população — ou o *azul* ou o *encarnado*, indiferente é que não podia ser. Esse entusiasmo se manifestava ora discreta ora abertamente, às vezes, mesmo, com alarde.

Felinto Manso, homem de posses não escondia sua predileção que é como diz generosidade para galardoar a tudo que se prendesse ao *CORDÃO AZUL*.

Ao lado desse Guelfo aparecia um Gibelino — no caso Miguel Barra — desarrumando as prateleiras de sua loja para melhor servir aos admiradores do *CORDÃO ENCARNADO*.

Nessa onda de entusiasmo havia uma nota se destacando de maneira ruidosa. Talvez haja nisso uma parcela da rivalidade entre Canguleiros e Xarias. Na Ribeira, nas proximidades da Igreja do Bom Jesus, havia uma lapinha que deixou tradição.

Era a Lapinha mais falada do bairro. Ferreira Itajubá, jovem poeta da terra, fazia desse pastoril o tablado para as suas exhibições. Era de ver-se o ardor com que êle, logo no início das festas, anunciava o seu entusiasmo ostentando

noite e dia um escandaloso colete encarnado, mostrando desta maneira *coram populo* o partido de sua predileção.

Ele ia à luta com um capital que os seus antagonistas não possuíam — uma versalhada ardente, apaixonada, no mais puro estilo condoreiro, tudo a serviço da beleza, da graça das dançarinas do cordão encarnado.

Após a festança, já na rua, se os ânimos não se conformavam, com o resultado — vitória de um lado, (consequente derrota do outro) aí então vinha o último argumento — sopapos, bengaladas, cabeças quebradas, e a polícia entrando em cena e dizendo a última palavra...

— CANTÕES —

Um dos aspectos mais curiosos da vida natalense à época a que nos reportamos é aquêlle que se refere ao costume de uma parte da população — políticos, empregados públicos de categoria, altas figuras do comércio se reunir em grupos em determinados lugares — para conversar. Criou-se assim o CANTÃO.

Um grupo de amigos — sem número definido, diariamente, à certa hora, se encontrava na calçada da residência de um dêles — sempre o mesmo — e colocadas as cadeiras estava reunido o conclave.

Havia vários cantões na cidade, cada um com o seu feitiço próprio.

Assim, por exemplo, o da Gameleira — à Praça da Alegria, atual Praça João Maria. Era o mais antigo e o mais temido cantão da cidade. Temido pela crítica sempre ferina, sem meio termo — ou o elogio exagerado ou a condenação sem apêlo. Figuras respeitáveis compunham êsse grupo — entre elas José Bonifácio da Câmara, Joaquim Guilherme, Francisco C. Seabra de Melo, Manoel Porfírio de Oliveira Santos. Figuras exponenciais da família potiguar. Às vêzes a tertúlia terminava numa peixada — na residência de Joaquim Guilherme, núcleo do Cantão cuja casa corresponde hoje ao consultório do Dr. Vilar.

Na antiga Rua Nova — Av. Rio Branco de hoje — existia outro Cantão na residência de Urbano Hermilo, empregado da fazenda, no local onde hoje existe a Paulista.

Nêsse Cantão não se cuidava de política. A nota dominante de suas palestras era Arte, Literatura. Entre os seus “habitués” se contavam, Henrique Castriciano, Alberto Maranhão, os irmãos Wanderley (Celestino e Segundo), Manoel Dantas, Pinto de Abreu, Pedro Soares.

Regia o curso de inglês o professor Odilon Garcia — sempre bem humorado. O nosso livro era a “Estrada Suave”, nem sempre justificando êsse adjetivo, pois não eram raros os trechos difíceis. Quando em nossas lições topávamos com um dêsses, safávamos da dificuldade, lendo em voz mais baixa e depressa. Contávamos com um fator a nosso favor — a surdez do professor. Com êste artifício transpunhamos o *Rubicon*.

De quando em quando apareciam por aqui professores, vindos de fora — abrindo cursos particulares.

Assim tivemos Manoel Garcia, egresso da Escola Militar, ensinando matemática, o Dr. Guimarães, engenheiro, vindo para as obras do pôrto, dando aulas de Geografia e História. Fui seu aluno. As lições eram ministradas à noite na calçada de sua residência, ali nos fundos da Igreja do Rosário. Aulas curiosas, cheias de atrativos.

Homem de vasta cultura, o Professor Guimarães era o tipo do mestre para nós desconhecido — suas lições eram palestras sem aquêlê tom dogmático do *magister dixit* tão em voga na época. Devo a êsse mestre o gôsto pelo estudo da Geografia em mim presente até hoje.

No fim do ano letivo, à época dos exames no Ateneu, Natal apresentava um aspecto diferente. Notava-se nas ruas a presença de pessoas estranhas. Eram estudantes de outros Estados que vinham prestar exames aqui. Era voz corrente que os exames em Natal não primavam pelo rigorismo do julgamento das provas. Daí a visita de estranhos que aqui aportavam com um só fito — fazer exames.

“Repúblicas” e pensões surgiram para abrigar . quêles forasteiros, os quais se adaptavam ao nosso meio, dada a clássica hospitalidade da terra.

De uma feita, numa dessasavas levas travei conhecimento com alguns estudantes tais como Acilino Leão, Euclides Dias, Flexa Ribeiro, nomes que, posteriormente se projetaram no terreno das letras.

Dêsse grupo destaque Flexa Ribeiro que fui encontrar tempos depois professor da Escola de Belas Artes no Rio. Já terminara o meu curso quando aqui chegou o Professor Vale Miranda, português — contratado para reger a cadeira de Física, Química e História Natural, do Ateneu. Nosso curso referente a essas disciplinas, — tinha sido feito da maneira mais deficiente.

Lembrei-me de bater à porta do Professor Vale Miranda na possibilidade de um curso particular. Em caminho encontro Alberto Roselli, recém-chegado da Suíça onde estudara e inteiramente desambientado dos nossos programas de ensino.

Gentilmente recebidos pelo professor disse-nos êle da impossibilidade de iniciar a função de professor dada a falta de Laboratório, já encomendado, acrescentou.

A’ saída, dirigindo-se a Alberto: “Sei que o Sr. acaba de chegar da Suíça e se veio da região alemã, bem que podia me dar alguma lições dessa língua, da qual estou muito esquecido”.

Não sei o desfecho do caso pois dias depois partia eu para o Rio a iniciar o meu curso médico.

— A T E N E U —

Quem quer que se dirija hoje ao bairro da Ribeira, ao iniciar o percurso da Av. Junqueira Aires, vê logo após a Igreja Protestante, o edifício da Faculdade de Farmácia e Odontologia — no mesmo lugar onde existiu o Ateneu Norte-Riograndense. Ali estudavam-se tôdas as matérias do curso secundário.

Rememorar a vida escolar do Ateneu é folhear um album de fotografias de família. Recordo o início do meu curso ali. Eu e mais 2 ou 3 novatos nos acercamos de um funcionário da Secretária. Este senhor resolveu prontamente o nosso problema.

Solicito era uma providência para os recém-vindos como nós. Tratava-se nada mais nada menos, do Secretário Francisco Teófilo Bezerra da Trindade.

O curso iniciava-se sem uma nota marcante. Ainda não existia a instituição do *trote*. Uma vez feita a matrícula — pronto — eram todos membros da mesma família. De início, tive como companheiros Silvino Bezerra, Régulo Tinoco, Alexis Morin, Felix Bezerra.

Companheiros de roda de palestras no intervalo das aulas. O ano letivo corria sem alterações.

Chegada a época dos exames, lá vinha a expectativa, cheia de dúvidas, do que ia acontecer.

Uma cadeira menos simpática ao estudo, um ponto mais difícil eram problemas que nos preocupavam. Mesmo assim a vida continuava rotineira.

Do corpo docente gratas recordações de alguns professores — João Tibúrcio — austero e amigo ao mesmo tempo, Zózimo Platão, Hermógenes Tinoco — sempre acompanhado de João Gualberto seu pupilo; Pinto de Abreu — a delicadeza em pessoa.

Mais adiante, na mesma rua, na residência de Celestino Wanderley, se apontava outro Cantão com características de ser um cantão familiar pois havia senhoras entre os seus mantenedores.

Nesse grupo João Nepomuceno Seabra Melo, Juvenal Lamartine, Manoel Coelho.

Outro Cantão se notava — não longe dali — era o da *Potiguarânia* nome de um bilhar, propriedade de Ezequiel Wanderley, ali no fim da rua Vigário Bartolomeu. No mesmo prédio existe hoje um café caldo de cana.

Em frente ao bilhar um muro servindo de pano de

fundo para o Cantão. Esse terreno é hoje a frente da Loja Singer.

Cantão de gente moça, trocando idéias sobre jornalismo, arte, tudo enfim, que no momento atraísse a atenção da cidade.

Componentes: irmãos Wanderley, José Pinto, Uldarico Cavalcanti, Aurélio Pinheiro, Antônio Marinho, Francisco Palma, entre outros.

Ali no começo da Avenida Junqueira Aires — no local da atual agência dos Correios era a residência de Cel. Gaspar Monteiro onde se reunia um grupo pouco numeroso mas selecionado. A nota dominante ali era a luta política. Gaspar era irmão de Tobias Monteiro, nome de grande destaque no jornalismo e nas rodas políticas do Rio. Westremundo Coelho era a eminência parda dêsse conclave seguido de Umbelino Melo e Nascimento Castro.

A Ribeira não podia fugir à regra contando dois cantões, ambos eminentemente políticos — um sito à Farmácia de Zé Gervásio e outro na vizinhança do Hotel Internacional, ou como era mais conhecido — Hotel Evaristo.

Frequentavam êstes cantões — Francisco Amintas da Costa Barros, Oliveira, Augusto Leopoldo, Amorim Garcia.

ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS

A vida literária de Natal à época em que está sendo enquadrada esta palestra pode ser considerada em 3 departamentos distintos.

No primeiro plano o “Grêmio Polimático”, constituído pelos maiores da terra que se davam às belas letras. Superioridade em posição social, facilidades materiais, enfim tudo quanto é necessário para vencer possuía êsse grupo. Nas suas fileiras apontavam-se Alberto Maranhão, Antônio de Souza, Henrique Castriciano, Pedro Avelino.

A Revista do Instituto Histórico dava guarida aos seus escritos.

Logo em seguida vinha o “Congresso Literário”, com o seu órgão na imprensa “A Tribuna”. Seu grupo mantenedor — José Pinto, os irmãos Wanderley, Francisco Palma, Antônio Marinho, Aurélio Pinheiro.

E por fim — the last but the least — o Grêmio Literário “Le Monde Marche” vindo à luz em 1894, sob a égide de Peletan, sendo a sua vida um dos mais expressivos capítulos da história literária da Potiguarânia.

Era o grupo literário mais jovem e mais pobre, possuindo como capital uma grande dose de idealismo e um nobre anseio de vencer. A lâmpada do seu ideal permaneceu acesa — por mais de uma década. Os obreiros do “Le Monde Marche” não constava isto dos seus estatutos — uma vez admitidos no cenáculo eram artífices para tudo que se referisse à vida do Grêmio.

Na imprensa seu órgão o “OASIS” era escrito, composto tipograficamente e distribuído aos seus leitores pelos sócios de “Le Monde Marche”.

Não há muitos casos semelhantes a êsse. Quando penetrei no seu quadro social êste não era muito numeroso.

Lembro-me salvo algum lapso de memória, de Alfredo Carvalho, Cornélio Leite, Cícero Moura, Hervêncio Mariano, João Câncio, Uldarico Cavalcanti, Aurélio Pinheiro, os irmãos Fernandes (Sebastião e Raul) Antônio Soares, Alcino Carneiro, Galdino Lima. Êsse grupo, tôdas as tardes, se reunia no seu *bureau* — cubículo situado nos fundos do prédio então ocupado pela Chefatura da Polícia à rua da Conceição.

Mantínhamos ali nossa sede, nossa oficina tipográfica (3 caixas de tipos e um prelo manual) e nossa redação tudo isso nos custando o aluguel mensal de 10.000 reis.

Como mobiliário uma mesa, um armário, 4 cadeiras e alguns caixotes, êstes variando de número ninguém procurando saber a razão disso.

Nossas tertúlias se prolongavam até o anoitecer. Palestrava-se, discutia-se, trocavam-se idéias sôbre vários assuntos, tudo num tom ameno, na mais estrita cordialidade.

Alfredo Carvalho dominava o ambiente. Ele era o nosso LEADER. A ele competia achar solução para todos os nossos problemas, era sempre dele a última palavra para a solução dos nossos casos. Quantas reminiscências dêsses companheiros!

Galdino Lima e Sebastião Fernandes já acadêmicos de Direito em Recife, na época das férias, traziam-nos casos novos de literatura que de outra maneira não chegariam até nós. Sebastião, então, era uma crônica viva da Mauricéa Literária.

Uma feita, citava êle com abundância de detalhes — o fato de um professor — jurista e poeta (tratava-se de Gervásio Fioravanti) — o qual, após a lição, instigado pelos alunos palestrava sôbre literatura citando, algumas vêzes, algumas de suas produções. E uma dessas vêzes citou o seu belo soneto "Última Página). E Sebastião repetiu a produção:

ÚLTIMA PÁGINA

Tu que me lês, demora o olhar, querida
 Nesta sombria fôlha amargurada
 Traçou-a mão de te acenar cançada,
 Ditou-a uma alma já de ti vencida.

O sonho, o orgulho, a glória apeteçada
 Aos outros guiam na arenosa estrada,
 Mas eu fiz só de ti ó doce amada,
 O sonho, o orgulho, a glória desta vida.

Se acaso tu suspeitas desta chama
 Que eu escondo de ti mas que tão che'o
 O coração me tem que se derrama,

Tu, bela flôr, por quem choro e anseio
 Vê se descobres, de minh alma o drama
 Rasga esta folha e esconde-a no teu seio.

Inda bem Sebastião não findava a declamação do soneto e já uma idéa se me encastoara no espírito — incluí-lo no meu repertório e declamá-lo na próxima ocasião. Essa idéa fixou-se no meu cérebro como no caso daquêle personagem de Machado de Assis.

Dois ou três versos já os retivera na memória. Se Sebastião repetisse a “Última Página” eu me arranjaría para conseguir o resto. A oportunidade tardou mas veio e eu já agora, prevenido e armado de papel e lapis consegui o que desejava. Decorá-lo foi questão de pouco tempo. Tinha uma novidade para recitar no primeiro “assustado”, o que aconteceu pouco tempo depois na residência de Uldarico. Foi um sucesso pela novidade. Sebastião que também recitava teve notícia disso. Compreendeu o lôgro, nada disse mas o amúo durou vários dias.

* * *

A vida do “Le Monde Marche” corria rotineira com os seus costumeiros problemas, mais ou menos vencidos pela pertinácia e *savoir faire* de seu mentor Alfredo Carvalho — viga mestra da instituição.

Manter a publicação do OASIS era a nossa constante preocupação com exigências de meios para obtenção do papel e tinta. Esse problema se acentuava nas proximidades do mês de setembro, mês do aniversário do Grêmio, quando habitualmente lançavamos uma edição especial, com maior número de páginas e com uma colaboração mais cuidada.

De uma feita nas proximidades de nossa data máxima, nos vimos na impossibilidade de adquirir papel para a nossa edição comemorativa. Por isto, todos nós andávamos cabisbaixos. Num momento alguém lembra: — “Se fôssemos ao Elias Souto, do DIÁRIO”, dizer-lhe da nossa situação? Idéia aprovada por todos, lá fomos. O “DIÁRIO” era nosso visinho ali na rua da Conceição — era só atravessar a rua. O velho jornalista, tão temido pelas suas atitudes no jornalismo natalense, lá estava na sua *chaise longue* de homiplégico.

Achou graça das nossas aperturas. — “O que? Papel para a edição comemorativa do “OASIS”? Isto não é problema! “E no mesmo instante agitando uma campanha deu providências atinentes ao nosso caso. Momentos depois saímos da redação do “DIÁRIO” levando debaixo do braço o papel de que precisávamos.

A bondade do bravo jornalista livrou-nos do apêrto.

* * *

Na cidade de Macaiba havia uma sociedade literária — a Tobias Barreto — com a qual mantinhamos relações das mais cordiais. Em nossas sessões comemorativas — uma comissão de sócios da “Tobias Barreto”, estava sempre presente com os votos de amizade de nossa co-irmã. E pagávamos na mesma moeda. Na aproximação da data de sua fundação lá nos chegou um dia o convite.

Alfredo Carvalho nomeou logo a comissão representativa do LE MONDE MARCHE — Sebastião Fernandes, orador, Cícero Moura e eu. A data festiva da “Tobias Barreto” caía num sábado. Acontece, porém, — que desde o começo da semana, começou a chover. Segunda feira, terça, quarta-feira e nada da chuva parar. Na quinta feira estorou a bomba no nosso *bureau* — a lancha — único meio de transporte para Macaiba não faria a viagem. Assim decidira o Chico Brito — senhor absoluto da mesma lancha. Justificando sua resolução dizia êle: — “mesmo que a chuva cesse hoje não conduzirei a lancha. Com essa chuvarada o Potengi não está para brincadeira sem falar que, em Macaiba, ninguém poderia saltar, pois, o desembarcadouro é um lamaçal. Não contem com a lancha para essa viagem”.

Mesmo sem conhecer a resolução de Chico Brito, já Sebastião, com medo da chuva, desistira de integrar a comissão. — “Não vou, disse, mas qualquer outro membro da comissão poderá ler o discurso que aqui está e dizendo isto passava às mãos de Alfredo Carvalho 4 laudas de papel, con-

tendo o discurso. “Incontinente” fui investido das funções de orador substituto. Seria eu a ler o discurso de Sebastião.

Tudo isto, porém, deu em nada pois o tempo continuou impedindo a nossa ida a Macaíba. Foi pena. O discurso era bonito e começava assim: —

“Privado, Senhor Presidente, infelizmente privado do talento fulgurante do orador que prende e encanta, já pela beleza da frase, já pela elevação do pensamento... e por aí a fora.

A semelhança do que fizemos em relação aos companheiros do Ateneu continuemos a folhear o album de fotografias da família do “LE MONDE MARCHE”.

Sebastião Fernandes — por várias vêzes falou-me de uma coleção de versos pronta a ser publicada. Um dia mostrou-me 2 composições da mesma e que eu guardei de memória até hoje.

São duas delicadas miniaturas que poderiam figurar, sem favor, no “INTERMEZZO” de HEINE.

A primeira:

Fôsse o meu coração o lírio branco
Que em tuas mãos gentis
Dilaceras num riso alegre e franco
eu seria feliz...

— A Segunda: —

C R E S O

Fizesse Deus dos astros mil tesouros
E um grande cofre d’amplidão
E dissesse — são teus — És venturoso?
— Eu lhe diria — Não!

Désse-me a posse de altaneiras damas,
Ouro e poesia, encanto e sedução
E perguntasse depois — És venturoso?
— Eu lhe diria — Não!

Fizesse-me qual Job, leproso e pobre,
 Mas dêsse-me o teu riso e amor ideais,
 E então, perguntasse: — És venturoso?
 — Eu lhe diria — Demais!

Não tive ensejo de acompanhar a existência de Sebastião pois a vida, ou antes o destino, nos separou.

De Antônio Soares, o grave e circunspecto Desembargador de hoje, não é descabido aqui em episódio do seu tempo de acadêmico no Recife. Ali encontrou êle o seu amigo José Roque — naquela situação de “amoroso enleio” como diria Camões. José Roque apontando a noiva lhe disse “Ser noivo é ser ditoso”.

Antônio Soares olhou-o — talvez com inveja — e guardou o dito. Dias depois mandou-lhe, à guisa de resposta, o soneto,

Ser noivo é ser ditoso, tu me dizes
 Convicto, porém sem te lembrares
 Que há noivos, como tu, juntos felizes
 E há noivos separados pelos mares...

Se tens, para que as máguas amenizes,
 De tua noiva lúcidos olhares
 Quantos existem, noivos infelizes
 Abrigados à sombra dos pezares.

Vives sempre de olhares e de risos,
 Eu sofrendo da ausência as crueldades
 Tenho às vêzes momentos indecisos...

Que diferença, agora, entre deidades
 A tua noiva vive de sorrisos,
 A minha noiva morre de saudades...

Este soneto caiu nas graças do povo. Tornou-se conhecido, declamado por tôda a cidade.

Dona Evangelina Barros e Waldemar de Almeida puseram-lhe uma linda moldura musical e todo mundo o cantou.

Seria injustiça esquecer aqui Uldarico Cavalcanti, outro de nossos legionários, espírito ágil, ótima palestra, tendo sempre *un bon mot* para o assunto em tela. Versejava pouco mas com esmero.

Uma amostra do seu estilo:

NOSSA FORTUNA

Que somos pobres pondera o abjeto
 mundo repleto de vil rancor,
 — Isso que importa meu ser dileto?
 — Eu serei rico do teu afeto
 — Tu serás rica do meu amor...

As contingências da vida, o que vale dizer o Destino, como uma rajada de vento forte, nos dispersou a nós do OASIS.

Alfredo Carvalho exilado para uma Mesa de Rendas no interior do Estado, Aurélio Pinheiro lá se foi para a Amazônia onde se revelou romancista, Uldarico Cavalcanti a iniciar sua vida burocrática no Sul do País, Cornélio já preso a um tabelionato em Macaíba, eu viajando para o Rio a iniciar o meu curso médico.

Nossas fileiras assim desfalcadas receberam porém novos legionários, com o mesmo idealismo e o nosso Pendão continuou a fraldejar aos ventos de todos os quadrantes.

— I M P R E N S A —

Na imprensa diária de Natal faz jus a um destaque especial "A REPÚBLICA", órgão do governo. Eminentemente político, criação de Pedro Velho o chefe incontestável da política potiguar.

Em seguida, pela antítese de suas idéias, registra-se o DIÁRIO DO NATAL, denodado órgão da oposição, propriedade e vivendo sob a direção de Elias Souto, intransigente adversário da política dominante no Estado.

Logo em seguida a "GAZETA DO COMÉRCIO", vindo à luz sob a direção de Pedro Avelino, de parceria com Augusto Leite na gerência, e tendo sua sede, à rua 13 de Maio, visinha à Livraria Cosmopolita, de Fortunado Aranha.

Um dia sou procurado por Gotardo Neto, da *Gazeta*, o qual era portador de um convite de Augusto Leite para trabalhar ali.

Atendi ao apêlo e Augusto Leite recebeu-me como um velho conhecido não obstante ser a primeira vez a estarmos juntos. Era difícil, logo de início me apercebi, achar uma pessoa mais afável do que Augusto Leite, o qual logo foi explicando a situação da fôlha — o Redator Chefe em viagem, doente, isto, porém não devendo afetar a norma de vida do jornal, na sua publicação diária. "Nêste particular, continuou êle, você pode nos auxiliar muito".

Entrei logo em ação, d'ali por diante vi quanto me fôra precioso o treino por mim adquirido no OASIS.

Conhecendo composição e revisão me ambientei logo com o trabalho, podendo disso dar testemunho o ilustre advogado, meu particular amigo, penso aqui presente, o Dr. Francisco Ivo, na época tipógrafo da *Gazeta*.

Gotardo e eu fazíamos a fôlha — notícias locais, informações várias, jornais do Recife vindos pela Great Western nos dando boa cópia de material, aí entrando em cena como é universalmente usada, a colaboração preciosa da cola e da tesoura.

Às quatro horas tirávamos uma prova de escova logo remetida ao Dr. Antônio de Sousa quando não a Henrique Castriciano para o devido contrôle.

Glosávamos, espichando o mais possível, qualquer fato capaz de quebrar a monotonia, a pacatez da vida citadina.

Minha inclusão na equipe da *Gazeta*, nas condições

já referidas, deu-me uma espécie de passaporte, para ingressar em certas rodas.

O Serviço de Obras do Pôrto anunciava que conseguira dinamitar a “Cabeça de Negro” — rochedo que obstruía o canal de acesso ao pôrto. Isto permitiria a entrada de qualquer navio.

Dias depois o “PLANETA do Lloyd transpunha a barra embandeirado em arco. Uma festança. Todo o comércio, a Associação Comercial à frente, promove uma série de festejos. Recepção às autoridades. O “Planeta” atracado ao cais recebe a visita da população. Banquete. Um dia cheio. Farta descrição das festas enchendo colunas e colunas da “Gazeta”. E para terminar, para alegria nossa, como fecho da notícia: “Esta Redação agradece penhorada, as atenções dispensadas ao nosso representante, nosso companheiro de Redação... E o meu nome... Com tôdas as letras. Nêsse dia não foi pequena minha satisfação.

* * *

Diariamente ali pelas 5 horas — jornal pronto, súbiamos palmilhando a Avenida Junqueira Aires.

Ponto de parada obrigatória no Cantão da Potiguarânia já a esta hora em pleno funcionamento. Aderíamos ou não ao que estava sendo comentado.

De uma feita — com a palavra o Dr. Celestino, o assunto era o “verso alexandrino”, na sua opinião *pouco harmonioso*. — Não vou com o tal alexandrino” — continuava êle, comigo é só no decassílabo”. Aquilo chocou-me, e de sopetão tive uma idéia, mas fiquei calado.

Dias depois veio à baila o mesmo assunto — a acussação ao verso alexandrino. Aí intervi dando plena razão ao Dr. Celestino e em apoio da tese disse: — Vejam se há alguém a quem não agradem versos como êstes:

“Sôbre as águas deslisa o batel docemente,
sopra o vento a gemer, treme enfunada a vela...

O Dr. Celestino, eufórico, ia aplaudir minha citação quando o riso de tóda a roda fê-lo voltar à realidade. A beleza dos alexandrinos de Bilac cortava pela raiz sua ogerisa ao verso alexandrino. O Dr. Celestino ficou amuado comigo vários dias.

Segundo Wanderley — o Dr. Segundo, sempre me distinguiu com a sua amizade.

A data do centenário de nossa descoberta seria comemorada aqui com um programa artístico-literário a ser realizado no Palácio do Governo.

Representando a “Gazeta” lá estávamos eu e Gotardo Neto. Salas profusamente iluminadas. Começam a chegar os primeiros convidados. Em certo momento sinto ao meu lado o Dr. Segundo horrivelmente resfriado, espirrando continuamente. — “Olha em que estado me encontro” — disse-me êle — “Tinha que dizer alguma coisa, êste maldito defluxo, cortou-me, porém, as asas”. Só consegui fazer êste soneto que vais entregar a alguém da mesa. Que alguém o recite por mim”. E dando-me uma folha de papel meio amarrotada saiu, sempre aos espirros.

Sem demora passeia-a às mãos de Henrique Castriano, aliás o orador da festa. Tratava-se do *Soneto da Descoberta*, posteriormente mudado de nome:

Céu de safira, velas enfunadas,
Bando fugaz de garças, soberana,
Rasgando o Tejo, a frota lusitana
Vai a caminho de glórias encartadas.

Noites sombrias, tétricas lufadas
Escarcéus a rugir em furia insana,
Nada muda a galera que se ufana
De ter na pôpa o signo das Cruzadas.

Mas da Líbia candente a calmaria
A derrota lhe muda — quando um d'ia
“Terra! grita a maruja alviçareira,

Como Vênus, então, das águas cêrulas
Surge num banho oriental de pérolas
Da Terra Santa a virginal palmeira.

Por motivo que me escapou, certo dia anunciou-se na cidade uma festa religiosa em honra do Bispo D. Aduato Aurélio de Miranda Henriques.

O ponto alto da comemoração seria o sermão de D. Aduato, tido e consagrado como bom orador. Augusto Leite foi logo dizendo: “A Gazeta” precisa dar uma boa notícia dêsse sermão, e, tocou-me no ombro.

No dia aprazado fui à Igreja, cuvi o sermão, aliás boa peça, — retive do mesmo algumas frases e saiu a notícia.

Dias depois à hora de “cozinhar” a folha entrou pela redação a dentro S. Exc'ia. o Bispo D. Aduato. Visita de cortesia, e de agradecimento, no seu dizer, pois a notícia da “Gazeta”, lhe agradara pela fidelidade.

Bom *causeur* o Bispo cativou-nos com a sua palestra. Fui apontado como o autor da notícia, e o Bispo — boa memória, hein? Também não admira, na mocidade é natural o dote de possuir boa memória”. “No meu tempo de seminarista, às vêzes, não dava a confiança de abrir o Horácio, na aula de latim. Sabia de cór odes e odes. E ainda hoje, Deo Gratias, continúo a ter boa memória, e como afirmativa disse referiu: — “No Seminário de Olinda, no meu tempo de estudante, tínhamos um Reitor madrugador como o melro de Junqueiro.

De manhãzinha costumava êle sair para um passeio pelos arredores da velha Olinda. Não gostava de ir sozinho, qualquer pessoa servia-lhe de companhia.

Uma vez calhou ser eu a pessoa escolhida para acompanhá-lo. Saimos da cidade. Já estávamos em pleno campo. Continuamos o nosso passeio... De repente, avistámos à nossa frente um homem tangendo umas cabras.

O Reitor chamou-o às falas ficando, porém, sem res-

posta. Bateu, então, palmas, ai então o bom homem voltou-se e sem *tir-te nem quarte*, em voz clara respondeu:

“Senhor, não batais as palmas
Que nós não somos iguais,
Vós sois o pastor das almas
Eu sou pastor de animais

Sofro frio, sofro fome,
Do tempo sofro os horrores
Vós viveis entre os doutores
Ao mundo servis de exemplo,
Eu no campo, vós no templo
Nós ambos somos pastores...

E com esta amostra de sua boa memória findou a visita de D. Aduauto à redação da “Gazeta”.

* * *

José Pinto, do Congresso Literário, era na A REPÚBLICA o homem que movimentava todo o maquinismo da fôlha. Diligente, de grande atividade, êle desempenhava as suas funções a contendo de todos.

Pessoalmente era o rapaz que melhor se vestia em Natal. No que dizia respeito a gravatas então não se fala. Possuía inúmeras cada qual mais vistosa. Era mesmo o seu *Violon d'Ingres*. Conhecido seu em viagem para Recife? Não escapava, era certo partir incumbido de trazer-lhe gravatas das mais vistosas que encontrasse.

Êsse elegante tinha, porém suas esquisitices... Um dia passa êle no Joca Lira, aliás o seu alfaiate e diz-lhe — “Faço umas calças com 2 metros? — “Não, Zé Pinto, você dessa altura precisa de 2 metros e 20” — Então, continuou êle, arranje-me 4 metros e 40 de brim de boa qualidade, pode ser H. J.

Espanto de Joca Lira — duas calças iguais, Zé Pinto? — Não, respondeu êle, é que eu quero umas calças bem largas, folgadas, logo preciso aumentar a fazenda.

A essa altura o brim já estava cortado e Joca Lira para não executar aquela encomenda tão extravagante pretextou falta de empregados, compromissos, atrasos, etc.

Zé Pinto saiu com o brim naturalmente à cata de outro alfaiate. Dias depois contava êle no Cantão da Potiguarânia “as calças foram feitas, experimentei-as em casa, mas não tive coragem de sair com elas. Tinham ficado um bocadinho largas”.

* * *

Na Lisbôa Pombalina, houve um cura — Frei Rogério de Neme, cuja personalidade se destacava no clero lusitano pelo seu saber e pela sua excessiva humildade.

Latinista emérito, orador de alto quilate, êle no entanto, não confiava nos seus predicados, tanto assim que, no seu pensar, ouvi-lo num dos seus sermões era um sacrifício, tão sem valia julgava êle suas práticas.

Ao deixar o púlpito fazia sempre com estas palavras — “Perdoai, irmãos, a provação de me ouvirdes e logo hoje que me esqueci de ser breve”.

O famoso pregador lusitano, de há muito, partiu para a viagem de onde não se volta — posso, pois impunemente, valer-me de suas palavras — as mesmas que êle dizia quando findava um dos seus sermões. — “Perdoai o sacrifício de me ouvirdes” . . .

* Conferência pronunciada na Academia Norte-Riograndense de Letras, na noite do dia 24 - 1 - 1962.

UMA CARTA DE IVO FILHO

*Meu caro Manoel Rodrigues de Melo,
D. D. Presidente da Academia Norte-
-Riograndense de Letras:*

Esmeraldo Siqueira, na INTRODUÇÃO que escreveu para figurar no volume das POESIAS COMPLETAS de Ferreira Itajubá, publicado pela FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO, graças à ação do Governador Aluizio Alves, o único govêrno que se preocupou com a cultura do nosso Estado, diz:

“Ferreira Itajubá não produziu muita coisa. Em prosa, apenas algumas crônicas; em versos, sòmente o que se acha em “Harmonias do Norte”, volume reunido e organizado por Henrique Castriciano. Abre o livro o poema “Terra Natal”, meiga e dolorosa história de uma pobre moça que morreu de saudade pelo noivo expratriado”.

Sôbre êste período escrito por Esmeraldo Siqueira, cabe-me dar meu testemunho de “vista”, para tirar alguma dúvida, referentemente ao valor do poeta patricio, pois espalhavam, perversamente, logo depois da publicação do trabalho “reunido e organizado” por Henrique Castriciano, que êste havia modificado, profundamente, todos os poemas, então, publicados, pelo que passo a dar o meu testemunho pessoal a respeito, o que faço, pela maneira seguinte:

Voltando Henrique Castriciano do Rio de Janeiro, depois de haver sepultado Ferreira Itajubá, procurou a irmã do Poeta D. Florência Ferreira de Medeiros, espôsa do Sr. Hermogenes de Medeiros, e pediu-lhe procurar e entregar-lhe tudo quanto encontrasse, em versos, escritos pelo irmão, que acabava de falecer, e não demorou muito o dia em que D. Florência foi à residência de Henrique entregar-lhe o que teria conseguido encontrar de autoria de seu referido irmão: o poema “Terra Natal” e algumas poesias esparsas, muitas publicadas n’ “O POTIGUAR”, jornal e, posteriormente, revista da “Oficina Literária Lourival Açucena”.

A letra de Ferreira Itajubá era difícil de ser decifrada, motivo por que em certa tarde de um dia de domingo, chega em nossa residência, na rua dos Tocos, hoje, Princesa Isabel, Henrique Castriciano para convidar-me a, juntamente com a sua pessoa, fazer a leitura de tudo quanto havia o poeta deixado escrito, porque, dizia êle “você foi tipógrafo e trabalhou na “Gazeta do Comércio”, e era um dos raros que compunham os trabalhos de Antônio de Sousa, cuja caligrafia, Joaquim Rodrigues, (também) tipógrafo), batizou de “espiritismo”, e pode auxiliar-me, nêsse trabalho, que não será pegueno.

Aceitei o convite, não somente pelo fato de achar ser uma homenagem póstuma que se ia prestar ao poeta conterrâneo, tão mal compreendido no meio intelectual de sua terra, como ainda pelo fato de o mesmo ser feito, por quem o era, — um dos maiores expoentes de nossas letras, e a quem devia eu um grande favor: o prefácio do meu “CRISAN-

TEMOS”, e, juntos, começámos a ler o “TERRA NATAL”. Foi um trabalho estafante, porque, além da caligrafia difícil de ser decifrada, em algumas páginas desbotadas pela ação do tempo, o trabalho era mais árduo, de maneira que, quando nós ambos nos enrascávamos, êle, Henrique, por sua conta própria, substituiu a palavra indecifrável por uma sua que não modificasse o sentido, nem defeituasse o ritmo do verso.

Terminado êsse serviço preliminar, coube-me o encargo de copiar todo o poema “TERRA NATAL” e algumas das poesias esparsas que não tinham sido ainda publicadas, trabalho êsse que eu fazia, quase sempre, aos domingos, ou à noite de outros dias, com a minha própria letra, porque, aquella época, não possuía eu uma máquina de escrever.

Os serviços que eu fazia durante a semana, no tempo que me sobrava, porque era empregado no Correio, lecionava na Escola Normal desta cidade e mantinha um curso particular de várias disciplinas, cujos alunos faziam exames parcelados no Ateneu Norte-Riograndense, os levava eu aos domingos à noite a Henrique Castriciano, com os respectivos originais.

Dêsse meu trabalho realizado, para a publicação do livro de Ferreira Itajubá, além de Henrique Castriciano, que me encarregou de praticá-lo, uma outra pessoa o conhecia: Adauto Câmara que, trabalhando comigo, na Administração dos Correios, dêste Estado, me viu, muitas vêzes, aproveitando algum tempo disponível, fazendo cópias do poema TERRA NATAL.

Henrique Castriciano, quando em vida, e Câmara Cascudo foram os dois homens de cultura, no Rio Grande do Norte, que procuraram incentivar aquêles que procuravam desenvolver a sua inteligência, escrevendo versos ou fazendo prosa, não os desanimando, com críticas demolidoras, que nada edificam e tudo destroem, críticas, quase sempre, insinceras, elegiosas aos que lhes são simpáticos, enquanto os demais são colocados em verdadeiros círculos dantêscos.

Ninguém pede a Câmara Cascudo um prefácio a um trabalho seu a ser publicado que o não receba, seja em verso ou em prosa. O mesmo ocorria com Henrique Castriciano o qual, prefaciando o meu "CRISANTEMOS", como não quisesse dizer que os meus versos eram ruins, começou fazendo uma divagação sobre o luar que pratiava o campo sertanejo, na noite em que escrevia o prefácio por mim solicitado, para concluir, aconselhando-me que "fizesse versos e mais versos à terra sertaneja, que é onde poderemos descobrir o aureo filão vital onde Gonçalves Dias e Fegundes Varela encontraram a imortalidade".

No caso Itajubá, porém, Henrique Castriciano reconhecia o seu talento, a sua inspiração poética, tanto assim que, êle próprio tomou a si, depois de seu falecimento, a incumbência de publicar, num volume, todos os versos que êle escreveu, que seria capaz de engrandecer o Rio Grande do Norte, no domínio das letras. Foi um desabafo que êle, Henrique, deu à sua alma de elite ainda maguada, depois de haver visto que um conterrâneo seu, homem de valor, apenas pobre, fôra abandonado pelos poderes públicos de seu Estado, de modo a falecer, na indignância, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Êste, meu prezado Manoel Rodrigues de Melo, é o meu testemunho pessoal, sobre a maneira porque Henrique Castriciano reuniu e organizou os versos deixados por Manoel Virgílio Ferreira Itajubá, agora reeditados pela Fundação José Augusto, sob a denominação de "POESIAS COMPLETAS", graças à inspiração do Governô Aluizio Alves.

Natal, 2 de abril de 1966.

Ivo FILHO

CAROLINA WANDERLEY*

Josué Silva

Creio que como das outras vezes serei nesta noite mais feliz, conduzindo pelas mãos a personalidade sempre marcante de Carolina Wanderley.

Ela procede do tronco genético dos Wanderley, do Assu, cidade conhecida pelos intelectuais, como a Atenas norte-rio-grandense. Só esta declaração inicial, bastaria para me tornar alvo de entusiásticos aplausos, nesta noite cheia de luz e de beleza potiguar.

Não tenho por hábito fazer crítica destruidora. Nas minhas tertúlias, tenho por norma, exaltar aqueles que de qualquer fôrma, concorram para o reconfôrto do nosso espírito ávido de sensações no evoluir dos tempos.

Para mim e por certo para muita gente, o poeta é uma criatura diferente das outras. Ele traz sempre consigo o condão das seduções que antes de chegarem aos olhos, foram condensadas pelo coração.

Por ter sempre o cuidado de exaltar o gênio poético dessas criaturas eleitas para o enfeite da vida, teço as minhas impressões com fios de seda, sem querer nem de leve nublar a espontaneidade de suas criações as quais não são senão pedaços amargurados de almas e corações que se vão diluindo em versos.

O poeta, na expressão lidima do têrmo, é sôbretudo um vidente. Vê o que outras criaturas não vêm, daí o privilégio de cantar em versos sonóros e sugestivos a beleza de tudo que gira em torno de nós porque são os entes que mais se aproximam de Deus.

“A crítica tem um reverso: é a impressão. Uma, é o estudo, outra a crônica. A crítica é a análise da impressão. A impressão é a análise da crítica. Porque a análise é a apreciação do detalhe, é a decomposição da obra, é o paralelismo da influência, é a própria crítica.

“A crítica pura. A síntese por sua vez, é a visão geral, é o panorama emotivo, é o resumo psicológico, é a crônica cultural, que é afinal a própria impressão”.

“A crítica se detem, procura as fontes e define os autores. A impressão, ao contrário, é veloz, procura somente a alma dos escritores, cérebro versus coração. Compreender e sentir. Compreender importa em preparo intelectual e sentir é apenas uma questão de alma e inconscientemente se pode também sentir. Assim se expressou com muita autoridade numa dimensão de acêrto, Dante de Laytano”.

Não me anima de modo algum, estar aqui para fazer derrocada dos ídolos e nem de suas obras. Pelo contrário quero cada vez mais perpetuar na alma inteligente de meus conterrâneos, a magnificência da arte dêsses aedos do nosso Estado, tão cheios de ilusões que se cristalisam em versos para a sensibilidade emocional da nossa gente.

Carolina Wanderley é uma poetisa de fina e maviosa expressão lírica. Há no seu primoroso poetar, um encanto de simplicidade que extasia a alma sensibilíssima daquêles

que sentem o prazer da vida na harmonia da música, ou nas sonâncias dos versos.

Em tôdas as suas composições poéticas, há sempre uma tonalidade sinfônica. Assim como Schumann é o músico impressionista dos poetas, Carolina, na ternura emocional de seus versos, poderia ser considerada a poetisa maviosa dos Beethovenianos.

“ALMA EM VERSOS” é o livro de estréia de Carolina. Muito bem recebido pela imprensa indígena, foi alvo de estrondosa apreciação nos meios culturais da terra cheia de sol do setentrião brasileiro, concentrado na faixa dêsse tão falado polígono das sêcas.

Selecionei para êste momento de espiritualidade em que nos encontramos, algumas jóias que por certo não aguçarão os vossos olhos mas agradecerão os vossos ouvidos pela harmonia cantante dos ritmos cadenciados de que se revestem.

Vamos em primeiro lugar ouvir JESUS E AS ESTRÊLAS:

Quando Jesus, o louro Nazareno
Da humanidade o grande Benfeitor,
Pregava por parábolas, sereno,
A doutrina belíssima do Amor.

No Azul tranquilo, de belezas pleno,
As estrêlas também com vivo ardôr
Vinhão fulgindo sempre ao seu aceno,
Ouvir da Caridade o Pregador.

Êle cumpriu sua missão na terra
E habita o Reino angelical que encerra
A pureza, o Perdão, o Amor e a Luz!

E inda hoje as estrêlas pressurosas,
Tôdas as noites, juntam-se saudosas,
Para ouvir a palavra de Jesus!

De um misticismo tão doce, êste soneto é um dos mais bonitos que tenho encontrado na minha vida.

Natural do Assu, a terra sertaneja que líricamente acariciada pelas ventarolas dos carnaubais e fertilisada pelas águas lustrais do Poassá, Carolina numa elevada expressão de amor filial a decanta assim:

Terra bendita, onde abriguei ditosa,
Da minha infância as ilusões fagueiras,
Coroada, qual rainha majestosa,
Das verdes palmas das carnaubeiras;

Terra gentil, que acolhes carinhosa
Nas oiticicas deusas altaneiras,
Bandos de aves gazis, que em voz maviosa
Cantam do sol as radiações primeiras;

Se eu, algum dia, trêmula velhinha,
Preso à magua que aos poucos me definha,
Ao teu sólo volver, berço risonho,

Agasalha-me ainda com ternura,
Como outrora, nos dias de ventura
Agasalhaste o meu primeiro sonho!

Sublime exaltação de amor nativo, se encontra na beleza dêste magnífico decassilabo.

GAIOLA e o "PINTASSILGO são dois sonetos que reputo de uma sonância impecável. Ouvi-los, é captar nas antenas dos ouvidos, para o receptor do coração, uma sonata de Schuber, nas cordas vibráteis de um stradivarius:

Há muito tempo, na gaiola andava
Tanta tristeza, tanta dôr silente...
Como outrora, o Canário não cantava,
A companheira piava tristemente.

Porque seria que o pesar estava
 A vida lhes enchendo amargamente?
 Para serem felizes, que faltava
 Ali, onde se amavam ternamente?

Mas um dia os ví cheios de carinho
 Construindo com prestesa um quente ninho
 Frouxo, macio, cômodo, casquilho.

E a dôr fugiu... houve expansões amenas,
 Quando o canário, sacudindo as penas
 Saudou, cantando, o seu primeiro filho!

Ouçamos agora o PINTASSILGO:

Pequeno e lindo, alegre e saltitante,
 Na gaióla cativo, onde vivia,
 Quando a aurora raiava no Levante,
 Êle saudava o começar do dia!

E, à tarde, quando o sol agonisante
 Tombava e a noite em sonhos se envolvia,
 De sua voz o mágico descante
 Se transformava em triste melodia.

Mas um dia surgira o sol fulgente,
 sem receber a saudação singela
 do cantorzinho alígero, inocente.

Em vão busquei ouvi-lo; sem conforto
 Abrir pude a gaiola e dentro dela
 Fui encontrar o pintassilgo morto!

“DEVER SUPREMO” diz bem da alma patriótica
 dessa diléta filha da terra morena de Ulisses Caldas, um dos
 nossos heróis na escarniçada epopéa do Paraguai:

D E V E R S U P R E M O

No momento em que o povo infrene se levanta
 Impondo à pátria amada o valor e o respeito
 E a paz, nobre ideal, que à humanidade encanta
 Sacrifica os seus dons por amor do Direito;

Enquanto a multidão febril e ardente canta
 Celebrando o país às vitórias afeito;
 Desce do olhar das mães, cheio de magua tanta,
 Um rosário sem fim de lágrimas desfeito!

Olhos santos de mães de onde o mal se desterra
 Quando a Pátria chamar vossos filhos à guerra
 Mais sublimes sereis se, fortes, não chorardes.

Não vos amedronteis ao zunir da metralha:
 Antes vê-los morrer no campo de batalha,
 Que vergonha sentir por sabê-los covardes!

G R I T O D A A L M A

Embalde cismo... Em que consiste aqui na terra,
 O mais perfeito ideal, a suprema vventura!
 Das glórias o esplendor a angústia não desterra,
 E o amor nos traz sòmente uma grande amargura.

Quando terminará essa entranhada guerra
 Que em nossa alma se agita e a torna imbele
[e escura?
 A augusta aspiração de paz que a vida encerra,
 Onde existe, se o bem é vário e o mal perdura?

Paira por sôbre tudo a sombra da incerteza;
Vêm ferir a existência os cardos da tristeza
E apenas o pesar nosso caminho junca.

Se tudo se dissipa e se a dôr tudo invade,
Onde vive, onde reina essa felicidade
Que eu desejo, que eu busco e não encontro nunca?

Ao poeta é dado ter exaltações de felicidades na vida,
e outras vêzes, de contínuos desespêros, de desenganos e de
desilusões...

NÃO VOLTOU é uma poesia onde podemos constatar o desengano dessa torturada cantora do ALMA EM VERSOS:

Meu coração, numa carícia, encerra
Estas palavras que escutei silente:
Quando de verde se cobrir a serra,
virei revêr teus olhos, novamente.

O amor primeiro, se a nossa alma invade
Enchendo-a de ventura e de bonança,
Traz-nos sempre um sorriso de esperança
Mesmo quando nos fére uma saudade!

Foi por isso que enquanto me dizias
Frases que, a suspirar entrecortavas,
Eu chorava de dôr porque partias,
mas sorria, feliz, porque voltavas!

Quando o inverno chegar triste sombrio
Pensei: êle virá transpondo abrólhos,
Como andorinha a tiritar de frio
Aquecer-se na chama dos meus olhos.

Não veio o inverno que esperei anciosa,
 Cobrir a serra com seu verde manto,
 Apenas, em minha alma pesarosa
 Sinto cair a chuva do meu pranto!

Perdi a calma e o coração soluça
 Em contínuas e em íntimas revoltas,
 E mais e mais o meu sofrer aguça
 A lembrança fatal de que não voltas!

Carolina Wanderley é professôra diplomada e creio que ainda leciona no Grupo Escolar Frei Miguelinho, de honrosa tradição, no bairro do Alecrim, que muito cresceu, tomando o aspecto de uma cidade nova e progressista.

Tem predileção pelas crianças. E ela encarna bem essa recomendação: "seja o professor calmo no falar, moderado nos gestos e prudente nas atitudes e verá como todo o seu estilo se tornará eficiente. As crianças observam tudo e seguem muito mais o exemplo do que os conselhos; as palavras são levadas pelo vento mas as impressões da atitude do mestre, que é modêlo de procedimento, perduram com intensidade, passam a fazer parte da personalidade em formação".

Não há criança que não aprenda com Carolina. Ela tem pelos seus discípulos êsse aconchego, êsse carinho, êsse amor, essa dedicação que andam no coração da mãe brasileira. Enfim a inspirada poetisa é a personificação da professôra, na mais eloquente expressão do vocábulo.

Para divertir os educandos de seu Grupo, escreveu em versos, diversas cenas infantis, constantes de diálogos, monólogos e duetos, enfeichando-os num livro ao qual deu o nome de RIMÁRIO INFANTIL.

Dêsse livro tão útil às escolas, colhi dois sonetos primorosos para a delícia espiritual desta noite de arte:

D E S V E L O

Preso num laço de carícias mansas
Quando, a lutar, tentava se evadir,
às roseas mãos de quatro lindas crianças
fôra um mimoso pássaro cair.

Isolado, despido de esperanças,
vendo tristonho e escuro o seu porvir,
de dôr morreu, sem mais poder nas franças
dos laranjais seus cantos desferir.

E na pequena cóva, onde, entre rosas,
as criancinhas deixaram-no, chorosas,
da saudade envolvida pelo véu,

vão vêr todos os dias desveladas,
se inda estão suas penas sepultadas
ou se voaram, festivas, para o céu.

Esta poesia nos sensibiliza pela ternura de um lingua-
jar suave e doce como um favo de mel. . .

Agora como parte final, escutemo-la no CENÁRIO
MORTO:

A escola estava em festa. Nêsse dia
as crianças em risos e carinhos,
para espargir nos campos, alegria,
iam dar liberdade aos passarinhos.

Quanta tristeza, quanta nostalgia
das florestas, dos rios e dos ninhos,
daquelas aves dissipar-se-ia
ao voarem, dispersas nos caminhos!

Mas, enquanto a ternura das crianças,
— trêfo e mimoso bando de esperanças
mitigava, a cantar, tanta saudade,

Um canário morria engaiolado,
sem terem suas asas partilhado
dessa esmóla de luz e liberdade...

De coisas bonitas assim estão cheinhos os livros de Carolina, que é uma das expressões mais poéticas da minha terra que bem distante embora, trago-a sempre preza nas minhas recordações e na minha grande saudade.

E para remate desta palestra quero mais uma vez reafirmar que Carolina é uma poetisa de profunda sensibilidade espiritual. Venceu porque muito cedo pôs em ação o seu poder mental para influir na alma da gente. Ela é poetisa em toda a extensão do termo. Há em seus versos moldados nas feições clássicas, uma expressão de arte e amor. Têm alma e beleza, sentimento e coração, acorrentando o nosso espírito. Enfim, Carolina no retraimento em que vive, é uma dessas criaturas que encontra na poesia, o melhor enlêvo de sua vida. Conservadora, não quis se influenciar na feição dos novos. Persiste na beleza da forma, na cadência dos ritmos, no apuro das imagens e na sonância da musicalidade harmoniosa do verso parnasiano...

COMO E POR QUE SOU ACADÊMICO

Antônio Fagundes

Rebuscar os arquivos da memória é, por si mesmo, tarefa ingrata, somente interessante para aqueles que se comprazem na saudosa contemplação das flôres da juventude já distante.

Nem todos, entretanto, logram uma juventude florida, razão pela qual nem a todos é agradável rever o passado. Para compensação, há os que, usando filosofia própria, pouco se lhes dá que a seara seja propícia ou menos pródiga a colheita da sementeira. É condição da própria juventude confiante nos supremos desígnios da Providência, que sàbiamente colocou o dia e a noite intercalados.

A Academia Norte-Riograndense de Letras deseja, pela vontade do seu dinâmico presidente, registrar os fatos que precederam à eleição e posse dos nossos confrades. Para êsse objetivo, solicita a devida colaboração de minha parte, o que importa dizer como e por que vim a ser Acadêmico.

Eis a razão da minha presença ocupando a atenção de tão seletto auditório, malgrado as precárias condições visuais que não mais me permitem ler, senão com sensível esforço.

No decorrer do ano da graça de 1936, meus senhores, congregaram-se os mais conspícuos intelectuais conterrâneos com o fim de criar uma Academia de Letras em nosso Estado, a exemplo do que se vinha fazendo nas outras Unidades da Federação.

O ponto de concentração para a permuta de idéias, sessões preparatórias, fôra a residência do escritor Câmara Cascudo. Poetas, escritores, jornalistas, ali assentaram as bases da futura instituição, formando uma elite entusiasta e decidida.

Uma das condições para admissão consistia em haver o candidato publicado um livro ao menos.

Na relação dos candidatos em cogitação e a serem convidados figurava o meu nome, por ter publicado "Noções da História e da Geografia do Município de Assu" — Tip. Jaguaribe — Aracati — Ceará — 1923, e "Leituras Potiguares", coletânea de crônicas e poesias referentes ao Rio Grande, escritas por norte-riograndenses, — Calvino Filho — Rio de Janeiro — 1935.

Por várias vezes recebi a visita sempre agradável do velho amigo e companheiro Aderbal de França, levando-me notícia das ocorrências daquelas reuniões preparatórias e, ao mesmo tempo, as informações de que estava eu incluído entre os candidatos à futura instituição de letras. Em tôdas essas oportunidades lhe fizera sentir que não me considerava intelectual e não me poderia ombriar com escritores e poetas da estirpe de Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Câmara Cascudo, Antônio Soares, Palmyra e Carolina Wanderley, Nestor Lima, Ivo Filho e tantos outros luminares da literatura que honravam sobremaneira as letras da Potiguarânia.

Não sortiram efeito as minhas contínuas alegações. De certa vez Aderpal me voltara mais alegre do que até então, comunicando-me que tudo estava definitivamente resolvido: eu estava incluído no quadro dos sócios fundadores da Academia Norte-Riograndense de Letras cuja instalação estava a depender de futura designação de local, dia e hora, com antecedência anunciada.

Nessa mesma oportunidade me comunicava que dois nomes me haviam sido enviados para, a meu critério, escolher o patrono da cadeira a ser ocupada por mim. Eram êles o Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes e Joaquim Fagundes.

O primeiro, duas vêzes meu tio-avô, pois que os meus dois avós eram irmãos, o segundo, primo em segundo grau.

Surgira-me o dilema. Devia ponderar as conveniências, os prós e os contras.

O Vigário havia sofrido, nos últimos anos da existência, as duras emoções da suspensão das ordens sacras em consequência da célebre e renhida *questão maçônica* a cuja instituição se negara a abjurar.

Em respeito à sua memória e não menos aos de sua família chamados à eternidade, seria prudente silenciar sôbre os fatos que o determinaram, mesmo após longos anos decorridos.

O segundo, Joaquim Fagundes, era portador de rara inteligência, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo, falecido aos vinte anos de idade, franzino de físico mas impetuoso, vivo, arrogante, batalhador, intempestivo, e temeroso. Seria êle, inquestionavelmente, o indicado ao patrocínio da cadeira que tão generosamente me havia sido destinada.

Foi assim que me decidi a aceitar a gentileza e a deferência dos amigos generosos, dentre os quais vale ressaltar Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes e Nestor Lima, de saudosa memória, aos quais tributo, nêste momento, o meu profundo respeito.

Assisti à sessão de instalação realizada na sede do então Instituto de Música, à rua Vigário Bartolomeu, sem vaidade pessoal, refletindo, entretanto, na responsabilidade que assumira.

Em reunião posterior, realizada na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, sede provisória da Academia, fui saudado pelo confrade Nestor Lima e empossado na cadeira n.º 14, que tem o patrocínio do vibrante e entusiasta Joaquim Fegundes, confiando que não me faltariam as forças indispensáveis para honrar e dignificar tão elevada distinção dos meus pares. Não me é dado, entretanto, julgar se o consegui.

Natal, 14 de novembro de 1967.

EDINOR AVELINO E A UNIVERSALIDADE DA POESIA *

Padre Jorge O'Grady de Paiva

(Da Academia Norte-Riograndense de Letras)

Retrocedo, no tempo, 33 anos e vejo-me, 1935, na cidade natal do poeta em cuja honra foi organizada esta tarde de emoção, para comemorar-lhe o septuagenário, que hoje transcorre.

Era, a bem dizer, aquela minha primeira paróquia, pois ordenado em novembro de 1934 só durante dois meses fui vigário de Canguaretama, já a 24-2-1935 nomeado para reger a freguesia de N. S. da Conceição de Macáu.

Bem podeis imaginar a alvoroçada alegria do jovem pároco ao demandar aquê centro salineiro, de que tanto ouvira falar e em substituição a vultos como Paulo Herôncio de Melo e Luís Teixeira de Araujo, de par com a responsabilidade de ir exercer o múnus sacerdotal na terra do virtuoso e admirado

émulo de João Maria e a quem assim se referiu o poeta macaense:

Quando disser, na terra, a prece derradeira
Há de subir ao céu a alma serena e pura
De Monsenhor Joaquim Honório da Silveira (67).

Só um ano passei em Macáu, designado que fui, em princípios de 1936, para substituir, na direção do Colégio Diocesano S. Luzia de Mossoró, o Cônego Amâncio Ramalho, que o govêrno Rafael Fernandes chamara à Secretaria de Educação do Estado.

Guardo, porém, indelével recordação da acolhedora, ordeira e laboriosa gleba de Edinor Avelino — por êle cantada como “das mais ricas terras pequeninas” (69) e da qual conservo, na retina, repetindo-lhe os versos de belo poema,

. . . as ruas compridas, os sobrados,
E, em meio à nitidez do azul sidéreo,
Saudando os horizontes afastados,
A alva torre do antigo presbitério (69).

Em Macáu conheci o poeta, tornando-me, desde então, apreciador de sua poesia pela singeleza do estilo, autenticidade do astro, harmonia das rimas e bondade do coração. E agora compreendeis o motivo de aqui me achar como orador oficial desta solenidade e a fim de nos determos sôbre a obra poética do ilustre filho de Macáu. Não trepidei em tomar por tema “Edinor Avelino e a universalidade da poesia”. A poesia, bem sabeis, é universal e as asas da inspiração adejam sôbre os mais recônditos rincões do mundo. Não pairou e genial sôbre o Engenho Pau d’Arco, na Paraíba, suscitando Augusto dos Anjos? Mas a universalidade da poesia não é, simplesmente, geográfica, mas sobretudo, temática, porque nada há, na vida ou no mundo, que escape ao tratamento poético. E, não raro,

E jamais se dissociou da rima ou da consonância musical do verso. Grande admirador de Bilac, timbrava em seguir-lhe a diretriz:

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim (I)

Seu plecto só feria, assim, sons harmônicos, pois os versos brancos, como dizia Johnson (II) são mais destinados aos olhos. E observe-se que já eram, então, conhecidos, pois só no Brasil os haviam plasmado entre outros, e com mestria, Junqueira Freire, José de Alencar e o próprio Gonçalves Dias. De modo que nem a brancura da paisagem macauense “branqueou” a poesia aveliniana. A influência ambiental, em sua obra, é a do mar, o ritmo do mar, o marulho do mar, a côr do mar, a amplidão do mar, a solidão e serenidade do mar. Os versos saíam-lhe da pena tão leves e puros, tão diáfanos e cálidos qual a mesma espuma das ondas; tão sólidos e firmes, na variada feitura técnica, qual a areia batida pelas ondas; e tão cantantes e universais como o próprio mar. E vem à tona, de Felício dos Santos, aquele

E o mar, supremo poeta, aos pés da rocha dura
Marulha em cada canto as ilusões do irmão (III)

Dissemos que a imagem e a rima, em Edinor Avelino, são indissociáveis. Mas a imagem, que é o mundo da poesia, nêle não apresenta, apenas, colorido, mas, sobretudo, sonoridade; sua poesia é mais sinfônica do que cromática.

E já é tempo de a ouvirmos, senhores. E por onde começar, senão pelo *leitmotiv* que lhe aguçou a inspiração?

DIANTE DO MAR (15)

És o gigante, filho de ermas plagas
 Monstro invencível. Criação longeva.
 Mar soturno que a praia extensa alagas
 Na beleza da luz, no horror da treva.

A caminhar, desde a época primeva,
 O teu próprio destino, em vão, indagas
 E há solução de mágoa, que se eleva
 Do sombrio interior das tuas vagas.

Vives, de vez em quanto, em gestos rudes,
 Revoltado, espalhando o teu bramido,
 A subir e a descer nas amplitudes.

Vendo-te, azúleo mar, que a areia invades,
 Suponho que, em ti mesmo, convertido,
 Corre o pranto de tôdas as saudades.

Diante do Mar ou Diante do Homem? Para Edinor é o mar o símbolo do homem. Gigante o mar, gigante o homem. Filho, o mar, de "ermas plagas", "criação longeva". Oriundo, o homem (no dizer de outro poeta), do "côsmico segrêdo", do "cáos telúrico", de "priscas eras" (IV). Invencível o mar, invencível o homem. Monstro e soturno o mar, iluminado e tenebroso. Hércules o homem, "monstro de escuridão e rutilância" (V). Agitando-se, como que indaga, o mar, por seu destino e, não o descobrindo, como que se angustia, "a caminhar" em perpétuo fluxo e refluxo. Não é a imagem do filósofo, indagador das causas, no agitado "vão do pensamento"? E também a imagem do poeta, cheio de mágoa, a soluçar, sob o peso e opressão do sofrimento? Revoltado o mar, brame a ameaça; revoltado o homem, grita e apostrofa. Mas, apesar de tudo, "azúleo mar que a areia invades", como azul infância, que brincas despreocupada, na praia da vida!

Enfim, “encerra o pranto de tôdas as saudades” o salso elemento. Oh, humano mar, oh, homem que trazes, nas ondas rubras do sangue, os elementos das rochas dissolvidas no oceano, como que saudoso dos ancestrais marinhos que, primeiro, os absorveram!

E afloram-nos à lembrança, coroando o simbolismo humano do mar aquêles, igualmente simbólicos, alexandrinos de Maranhão Sobrinho:

O mar leva-me a crer que tem paixões mortais
Em que rolam, brilhando, as lágrimas das pérolas
E palpita, fervendo, o sangue dos corais (VI)

Retoma Edinor o tema querido do mar em soneto por êle próprio declamado à partida dos jangadeiros potiguares, para a travessia Natal-Rio, no centenário da independência do Brasil. Ei-lo:

DENODADOS (25)

Para o domínio másculo do Atlântico,
Ides partir, nesta manhã dourada.
Dái um adeus à remansosa enseada,
A vossa terra, ao Potengi romântico.

Entoando ao céu vosso saudoso cântico,
Vá surpreender-vos, longe, a madrugada,
Ao norte e ao sul, a fronte levantada
Para o domínio másculo do Atlântico.

Hão de vencer o temporal violento,
Vossos frágeis batéis, navegadores,
Pela nobreza do cometimento.

E, à Guanabara azul, dessa maneira,
Chegarão doze bravos pescadores,
Saudando a grande Pátria brasileira.

Decantou-lhes, ainda, o regresso, em "Heróis do Mar" (26), poema de doze estrofes em versos de doze sílabas, honrando os doze nautas.

E, como o motivo do mar é constante, em Edinor Avelino, ainda temos, a rememorar-lhe o sortilégio, "Lembrança da praia" (35), "Lenda do Mar" (116) e o comovente soneto "Tarde" (59), dedicado a José Ferreira de Souza, quando de sua vinda para a então capital da República e que assim começa:

Tarde. O horizonte é plácido e sombrio.
A viração os cômoros perfuma.
Ao longe se desfaz, na densa bruma,
A partida saudosa de um navio.

e que assim termina:

.....

Que anseio de viajar, de ser turista!
De levar-te e de que, comigo, entendas
O verde mar de pérolas e de algas,
A sua eternidade e as suas lendas!

Lembra êsse navio que se enevôa no horizonte e que parte sem o poeta aquêles aos quais, cinco lustros mais tarde, se referiria Múcio Leão, poetando assim:

Misteriosos navios, que iam sempre partir,
Sem me levar jamais! (VII)

Na nota biográfica, que para “Sínteses” escreveu Mancel Rodrigues de Melo, há expresso elogio ao soneto “Tuberculosa”, que afirma conhecido em todo o país.

Sôbre o tema poetaram grandes figuras, no Brasil e no estrangeiro, tais como Cruz e Souza, Augusto dos Anjos e Antônio Nobre.

Descreve-a, assim, o primeiro:

Tísica e branca, esbelta, frígida e alta
E fraca e magra e transparente e esguia,
Tem agora a feição de ave pernalta
De um pássaro alvo de aparência fria (VIII)

E como a vê Edinor Avelino? Dela também acentua o “antes e depois”:

Era uma formosura. Conhecí-a
Dantes, de seio lúbrico e opulento,
Esbelta e cheia de contentamento
Moça loira, romântica e sadia.

Vi-a, depois, de rosto macilento,
Sem aquela beleza que possuía
Estátua viva da melancolia
Desalentada pelo sofrimento (21)

Em seu poema “Os doentes”, ao referir-se à vítima da tuberculose, assinala Augusto dos Anjos o horror da hemoptise:

Falar sômente uma linguagem rouca,
Um português cansado e incompreensível.
Vomitar o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca! (IX)

Não dissente Edinor Avelino, no final de seu soneto:

Tuberculosa andou triste, esperando
A tossir, a tossir, cansada e rouca
O final de um destino miserando.

Teve calma de santa e olhar de louca
E morreu numa tarde, derramando,
Uma porção de sangue pela boca.

Mas não nos furtamos à análise comparativa, também, com Antônio Nobre, o insigne vate lusitano, em seu "Pobre Tísica", poema do qual transcrevemos as seguintes estrofes:

Quando ela passa à minha porta
Magra, lívida, quase morta
E vai até à beira-mar,
Lábios brancos, olhos pisados,
Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar.

Sarar? Da côr dos alvos linhos
Parecem fusos seus dedinhos,
Seu corpo é roca de fiar . . .
E, ao ouvir-lhe a tosse sêca e fina
Eu julgo ouvir, numa oficina,
Tábuas do seu caixão pregar (X).

Como vêdes, senhores, Edinor não teme confronto. E daí haver dito Cascudo, no trecho por nós citado, que "os poemas de Edinor batem asas na mesma altura dos melhores".

Transportados pelas auras da poesia deixemo-nos, agora, quais folhas levadas pelo vento, envolver pelo suave lirismo do poeta em

FOLHAS SÊCAS (36)

Como vos quero, como vos lamento,
 Ó folhas sêcas, folhas que rolais,
 Sob êsse impulso indômito do vento,
 Perdidas pelas tardes outonais.

Vosso destino trágico e violento,
 Arremessou-vos pelos tremedais —
 E vos tornastes, desde êsse momento,
 Extintas alegrias vegetais.

Em vós se vê, em vós se considera
 Um resto de esplendor da primavera,
 Folhas que andais, assim, correndo, em vão.

Pedaços de vigor da pátria flora,
 Eu vos lamento, vendo-vos, agora,
 Funèreamente, esparsas sôbre o chão.

Faz lembrar, êsse *lamento das folhas*, de Edinor Avelino, a ilusão perdida de Artur Azevedo:

Quando as folhas amarelas
 Caem dos galhos no chão,
 Eu vejo, em cada uma delas,
 Uma perdida ilusão (XI)

E ainda evoca, em surdina, a enternecedora “*Chanson d’Automne*”, de Paul Verlaine:

Les sanglots longs
 Des violons
 De l’automne
 Blessent mon coeur
 D’une langueur
 Monotone.

Tout suffocant
 Et blême, quand
 Sonne l'heure,
 Je me souviens,
 Des jours anciens,
 Et je pleure;

Et je m'en vais
 Au vent mauvais
 Qui m'emporte
 Deçà, delà
 Pareil à là
 Feuille morte.

Chora Verlaine, nas tardes outonais, ao som plangente do violino, sentindo-se *folha morta* tangida pelo mau vento da vida. E, pranteando Edinor o destino das folhas secas — “extintas alegrias vegetais”, “restos de esplendor da primavera” — dir-se-ia seu pranto semelhante ao que verteu Antônio Nobre por sua “Pobre Tísica”. . . Chora nosso poeta, certamente, pela “Tuberculosa” de sua composição — folha ressequida de tarde outonal e não já, viçosa de manhã primaveril — impelida pelo vento mau da doença, no “destino trágico” que lhe despiu da folhagem a árvore pulmonar.

Cantor da natureza exaltou Edinor Avelino, multifacetadamente, o “Sertão” (30 e 94), “Os ermos” (37), “As serras” (39), a “Madrugada” (46) e a praia de “Icaraí” (124) que são outros tantos poemas de sua lavra.

De seu amor à mãe natura transcrevemos o terceto final do seneto “Em viagem” (100), dedicado a Wálter Wanderley:

A atenção a tudo isso tenho prêsa
 E espareiço com o espírito voltado
 Para a fascinação da natureza

E como lhe não sentir o fascínio? Em viagem a seu mundo interior experimentou o mesmo enlêvo Machado de Assis:

Ouço que a natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
Do Sol à ínfima luzerna (XII)

Mas a lira edinorina faz vibrar suas mais sensíveis cordas ao cantar o amor ao próximo, os pobres, míseros, famintos, cegos, aflitos e sofredores, os quais trata e quer que tratemos assim:

Emocionado, escuta tôda a queixa
Que te chegar. Por onde quer que pises,
Como um irmão, tua carícia deixa
Para a consolação dos infelizes (77).

Igualmente sensível é Edinor quando canta os desenhanos e ilusões da vida, a morte, o luto, o cemitério E nada disso distôa de seu encantamento pela natureza, pois como nos diz, numa quadra

O poeta a todos se irmana
Traduzindo bem, no verso,
Os quadros da história humana
E a beleza do universo (121).

Grande Edinor! Como os grandes, teve “grandes vôos” seu pensamento. Êle próprio nô-lo afirma no poema Macáu (69), tão bem comentado, em livro, por Wálter Wanderley (XIII). E nêsses grandes vôos do pensamento aproxima-se de Augusto dos Anjos, como passamos a ver:

Augusto:

... O cosmos sintético da idéia
 Surge. Emoções extraordinárias sinto...
 Arranco do meu crânio as nebulosas (XIV)

Edinor:

Divinas emoções experimento,
 Cismas profundas, êxtases diversos,
 Dentro do universal deslumbramento (63).

Não há vôo humano porém, por mais ousado, que
 desvende todo o mistério do mundo e da vida. Reconheceram-
 -no Augusto e Edinor.

Augusto:

Homem! por mais que a Idéia desintegres,
 Nessas perquirições que não têm pausa,
 Jamais, magro homem, saberás a causa
 De todos os fenômenos alegres! (XV)

Edinor:

E tu, homem vaidoso, ardente e austero,
 Por mais que em teu saber, grave, perquiras,
 Hás de convir, somente, que és um zero
 Que a ventura é a mais alta das mentiras! (32)

Continuemos o paralelo. Tôda a altíssima poesia do
 "Eu" acha-se impregnada da transitoriedade das coisas, da
 dor, do luto e da morte. Ouvi-lhe o treno:

N'augusta solidão dos cemitérios,
 Resvalando na sombra dos ciprestes,
 Passam meus sonhos sepultados nêstes
 Brancos sepulcros, pálidos, funéreos (XVI)

Em nada destôa, meditativo e sombrio, nesso Edinor:

Sou lúgubre demais. Dirão loucura.
Empolgam-me espetáculos funéreos.
Muitas vêzes já fui, na noite escura,
Elegias dizer, nos cemitérios (57).

Não se contentou Augusto em cantar, apenas, a solidão
e a tristeza da necrópole. Foi além:

Surpreendo-me, sòzinho, numa cova:
Então meu desvario se renova . . .

Nesta sombria análise das coisas
Corro. Arranco os cadáveres das lousas! (XVII)

Edinor Avelino:

Entro no cemitério. Espio uma caveira . . .
Apalpo, nêste instante, a alva caixa craneana (107)

Aliás, tanto Augusto como Edinor devem ter-se inspirado, para falar assim, em Raimundo Correia, que filigranhou, no fim do século passado, êste admirável

P E S A D E L O

Penetro a estância fúnebre e sombria,
Extremo leito da mulher amada;
E ergo a lousa que a cobre — despojada
De tôda a graça ideal que a revestia.

Da beleza, onde um casto amor sorria,
Pudica e doce, nada resta, nada!
Nua de carnes, só a branca ossada,
Que apalpo e sinto fria, fria, fria . . .

..... E, o sono seu eterno interrompendo,
Clamo... Da noite o vento álgido corta,
Cái neve e é gélido o esplendor da lua...

Então, a erguer-se, pávida, tremendo
De frio e com pudor, me diz a “morta”:
“Cobre-me! Há tanto frio e estou tão nua!”

O poeta baixou a lousa. E, despertando do pesadelo, reconheceu não quererem os mortos se lhes perturbe a paz, se lhes interrompa o sono.

E é assim, senhores, que a meditação do nada da vida absorve o pensamento dos poetas. E que não temem a morte mas, como Edinor, meditam nela:

Nossa enganosa existência
Em breve tempo se encerra;
Nós somos, em consequência,
Sombras que passam na terra (122)

E nem foi senão por pensar assim e ser autêntico aedo que dissera, de si mesmo, Augusto dos Anjos: “Sou uma sombra!” XVIII).

Mas não é só no lúgubre que Edinor se aproxima dos grandes. Sentiu-se-lhes, também, irmanado no sublime e grandioso. Porisso, falando por todos os poetas, teve esta exaltação:

Nas coisas meditando, absortos, no cenário
Da vida universal para, melhor, dizê-las,
Quando é preciso vão, num vôo extraordinário,
A altura iluminada e excelsa das estrêlas! (105)

A obra poética de Edinor Avelino acha-se, a miude, impregnada de belos e contrastantes pensamentos, como êstes do cântico “Divagação”: (31)

.....

No regaço feliz da infância bela,
 Repleto de ilusões e de dulçores,
 O porvir, entre sonhos, nos revela
 Numerosos prazeres superiores.
 Porém, quando mais tarde, caminhamos,
 Uma grande aridez nos esmorece:
 Em vez dos frutos de ouro e a flôr dos ramos,
 Colhemos dos espinhos farta messe.
 É que se a vida, um dia, nos desperta
 Risos, enlêvos, dias côr de rosa,
 Ao contrário, depois, triste e deserta,
 Percorremos a senda tormentosa:
 Somos, apenas, sombras de esperança!

Êsses versos de Edinor fazem côro, galhardamente,
 com êstes, do Pe. Antônio Tomás, o exímio sonetista de

C O N T R A S T E

Quando partimos no vigor dos anos
 Da vida pela estrada florescente,
 As esperanças vão conosco à frente
 E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
 Vamos marchando, descuidosamente...
 Eis que chega a velhice, de repente,
 Desfazendo ilusões, matando enganos...

Então nós enxergamos, claramente,
 Quanto a existência é rápida e falaz
 E vemos que sucede, exatamente,

O contrário dos tempos de rapaz:
Os desenganos vão conosco à frente
E as esperanças vão ficando atrás.

Passado e futuro, saudade e esperança, são dois polos em tórno dos quais giram os mais belos e expressivos pensamentos poéticos. O próprio Pe. Antônio Tomás deve ter-se inspirado, para o saltitante jogo de "Contraste", em Salvador de Mendonça, poeta fluminense, acadêmico e diplomata, quando, em 1912, sentindo-se vogar na barca de seus sonhos, disse assim:

Atrás fica o passado em nossa esteira,
Vai-nos à prôa o lume da esperança;
Do passado a saudade nos alcança,
Mas, a esperança, como vai ligeira! (XIX)

Não são os poetas sonhadores vãos e, sim, idealistas de que muito carece o mundo, sem êles demasiado frio e utilitarista; nem os homens, sem êles, suportariam as tensões da vida. É essa a moderna lição da psicologia. O sonho, não o sonho psíquico, apenas, mas o sonho que acalenta o ideal, qual nos proporcionam as musas, é de imperiosa necessidade para a higiene da mente e o saudável equilíbrio entre o corpo e o espírito. É que, em vez de simples *evasão do real* é, antes, a poesia, verdadeira *integração na vida*.

Se importa, para viver, transformar o sonho em realidade, importa, por igual, transformar a realidade em sonho — ofício êsse dos poetas. Longe vão os tempos em que um Álvares de Azevedo fazia um de seus personagens dizer: "Ora, um poeta! O mundo não avança por cantigas".

Avança sim — o mundo interior do homem. É que a Poesia, irmã da Filosofia, também é necessária à evolução do pensamento.

Bem haja, pois, quem, como Edinor Avelino, pôde assim cantar, “Eleito” (14):

Perante a humanidade, interpreta e oficia
A beleza, o primor da natureza imensa,
Na linda catedral do sonho e da poesia

E bem haja, quem, como Edinor, assim pôde cantar ainda:

Pátria, de ti me orgulho e em te amar me contento,
Oferecendo, em prol do teu melhor destino,
A fôrça do meu braço e do meu pensamento (29)

Tão notável cultor do éstro não podia, decerto, continuar fóra do templo das musas. Porisso, senhores, a Academia Norte-Riograndense de Letras, ao ampliar seu quadro de 30 para 40 ocupantes, nêle incluiu, em ato de justiça, o poeta Edinor Avelino, dando-lhe a cadeira 35, cujo patrono é outro poeta de valia — Juvenal Antunes.

Esteve Edinor no Rio de Janeiro e, em Icaraí, compôs o poema a que deu o nome dessa bela praia fluminense, da qual se avista a “cidade maravilhosa”. Diz-nos êle:

Tebaida do descanso e da poesia
Silente e descuidosa
Ao longo espia
A cidade vibrante e esplendorosa
Do Rio de Janeiro (125)

E no Rio de Janeiro, por feliz iniciativa do Centro Norte-riograndense, em boa hora entregue a homens de ideal e ação, da estirpe de Mota Neto e Raimundo Nonato, é o cantor de “Sínteses”, hoje, homenageado. Rio que êle poderia cantar como cantou Macáu:

Cidade nobre, que se prisma
Entre miragens e painéis marinhos! (71)

Sim, porque se apresenta Macáu o belo e atraente fenômeno das miragens — ilusões de ótica resultante da prismação das camadas atmosféricas diversamente densas por diversamente aquecidas — oferece o Rio de Janeiro, como grande centro econômico, político e cultural, miragens de outra ordem, mas não menos atraente. Seduzido por uma delas veio tentar a vida, aqui, nosso poeta; desfeita, porém, em breve tempo, a miragem, retornou ao pátrio ninho — “ninho embalado no rumor da brisa” (71). E êsse ninho, senhores, construído pelas musas na alvura do sal nordestino é, já agora, a poesia de Edinor Avelino, ave que paira sôbre o mar da vida, gaiota serena a librar-se no azul e a conduzir-nos, embevecidos, no país do sonho e do encantamento.

Honra lhe seja!

Referências:

- 1) Os números arábicos, entre parêntesis, indicam as pags. de “Sínteses”, poesias de Edinor Avelino, editora Pongetti, Rio, 1968.
- 2) Os algarismos romanos, entre parêntesis, têm as seguintes indicações:
 - I) Olavo Bilac, 8.^a estrofe do poema “Profissão de Fé”.
 - II) Johnson Burges (1877-1955), poeta norte-americano, autor de “Rimas”, “Baladas” e “Dicionário de rimas”.
 - III) Do soneto “A Palmeira”.
 - IV) Augusto dos Anjos, poema “Monólogo de uma sombra”.
 - V) Augusto dos Anjos, do soneto “Psicologia de um vencido”
 - VI) José Maranhão Sobrinho (1883-1915) terceto final do soneto “O Mar”.
 - VII) “Os países inexistentes” pag. 45 (Ed. do A., 1941).
 - VIII) Cruz e Souza, “Tuberculosa”, 6.^a estrofe.
 - IX) Augusto dos Anjos, “Os doentes”, 5.^a estrofe.
 - X) Antônio Nobre, “Pobre Tísica”, 1.^a e 8.^a estrofes.
 - XI) “Outono”, quadra final.
 - XII) Do soneto “Mundo interior”, 1.^o quarteto.

- XIII) "Macáú na poesia de Edinor Avelino", Pongetti, 1967.
- XIV) Augusto dos Anjos, " A Dança da Psiquê, soneto.
- XV) Augusto dos Anjos, "As Cismas do Destino", 1.^a estrofe da 3.^a parte.
- XVI) Augusto dos Anjos, "Soneto", assim começado.
- XVII) Augusto dos Anjos, "Poema Negro", apud 5.^a e 6.^a estrofes.
- XVIII) Augusto dos Anjos, "Monólogo de uma sombra".
- XIX) Salvador de Mendonça 1841-1913), 2.^o quarteto do 1.^o soneto da série "O último Pôrto", de 1912.

Conferência proferida no Centro Norte-Riograndense, do Rio de Janeiro, a 17 - 7 - 1968, 70.^o aniversário do poeta.

O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

M. Rodrigues de Melo

I



O censo de 1920 dava a Natal uma população de 30.696 habitantes. A cidade dividia-se praticamente em dois bairros: *Cidade Alta e Ribeira*.

O primeiro era o bairro residencial por excelência, convizinhando com o Palácio do Govêrno, com a Igreja da Apresentação, com o prédio da Prefeitura, com a Igreja do Galo, com o sobrado da Delegacia Fiscal, com a Igreja do Rosário, com o Mercado Público, com o Ateneu, com o Quartel do 29.º Batalhão de Caçadores, com o Colégio Santo Antônio, com o Palácio do Bispaço, com o Colégio da Conceição, com o Café Majestic, com o Instituto Histórico, com o Grande Ponto, com o Natal Clube.

O segundo era o bairro do comércio em grosso e a varejo, onde ficavam o Banco do Brasil, o Banco do Natal, a Estação da Great Western, a Estação da Central, o Cais do Pôrto, o Hotel Internacional, a Igreja do Bom Jesus, o Teatro Carlos Gomes, a Escola Doméstica, o Colégio Pedro II, a Prensa de Wharton Pedroza, o Café Cova da Onça, a Livraria Fortunato Aranha.

A Cidade Nova, constituída de Tirol-Petrópolis, estava ainda iniciando os primeiros passos incertos e tateantes.

Alecrim e Rocas, por sua vez, eram duas esperanças promissoras.

O ensino público e particular fazia-se através do Ateneu Norte-Riograndense, do Colégio Santo Antônio e do Colégio Pedro II, para meninos e rapazes, enquanto o sexo feminino era encaminhado para o Colégio da Imaculada, para a Escola Normal e para a Escola Doméstica.

O ensino profissional era ministrado a moças e rapazes em estabelecimentos separados: Escola Feminina de Comércio e Escola de Comércio de Natal.

Naquela época, só o Ateneu e o Colégio Pedro II, admitiam a coeducação dos sexos, proibida nos demais colégios da capital

No plano intelectual pròpriamente dito, salientavam-se o Instituto Histórico, responsável pelos estudos de pesquisa histórica e geográfica, o Centro Polimático, interessado nos estudos de literatura e cultura geral, além de grande número de entidades de fins literários e recreativos, cultivando a poesia, a prosa e o teatro amadorista.

Capital do Estado, cabeça de govêrno, sede de Bis-pado, instância de Justiça Superior, Natal não perderia facilmente as suas características de cidade provinciana, amando a paz, a vida tranqüila de burgo que não tinha pressa para atingir os seus fins.

Os governadores, uma vez eleitos, passavam a residir na Vila Cincinato, arredada do centro, algumas braças, na linha de Petrópolis.

No período de 1920 a 1930 tivemos um governador e dois presidentes, por sinal homens de letras, jornalistas, escritores: Antônio José de Melo e Sousa, José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine de Faria.

As fontes de renda do Estado eram as mesmas de sempre: gado, algodão, sal, cêra de carnauba e cana de açúcar. Indústria, não existia. A cidade, não obstante, já possuía água, luz, bonde elétrico e calçamento.

A população distribuía-se, profissionalmente, entre as classes de funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais, pequenos artesãos, comerciários, cabeceiros de rua, gazeteiros, livreiros em número reduzido.

As forças armadas eram representadas pelo 29.º Batalhão de Caçadores, Batalhão de Segurança, Esquadrão de Cavalaria, Escola de Aprendizes Marinheiros e Tiro de Guerra.

Estabelecimentos de crédito, só contávamos com o Banco do Brasil, Banco do Natal e Caixa Rural e Operária de Natal.

O quadro da imprensa local estava assim constituído: *A República*, órgão oficial do Estado; *A Imprensa*, de propriedade do Coronel Francisco Cascardo e o *Diário de Natal*, órgão do Centro da Imprensa Católica.

Além desses jornais, considerados os mais importantes da cidade, circulavam ainda *A Opinião*, de Antônio Alves; *A Palavra*, da Congregação Mariana de Moços; *Fé e Luz*, do Padre João da Mata Paiva; *Jornal da Noite*, de Cussy Júnior; *A Notícia*, de Anfilóquio Câmara; *Terra Natal*, de Pedro Lopes Júnior; *O Imparcial*, de Joaquim de Fontes Galvão; *Letras Novas*, de Luís Tôrres; *Jornal do Comércio*, de Manoel Onofre de Andrade; *Cigarra*, de Aderbal de França;

O *Estado*, de Pedro Militão, além de outros de esporádica aparição, que mantinham o clima da pilhéria, de riso, da zombaria, do bom humor, em versalhada e prosa da mais dissolvida liberdade.

Isto, na capital do Estado.

No interior, podemos registrar os seguintes: *A Cidade*, *Jornal do Sertão*, *O Município*, *O Lábaro*, *Diário do Centenário*, *O Convescote*, *Seu Nicolau*, *O Paládio*, *O Alfinete*, *O Bentivi*, *O Beija-Flôr*, *O Município do Assu*, *Poliantéia*, *O Labor*, no Assu; *O Mossoroense*, *Correio do Povo*, *O Nordeste*, *A Escola*, *O Colegial*, *O Humaitá*, *O Náutico*, *14 de Setembro*, *Diocese de Mossoró*, *A B C*, em Mossoró; *Jornal do Seridó*, *O Seridoense*, *O Binóculo*, *Jornal das Moças*, em Caicó; *A Juventude*, *A Quinzena*, *Ninho das Letras*, *O Progresso*, *O Porvir*, em Currais Novos; *O Correio do Sertão*, *O Parelhense*, em Parelhas; *O Parafuso*, em Jardim do Seridó; *O Cabugi*, em Lages; *O Cabugí*, em Angicos; *o Pirilampo*, em Sacramento; *A Lanterna*, em Independência; *Luz da Juventude*, em Martins; *O Democrata*, em Nova Cruz; *O Natal*, *O Nôvenário*, em Santana do Matos; *A Época*, em Areia Branca; *O Arauto*, em Ceará-Mirim; *A Palavra*, em Macaíba. (*)

Esse período da vida brasileira e norte-riograndense foi, sem dúvida, um dos mais intensos e agitados.

O aparecimento do automóvel, do rádio, do avião, a epopéia de Copacabana, o Centenário da Independência do Brasil, a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, os discursos de Graça Aranha, as conferências de Marinetti, no Rio e São Paulo, o levante da Coluna Prestes, a Caravana Democrática, a Guerra de Princesa e por fim a Revolução de 1930, tudo isso constituía o quadro geral em que se debatia o País, no período de 1920 a 1930.

Esses acontecimentos repercutiam nos Estados, acordando os apáticos, despertando os indiferentes, sensibilizando as populações, que viam tudo através de lentes de aumento, nem sempre exatas e concretas.

No Rio Grande do Norte, além daquêles acontecimentos, poder-se-ia acrescentar o ataque de Lampeão a Mossoró, o movimento feminista, a questão maçônica, a morte de Chico Pereira, o tiroteio da Caravana Democrática, a luta entre a oposição e o governo, a criação da Escola de Pilotagem, o atraso do funcionalismo público, afóra outros de so-menos importância.

Foi nêsse clima que surgiu o movimento modernista no Rio Grande do Norte.

Os meios de comunicação — jornais e revistas — únicos existentes, estavam todos em mãos de remanescentes da velha escola parnasiana, escravizados à rima, à “chave de ouro” e outros europeís do romantismo.

Por tôda parte lavrava o caos, a indistinção, o espírito de revolta, de reforma. Os grupos se organizavam e desfazi-am com a mesma pressa com que se mudava de camisa.

Futurismo, Modernismo, Pau-Brasil, Verde-Amarelismo eram as senhas com que os turiferários do movimento acenavam para os intelectuais de todo o Brasil.

O Rio Grande do Norte que respondera presente a todos os movimentos literários do passado-arcadismo, simbolismo, gongorismo, indianismo, naturalismo, realismo, romantismo, parnasianismo — não poderia ficar indiferente a um movimento que acima de questões de técnica e artesanato tinha por base a descoberta da própria alma do Brasil.

E não ficou de duas maneiras: combatendo e aplaudindo ao mesmo tempo o modernismo.

A sua elite intelectual estava tôda comprometida com as escolas anteriores, não só no campo social, político, filosófico, religioso, mas, sobretudo, no domínio das artes e das letras.

O ceticismo de uns, o naturalismo de outros, somados ao conservantismo da maioria, enfeitçada pela forma, pelo ritmo, pela rima, pela cadência, nem sempre bem sonante, do verso estilizado e sem idéia, constituíam o maior impe-

cilho a um reexame da questão, já não dizemos em forma de adesão, mas, ao menos em sentido de compreensão e simpatia.

Que nomes tinham os representantes dessa elite intelectual?

Na capital, eram Henrique Castruciano, Sebastião Fernandes, Homem de Siqueira, Antônio Soares, Otoniel Menezes, Palmira Wanderley, Bezerra Júnior, Carolina Wanderley, Francisco Palma, Ivo Filho, Nascimento Fernandes, Ezequiel Wanderley, Jorge Fernandes, José Janini, Jaime Wanderley, Luís Patriota, Virgílio Trindade, Josué Silva, João Estévão, todos ainda vivos, naquêlê período, em pleno vigor da sua experiência poética, militando na imprensa, com possibilidade, portanto, de atender ao chamamento daquela hora, sem dúvida decisiva para os destinos da poesia e da literatura norte-riograndense.

Isto na poesia. E na prosa? A mesma indiferença, o mesmo comodismo, a mesma preguiça mental, a mesma displicência, o mesmo ar de abstração, em face dos problemas regionais e universais.

Poetas e ensaistas do vigor de um Henrique Castruciano teriam feito milagres com a cultura e a vocação que lhes eram peculiares.

Poetas e ensaistas do estôfo de um Otoniel Menezes teriam revolucionado os meios literários locais, levando além fronteiras o nome do Rio Grande do Norte e dos seus intelectuais.

Isto para só falar nos dois maiores estetas da revolução literária em nosso meio.

E os outros, Antônio de Sousa, João Batista do Nascimento, Dioclécio Duarte, Eloy de Sousa, Alberto Roselli, José Ferreira de Sousa, Cristóvão Dantas, Antônio Bento, Francisco Sobral, Adauto Câmara, Luís da Câmara Cascudo, Oscar Wanderley, Cussy Júnior, Pedro Lopes Júnior, Reis Lisboa, Edgar Barbosa, Nunes Pereira, João da Mata Paiva,

Bruno Pereira, Luís Monte, Paulo Herôncio, Luís Wanderley, Severino Ramalho, Stela Gonçalves, Otacílio Alecrim, Nile Pereira, Afonso Bezerra, Antônio Fernandes, Francisco Véras Bezerra, Luís Tôrres, João Maria Furtado, Miguel Seabra Fagundes, Renato Dantas, Raimundo Macedo, todos contemporâneos do modernismo, que fizeram, igualmente senhores da imprensa, na prosa, na poesia e na crítica literária?

Esboçada a situação da capital e do interior, em face dos meios de divulgação do pensamento, vale a pena perguntar, o que fizeram os poetas e prosadores mediterrâneos, diante do fenômeno modernista que explodia na Europa e avassalava o país de norte a sul?

Lá estavam Palmério Filho, Pedro Amorim, João Celso Filho, Adalberto Amorim, Francisco Amorim, Otávio Amorim e muitos outros, no Assu; Pedro Paulino, Vivaldo Pereira, Mariano Coelho, Tomás Salustino, Tristão Barros, Gilberto Pinheiro, Olívia Melo, Sinhá Coelho, Manoel Vitorino, Pedro Pereira, Ulisses Maranhão, Baldômero Chacon, Everton Cortês e alguns outros, em Currais Novos; José Martins de Vasconcelos, José Otávio, Lauro Escóssia, além de outros em Mossoró; Edinor Avelino, Eduardo Pacheco, Olda Avelino, Dulce Avelino e Luís Xavier da Costa, em Macau; Lauro Gó's, em Independência; Macedo Filho, Oscar Macedo e Raul Macedo, em Santana do Matos; Antônio Bezerra, Joel Oliveira e Abílio César, em Acari: Adele de Oliveira, Oliveira Júnior e alguns outros, em Ceará-Mirim; José Gurgel, Inácio Vale Sobrinho, Pedro Militão, Janúncio Nóbrega, Pereira da Nóbrega, Hugo Maia e alguns mais em Caicó; Heráclio Pires e Antídio de Azevedo, em Jardim do Seridó; Ageu de Castro e Lupércio Lobato, em Parelhas; Jonas Gurgel e Josué de Oliveira, em Caraúbas; todos militando na imprensa, fazendo verso e ensaiando o jornalismo político no interior.

Que fizeram êsses intelectuais da capital e do interior em face da revolução modernista que se espraiava por todo o país numa fúria iconoclasta de destruição de todos os ídolos e de todos os tabus?

É o que veremos no decorrer dêste ensaio.

II

Pelos dados acima, verifica-se que o Estado estava preparado, material e intelectualmente, para participar da revolução modernista, já pela quantidade de jornais e revistas espalhados na capital e no interior, já pelas figuras de homens de letras que detinham, nas mãos, os órgãos de divulgação e de expansão do pensamento.

Os homens de jornal eram, na sua maioria, formados em direito e medicina, exceção feita aos jornalistas do interior que se distribuíam entre as profissões de comerciantes, agricultores, professores, farmacêuticos, bachareis em direito, promotores públicos, padres, médicos, empregados no comércio e funcionários públicos.

Havia em tudo isso uma compensação, é que o ensino público e particular vinha sendo disseminado vantajosamente por tôda parte, através dos grupos escolares e das escolas particulares.

Os três últimos governantes — Antônio José de Melo e Sousa, José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamar-tine de Faria — haviam se destacado, no Estado, sobretudo pela ação disseminadora do ensino, fundando Escolas Normais, Grupos Escolares e renovando os processos do jornalismo oficial.

Afastamos nêsse particular qualquer dúvida a respeito do estado intelectual da população, já pelo número expressivo de doutores à frente da imprensa local, já pela vasta rede de escolas distribuída na capital e no interior.

Vejamos, pois, as causas e os efeitos da pasmaceira dos intelectuais norte-riograndenses, em face da revolução modernista que teve por palco principalmente as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Fortaleza, Belém do Pará, Pôrto Alegre, sem falar nos pruridos renovadores que avassalavam todos os Estado da Federação.

III

A Semana de Arte Moderna, em São Paulo, realizou-se no período de 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, como bem salientou Afrânio Coutinho, na *Introdução à Literatura no Brasil*, Livraria São José, Rio, 1964, 2.^a edição, pg. 263.

Tinha por escopo reexaminar os padrões de arte e de cultura vigorantes no país e aproximá-los o mais possível dos modelos estabelecidos nas mais adiantadas nações da Europa e da América, sem fugir às realidades brasileiras, exigindo acuidade e penetração na decifração do enigma predominantemente americano e brasileiro, no campo da arte e da literatura, infelizmente posto à margem por tôdas as escolas anteriores de exportação.

Essa posição, se bem que aceita por todos os grupos de vanguarda de norte a sul do país, não poderia ser tomada em bloco, como não foi, em face das implicações de ordem social, política e filosófica, que o movimento parecia encarnar sobretudo pela ação primitivista que alguns setores pretendiam impor aos modernistas de todo o país.

Dêse fato decorre, sem dúvida, a divisão do movimento em vários grupos, mantendo, embora, a vinculação brasileira, expressa nos nomes das publicações que se tornaram arauto e bandeira modernista em todo o território nacional.

Êsses grupos ficaram desde logo conhecidos pelos nomes gerais de *Futurismo*, lançado por *Marinetti*, e *Moder-nismo*, pregado em contra-posição ao *futurismo*, pelos grupos paulista e carioca, que depois se dividiram em vários sub grupos, como *Pau-Brasil*, *Verde Amarelismo*, *Anta*, obedecendo sempre às colorações regionais expressas nos títulos das suas publicações, assim distribuídas, por todo o Brasil: — *Klaxon*, São Paulo, 1922; *Estética*, Rio de Janeiro, 1924; *Terra Roxa e Outras Terras*, São Paulo, 1926; *Revista de Antropofagia*, São Paulo, 1928; *Papel e Tinta*, 1920, São Paulo; *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 1925-1926; *Festa*, Rio de

Janeiro, 1927-1929; *Movimento*, Rio de Janeiro, 1928-1930, depois *Movimento Brasileiro*; *A Revista*, Belo Horizonte, 1925; *Verde*, Cataguases, 1928; *Elétrica*, Itanhandu, 1928-1929; *Novíssima*, São Paulo, 1926; *Arco e Flexa*, Bahia, 1928; *Mara-cajá*, Fortaleza, 1929; *Madrugada*, Pôrto Alegre, 1929 e outras. (Vêr *Introdução à Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, Livraria São José, Rio, 1964, pg. 264, 2.^a edição).

A êsse número, poderíamos acrescentar ainda, *Era Nova*, Paraíba, 1926.

Feito o balanço das publicações modernistas, em todo o país, no período de 1922 a 1930, vejamos agora o papel do Rio Grande do Norte, no movimento modernista, de 1920 a 1930.

IV

Vimos que a capital e o interior, quer pelo número de intelectuais militantes na imprensa, quer pela quantidade expressiva de jornais, circulando em todo o Estado, estavam aparelhados para participar do movimento modernista, sem desdouro para a nossa cultura e para os foros de civilização de que gosávamos perante os demais Estados da Federação Brasileira.

E o que vimos?

De 1922 a 1924, nada absolutamente nada foi publicado nos jornais da capital e do interior, que denotasse interesse pelo movimento provocado no sul pela Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

É possível que as festas do primeiro centenário da Independência do Brasil, realizadas com pompa em todo o território nacional, para as quais foram mobilizados os intelectuais, (e entre nós houve tôda uma semana dedicada aos poetas e prosadores desaparecidos) tivessem tirado o efeito da propaganda renovadora que se iniciou em fevereiro de 1922, sem nenhuma repercussão nos Estados do Nordeste Brasileiro.

Evidentemente, as festas do primeiro centenário da Independência alcançaram em todo o país e especialmente no Rio Grande do Norte, tal repercussão, que ninguém se lembrou de pensar em outra coisa, que não fôsse não Pátria, nos feitos dos nossos heróis, no valor dos nossos antepassados, no muito que fizemos no decorrer de um século, libertos do jugo de Portugal.

O Estado, então sob a direção de um escritor, Antônio José de Melo e Sousa, deu tal ênfase às festas comemorativas do primeiro centenário da Independência, mobilizando o povo, nas suas expressões mais puras e genuínas, de arte, cultura, patriotismo, que ninguém se lembrou de pensar ou mesmo proferir qualquer palavra que denotasse simpatia ou desprezo pelo modernismo.

E nem porisso deixou de ser um ato de fé modernista, nas festas que realizou, no monumento que inaugurou, nos discursos que proferiu, inspirado no passado, construindo o presente e plantando a semente de um Brasil Novo que surgiria para o futuro.

Foi, sem dúvida, Antônio de Sousa, o primeiro modernista do Rio Grande do Norte.

Todo o Rio Grande do Norte foi mobilizado para as festas do primeiro centenário da Independência do Brasil, na clássica expressão do Historiador —: *Clero, Nobreza e Povo*.

.....

Sòmente um novo ato, um novo gesto, desta vez partido de um homem com áres de profeta, empolgado pela visão da esfinge modernista, José Pereira de Graça Aranha, em 1924, viria sacudir os nervos dos intelectuais norte-riograndenses, impondo uma atitude contra ou favor do movimento modernista.

Continúa

* O número de jornais e revistas publicadas no Estado, de 1920 a 1930, era maior do que se poderá pensar. Damos, a seguir, uma relação compreendendo a capital e o interior, pertencente ao nosso arquivo particular.

- * **NATAL:** — *A República*, 1889-1960; *A Imprensa*, 1914-1927; *O Garoto* 1917-1923; *A Educação*, 1918-1923; *A Opinião*, 1919-1923; *Boletim de Instrução* 1918-1925; *Boletim de Natal*, 1919-1921; *Fé e Luz*, 1919-1922; *Fon-Fon*, 1920; *O Bandeirante*, 1920; *Atualidade*, 1920; *A Pua*, 1920; *Natal Desportivo* 1920-1921; *Revista do Centro Polimático*, 1920-1923; *Natal-Jornal*, 1919-1921; *O Serrote*, 1921; *O Leme*, 1921; *Augusto Leite*, 1921; *A Catedral*, 1921; *O Cipó*, 1921; *A Palavra*, 1921-1924; *A Notícia*, 1921-1926; *O Saca-Trapo*, 1922; *Terra Natal*, 1922-1924; *O Papa-Figo*, 1922-1923; *A Luneta*, 1922; *O Labor*, 1922-1926; *O Aviso*, 1923; *Jornal do Norte*, 1923-1924; *Don Fuas*, 1923; *A Idéia*, 1923; *O Rebate*, 1923; *O Bacurau*, 1923; *O Trovador Potiguar*, 1923; *O Chic*, 1923; *O Combate*, 1923; *Associação de Professores*, 1923; *Associação Comercial*, 1923; *Pedagogium*, 1923-1926; *Diário Oficial*, 1924; *Folha do Povo*, 1924-1928; *Diário de Natal*, 1924-1932; *Bataclan*, 1925; *Jornal da Noite*, 1925-1926; *Letras Novas*, 1925; *Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos*, 1925; *Sempre Alerta*, 1925; *A Tarde*, 1925; *A Zona*, 1925-1928; *Homenagem Póstuma*, 1925; *Boletim Estatístico*, 1925; *A Escola Doméstica*, 1925; *Jornal do Comércio*, 1926; *O Imparcial*, 1926; *O Trovador*, 1927-1929; *O Estudante*, 1927-1931; *O Riso*, 1927-1931; *O Zé Pereira*, 1928-1940; *O Estado*, 1928-1930; *Cigarra*, 1928-1929; *O Farol*, 1928-1929; *O Comerciarío*, 1928-1929; *Potengi*, 1929-1930; *O Lar*, 1928-1929; *O Bloco*, 1930; *O Laço*, 1930-1937; *O Momento*, 1930; *A Palavra*, 1930-1932; *A Pilhéria*, 1930; *Correio das Moças*, 1930. **ASSU:** — *A Cidade*, 1901-1930; *O Município*, 1919-1920; *A Tribuna*, 1920-1923; *O Lábaro*, 1921-1923; *Diário do Centenário*, 1922; *O Convescote*, 1923; *Seu Nicolau*, 1923; *Paládio*, 1925-1927; *Atualidade*, 1925; *O Bontivi*, 1927-1929; *O Alfinete*, 1927; *Jornal do Sertão*, 1928-1930; *A Flexa*, 1928; *O Gavião*, 1928; *A Verdade*, 1929; *O Beija-Flor*, 1929; *O Gato*, 1929-1930; *O Labor*, 1930-1932; *1.º de Maio*, 1930; *Polianteia*, 1930; *O Município do Assu*, 1930-1932. **CAICÓ:** — *O Seridoense*, 1914-1927; *O Binóculo*, 1916-1927; *A Educadora Caicoense*, 1923; *Jornal das Moças*, 1926; *Jornal do Seridó*, 1927-1929; *Jornal do Caicó*, 1930-1932. **JARDIM DO SERIDÓ:** — *O Município*, 1917-1920; *O Parafuso*, 1920; *Jornal da Festa*, 1920. **CURRAIS-NOVOS:** — *O Progresso*; *A Juventude*, 1924; *A Quinzena*, 1924; *Ninho das Letras*, 1925-1927; *O Porvir*, 1926-1929. **ACARI:** — *O Acari*, 1928-1932. **PARELHAS:** — *O Correio do Sertão*, 1922; *O Parelhense*, 1922-1927. **SANTANA DO MATOS:** — *O Democrata*, 1916-1920; *O Novenário*, 1926; *O Natal*, 1928. **CEARÁ-MIRIM:** — *O Arauto*, 1923-1925. **MACAU:** — *O Imparcial*, 1918; *O Profeta*, 1920; *Jornal-Macau*, 1920; *O Ferrão* 1921; *A Tampa*, 1921; *Macau-Jornal*, 1921; *Centenário*, 1922; *A Tribuna*, 1923; *Jornal de Macau*, 1923; *Jornal Sportivo*, 1923; *A Notícia*, 1928; *A Salinésia*, 1930. **MOSSORÓ:** — *O Mossoroense*, 1872-1960; *O Nordeste*, 1916-1934; *O Lábaro*, 1920; *Foot-Ball-Jornal*, 1921; *O Trabalho*, 1922-1927; *ABC*, 1922-1923; *O Cometa*, 1922; *A Escola*, 1924; *O Colegial*, 1925; *A Diocese de Mossoró*, 1925-1926; *A Palavra*, 1926; *Correio do Povo*, 1926-1934; *A Vanguarda*,

1925-1927; Mossoró-Jornal, 1927; O Humaitá, 1928; O Náutico, 1928; 14 de Setembro, 1928; O Riso, 1928-1929; O Festeiro, 1928-1929; A Colmeia, 1930; O Palito, 1930. O Comércio, data não identificada. LAGES: — Lages-Jornal, 1926; O Cabugí, 1925-1926. ANGICOS: — O Cabugí, 1929-1930; INDEPENDÊNCIA: — A Lanterna, 1928. SACRAMENTO: — O Pirilampo, 1929. AREIA BRANCA: — A Época, 1920-1923; A Tesoura, 1922-1923. MACAÍBA: — O Ensaio, 1925-1926. NOVA CRUZ: — O Democrata, 1925. MARTINS: — Luz da Juventude, 1930-1931; O Martinense, 1928.

**OUTRAS FONTES PARA O ESTUDO DO MODERNISMO NO
RIO GRANDE DO NORTE:**

- Livro de Poemas — Jorge Fernandes — 1927 — Natal
 Depoimento sôbre Jorge Fernandes — Luís da Câmara Cascudo —
 1927 — Natal
 O “caso” Jorge Fernandes — M. Rodrigues de Melo — Nordeste —
 1940 — Natal
 Jorge Fernandes (Precursor do Modernismo no Brasil) Veríssimo de
 Melo — Bando — 1949 — Natal
 Qual o Precursor do Modernismo no Brasil? — Basílio de Magalhães
 — Bando — 1950 — Natal
 Dois Poetas do Nordeste — Veríssimo de Melo
 Natal do Meu Tempo — João de Amorim Guimarães — 1952 — Natal
 Panorama da Poesia Norte-Riograndense — Rômulo Chaves Wander-
 ley — Edições de Val Ltda., 1965.

PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA *

José Melquíades

Senhores Acadêmicos: — Não sabemos por onde começar o nosso discurso. Grande foi a vossa generosidade em nos receberdes neste augusto sodalício. Maior ainda a honraria que nos conferistes. Ignoramos o que fizemos para merecer a vossa confiança. Afirmamos, no entanto, que o nosso panorama interno se renova. Nossa crença se reanima resurgindo do próprio ceticismo, êsse virus psicológico que nos desalenta ante as convenções do mundo empírico. A fé se recupera da tibieza. Conforta-nos o vosso amor às sutilezas do espírito. A vossa dedicação aos temas sérios, que transformam a vida no apanágio dos sábios, é confôrto, recompensa, estímulo. Contudo, é cêdo, ainda, para definir o nosso comportamento diante de tantos homens cultos e ilustres. Humildemente ingressamos nesta Academia, guiados pela mão segura e firme de Veríssimo de Melo, nosso inestimável amigo.

A palavra Academia recorda-nos o Jardim de Olivas de Acadême, retiro solene e grave onde Platão meditava à sombra dos frondosos carvalhos. Escola sublime e sutil, alicerce da filosofia escolástica, situada na parte norte dos arredores de Atenas, a primeira Academia da velha Grécia irradiou sabedoria ao mundo inteiro. Daquele recanto pitoresco e bucólico saíram a República e a Utopia que tanto influenciaram teólogos e filósofos cristãos até os fins do século XIII. Do ano 387 antes de Cristo ao de 529 de nossa era exerceu forte influência no pensamento helênico e nas idéias ocidentais. Tendo adquirido nova forma ao tempo de Cícero, coube a Justiniano o demérito de extingui-la sob o pretexto de sociedade pagã. Mas, a semente foi atirada em terra sáfara e frutificou. Academia, segundo a concepção moderna, atinge o conceito de Sociedade Literária ou Corporação Intelectual, devotada ao culto das musas, onde se veneram as artes, as ciências, a história, a literatura, a filosofia. Como fonte de erudição, a primeira no gênero floresceu em Alexandria, no alvorecer do Século III, sob o protetorado dos Ptolomeus. Na França, aparece em Toulouse pelos idos de 1324. Durante a Renascença agrupam-se na Itália na melhor das concepções. A Academia Pontaliana, de Florença, fundada por Antoni Beccadelli, decorada por Lorenzo Valla, honrou as letras e as artes. Maior fama alcançou a Academia Platônica, de Cósimo de Medici (1442) da qual participou Nicolo Machiavelli. Congregando homens de pensamento, cultores dos livros, beletristas, as Academias foram se multiplicando nos diversos países civilizados. Áustria, Bélgica, Dinamarca. França, Inglaterra, Rússia, Alemanha, Portugal, Brasil. Um desejo incontrolável dentro do sentimento de agremiação.

Em Natal, a Academia que nos recepciona hoje nasceu na mente de um grupo idealista, sob o signo da inteligência, “numa ânsia de luz”, no dizer do então Mons. José Adelino, voltada para a luz, pela indicação do lema em latim que lhe moldou o saudoso Con. Luís Monte; ou “buscando a luz”, segundo a interpretação do mesmo Mons. Adelino — Ad

lucem versus. Estuante de humanismo, a Academia Norteriograndense de Letras conquistou as suas glórias. E a glória não é uma insônia dos mortos como pensava Abel Bonnard. É antes uma vigília dos vivos. Três décadas gloriosas já comemorou êste augusto templo, uma delas sob a presidência dêsse valoroso confrade, o qual possui a mesma fibra de um Cósimo de Medici, o mesmo ideal de um Antoine de Baif, a mesma disposição e o mesmo desprendimento de um Machado de Assis cujo nome é Manuel Rodrigues de Melo. Por tudo isso nos sentiremos honrados em conviver com os homens que representam a cultura dêste Estado, velhos e novos, figuras marcantes da intelectualidade da terra, responsáveis pela continuidade do pensamento acadêmico. Aqui estamos entre os vossos penates. Se entramos certo ou errado, o defeito não é vosso nem nosso. Seria um fenômeno histórico e só a história se encarregará das corrigendas. Trataremos de desincumbir-nos da missão sublime que nos confiastes, honrando a memória do nosso patrono, o saudoso Senador do Império, Padre Francisco de Brito Guerra.

A FIGURA HUMANA DO SERIDOENSE

Nasceu Francisco de Brito Guerra a 18 de abril de 1777, na fazenda "Jatobá", município de Campo Grande, hoje Augusto Severo. Naquele ano Alvarenga Peixoto encenava na Capital do Império, seu drama em verso "Enéias no Lácio". O Brasil era governado pelo Marquês do Lavradio. Administravam Natal o Vereador Manuel de Souza Nunes e o Comandante de Tropas José Batista Freire. Naquele ano o sertão fôra rudemente marcado pelo flagelo de enorme sêca. Em Vitória do Espírito Santo, um ligeiro tremor de terra deixava em pânico todos os seus habitantes. Brito Guerra batizou-se em Campo Grande e ainda criança foi levado para o Açu, onde iniciou seus estudos de primeiras letras com o Padre Luís Pimenta de Santana.

Eram seus pais o paraibano Manuel da Anunciação Lira e a seridoense Ana Figueiredo de Jesus. O menino Francisco começou a mudar os seus primeiros passos no ambiente saudável da fazenda sertaneja entre o trinado dos pássaros e o mugido do gado. Viveu vida pacífica na paisagem bucólica. O sertão, nesse tempo era rude e grosseiro. Não havia estradas, rareavam as povoações, abundavam as matas. O asno era o jeep da época e as tropas de muares faziam o trabalho nos caminhões. De manhã cedo, a madrugada do sertanejo diligente, encenava-se o espetáculo da desmama: o galo que trina, anunciando a aurora rutilante, a rez que muge inquieta nos currais; o cão que ladra, a criança que vem beber o leite quente, fresco, espumante e cru, fonte de vida sugado por mãos hábeis ao peito da vaca mansa. O homem que se acostumou àquela vida e passou a sua meninice naquela mansuetude, jamais se acostumaria à movimentação febril e pragmática das cidades barulhentas. Daí o mesmo Guerra, mais tarde, regressando ao Seridó de uma viagem ao Rio de Janeiro, abraçou-se instintivamente com o primeiro vaqueiro que encontrou em seu caminho, exclamando saudosamente: abraço o homem do sertão. À tardinha, o gado leiteiro é arrebanhado ao curral pelo vaqueiro solitário, o qual entoia o nostálgico aboió, êsse canto dolente, arrastado, pungente quando entoado ao pôr do sol. O sino da capelinha distante e deserta plange as Ave-Marias, obrigando o mesmo vaqueiro a silenciar e persignar-se alteando o pensamento a Deus, esquecendo a manada por alguns segundos, arrebatado num êxtase místico, donde torna mais confortado, mais revigorado, confiante, esperançoso, alentado pela fé.

A paisagem sertaneja com que o futuro sacerdote travou conhecimento destacava-se pelas baixas colinas rochosas, tabuleiros ondulados e pedregosos. No verão, os rios mostram a areia branca, pontilhada de cacimbas. O álveo do rio sêco ostenta as estreitas faixas aluvianas, alongando-se por léguas. Quando há poço, o banho é bastante concorrido e agradável, devido às moitas frescas e umbrosas que ornaram

as margens. Lá inspirou-se o poeta cabloco com a estrofe: forma ali aquela tua, aquêlo bando de moça tomando banho de cuia. Há mesmo uma tradição oral, que colhi dos lábios dos mais velhos afirmando que as irmãs de Brito Guerra eram conhecidas “pelas moças do poço”, porque costumavam banhar-se num poço grande que havia no rio, muito abaixo da casa de morada. A noite sertaneja se reveste de rara beleza tropical. A poesia do sol que flameja no poente é o que se poderia chamar a aurora boreal nordestina. O luar do sertão, que prateia a serra, branqueja a várzea e argenteia o bosque é de doce sabor místico: encanta, fascina, inebria. No inverno o panorama se transforma. Os rios rolam mais ou menos caudalosos e intransponíveis. O campo se cobre de um manto atrativo e viridente. O ar rescende agradável perfume silvestre. O clima é fresco, ameno, acolhedor. Entre as aves, abundam o congris de plumagem colorida, as rôlas arrulhantes, o galo de campina, a graúna canora, o p'ntassilgo, o canário, sem esquecer a coruja agoureira, o gavião astuto e o urubu necrófilo. A juriti e a inambu irrompem das moitas rasteiras e alçam vôos atrevidos e inesperados. Na flora, aparecem a oiticica, a baraúna, o mororó, a jurema, a moita de mufumbo e o vigorante dau d'arco, que pelas suas aplicações medicinais suplantou o Pau-Brasil. De vez em vez, deparamo-nos com o espinheiro, o juazeiro e a canafístula, belo exemplar das acácias. A resina do benjoim perfuma o arvoredado, se quiserem uma frase à Alencar. Uma variedade de cardos e cactos, alteando-se o xique-xique, completa o quadro magestoso da paisagem sertaneja. A criança livre e integrada na natureza brincava de bodoque ou estilingue, a antiga pedra de funda. A pedra de funda é até bíblica e nas mãos de um enviado abate qualquer gigante. Eis o sertão do Pe. Guerra.

Mudando-se de Campo Grande para Vila Nova da Princesa (Açu) mudou também o ambiente pastoril. Ali o menino Francisco percorreu a floresta dos carnaubais, paisagem desolada de árvores sem folhas, “o domínio da colunata

profusa” ou o “império da linha reta”. Com a idade de 12 anos, o pai o leva para Pernambuco, a um lugarejo chamado Pasmado, próximo a Iguaraçu, onde Francisquinho deveria continuar os seus estudos com um tal Manuel Antônio. Naquela vila, Anunciação Lira costumava passar as rêses que levava do sertão do Rio G. do Norte para as plagas pernambucanas. Por um desses azares da sorte, ali faleceu naquele mesmo ano de 1789, vitimado pela varíola. Apesar das dificuldades motivadas pela perda do pai e pelas contingências do momento, Guerra permaneceu aos cuidados de Manuel Antônio durante considerável tempo, tirando grande proveito dos ensinamentos recebidos. Deve ter permanecido lá uns 6 a 7 anos, voltando a Campo Grande entre 1795 ou 96 já rapaz feito, beirando os 19 anos. Trazia consigo a fama de latinista. Há quem diga que logo depois de visitar sua genitora, encaminhou-se para Baturité onde regeu uma cadeira de latim enquanto esperava a abertura do Seminário de Olinda. A história do Padre Guerra está muito bem documentada na biografia que sobre êle escrevemos e que se encontra aos cuidados do Governador do Estado, Mons. Walfredo Gurgel, o qual, esperamos, tenha interêsse na publicação.

O SACERDOTE

Em 1800, quando o Bispo Azeredo Coutinho inaugurou o Seminário de Olinda, lá estava Brito Guerra matriculado na primeira turma ao lado de Basílio Quaresma Torreão e mais 131 companheiros. Contava a idade de 23 anos. À maneira de Constantino e Juliano, o prelado de Olinda gostava de ouvir falar bem de sua pessoa e logo nos primeiros meses reuniu os “colegiais” para escutar discursos e versalhadas encomiásticas. É então que Francisco de Brito Guerra escreve o seu primeiro panegírico ao bispo Coutinho, a que êle mesmo chamou de “elogio de Colegial”. Eis algumas passagens:

Confesso, meu caríssimo mestre, confesso que desde que bebo a vossa sã doutrina, e me honro com a especulação dos vossos respeitáveis preceitos, ainda não tive ocasião de temor nem motivo algum de perplexidade, como me acontece hoje, sendo-me por vós ordenado tratar das inefáveis virtudes de que se orna o Augustíssimo nome do Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nosso Exmo. Prelado.

Outro trecho:

Ele não é só Bispo, Pastor e Pai, é também General, é Ministro a que é cometida a jurisdição civil, para castigo e malícia dos que nos suscitam os males, dos que nos fazem virulência, dos que nos maquinam morte. Ele é adornado de todo o gênero de virtudes.

Esta forma solene de adulação não compromete o sacerdote futuro se imaginarmos o costume da época e se considerarmos que, nos tempos de Augusto, Plínio e Emélio ganharam fama com êste uso tão lizongeiro. Já no final do curso, que durou apenas dois anos, escreveu, dois carmens, em latim, exaltando a personalidade do antístite. No término dos estudos recitou um discurso em latim a que intitulou de *Oratio Academica*, profêrida no dia 5 de dezembro de 1801. É uma longa peça oratória em estilo pré-romântico ou arcádico, inspirado nos moldes de Quintiliano, grandemente retórico. Vejamos uma passagem:

A faculdade de falar progrediu a tal ponto e foi considerada em tanta dignidade que tentarei lembrar, antes que a macule com esta oração depretenciosa, que a enaltece com louvores. Não necessitarei referir quão grande foi a dignidade da Eloquência entre os antigos, entre os gregos, nem

seu esplendor entre os latinos. Nem necessitarei referir a quantas pessoas ela trouxe a paz; quantas guerras ela pacificou, quantos homens inocentes livrou das calúnias; e quantas cidades livrou da ruína. Finalmente quantos feitos dos heróis enalteceu para a posteridade.

Eis o que Brito Guerra considerava a eloquência, amoldada ao comportamento declamatório. Tôda a produção literária do néo-seminarista resume-se em quatro peças inseridas no *GRATIDÃO PERNAMBUCANA*, coletânea de trabalhos dos alunos do recém-inaugurado Seminário, coletânea esta publicada em Lisboa em 1808. Êste livrinho encerra 207 páginas, colaboraram 22 pessoas e das composições, 49 são de carácter laudatório, espécie de florilégio literário perfumado em incenso de turíbulo. Deixemos o livro. Vejamos os alunos do Seminário. Entre os 133 estudantes da primeira turma de 1800, sòmente 33 destinavam-se ao estado eclesiástico. Cem outros foram chamados “alunos de fora” os quais matricularam-se para curso de aperfeiçoamento ou de extensão, motivados pela fama dos religiosos vindos do Reino, trazidos pelo Bispo Coutinho. Entre os 100, destacavam-se 9 frades. No currículo foram introduzidas 10 cadeiras ocupadas na seguinte ordem: 4 regidas por sacerdotes do clero regular, 5 por eclesiásticos seculares, sòmente um grego sob a regência de um leigo — José Joaquim de Castro. Dos religiosos que acompanharam o antístite, um chamava-se Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, nosso inesquecível Miguelinho, que a êste tempo já obtivera o breve de secularização. E Miguelinho ensinou a Brito Guerra Retórica e Poética, disciplina que lhe foram confiadas ao abrir-se o Educandário. Nesta aula teve os seguintes colegas: Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães, Francisco de Paula Barros, Gonçalo Borges de Andrade, Gonçalo Bezerra de Brito, José Joaquim Xavier, Joaquim Lopes de Lima e Marcus de Araújo Costa. Êstes 8 aspiravam o sacerdócio. No entanto, 9 outros vieram

juntar-se ao grupo e assim o Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro teve 19 alunos naquêle ano. Foi nomeado Reitor o Con. José de Almeida Nobre, poeta, filólogo e latinista; vice-Reitor, o Padre José Pinto de Carvalho, ex-secretário do bispado. Ordenado sacerdote, volta Brito Guerra ao Seridó, onde celebrou sua primeira missa em Campo Grande, no dia 2 de fevereiro de 1802, num domingo do advento. Nêsse mesmo ano é nomeado vigário encomendado de Caicó. Aí começou o seu apostolado. Restam-nos poucos detalhes do seu trabalho como vigário. A documentação que lhe sobreviveu é esparsa e falha. Sabe-se que recebeu ordens sacras aos 25 anos. Concluiu os trabalhos da matriz que haviam sido iniciados em 1748. Como visitador, mandou que se reconhecessem como paroquianos os moradores ao poente do Piranhas. Fato curioso, nunca antepôs a palavra padre ao seu nome. Assinava sempre — *Francisco de Brito Guerra*.

A questão religiosa, que abolia o celibato clerical se acirrara a partir de 1828, atingindo agora seu climax. A crise aprofundava suas raízes em terreno melindroso naqueles tormentosos dias de 1831. Dividiam-se as opiniões. Uns destilavam ódio; outros sublimavam em amores para com a casa. Os reformistas baseavam seus argumentos no princípio constitucional do código civil eclesiástico, de França. O celibato, diziam, é mera lei disciplinar, não um preceito divino. Dom Romualdo de Seixas, então deputado, depois primaz da Bahia, manifestou-se intransigentemente desfavorável ao projeto. Mas o bispo de S. Paulo simpatizava com a causa. Os bispos exerciam seu munus episcopal disciplinado pela jurisdição civil. Mas o Santo Padre nomeava vigários apostólicos em sede vacante, contrariando as normas estabelecidas pelo Concílio de Trento. *A Gazeta do Brasil*, órgão de João Maria Costa, um aventureiro da imprensa, investia contra os reformistas, agredindo-os com apôdos, doestos, invectivas. Em defesa saiu a campo o jornal de Evaristo da Veiga. Da Independência à Maioridade, di-lo Calógeras, por pouco não houve

um cisma no Brasil. Eis o clima político que envolveu o seridoense. Da constituinte instalada em 1830 tomaram parte figuras marcantes da história pátria. Basta que citemos, entre outros, Diogo Antônio Feijó, Evaristo José da Veiga, Bernardo de Vasconcelos, Lino Coutinho, Holanda Cavalcanti, Gonçalves Ledo e o pai de José de Alencar. Lá estava, também, um ex-colega de Seminário que pouco ou quase nada se sobressaiu na vida pública, Pe. Miguel José Renaut o qual colaborara no Gratidão Pernambucana com uma *Oratio Finem Inponens Studiorum a Michaelis Josepho Renaut*. Não convém omitir Romualdo de Seixas, bispo da Bahia e Marquês de Santa Cruz.

Em 1810, segundo costume do tempo, viaja ao Rio de Janeiro onde tira, em concurso, a sua freguesia, passando a vigário colado. Uma das suas primeiras preocupações foi o lat.m. Assim, pois, apressou-se o bom vigário em abrir uma escola do gênero para orientar a mocidade seridoense. Dessa escola de ensinamento gratuito saíram muitos nomes de homens que vieram influenciar na vida pública, não só do R'ô G. do Norte, mas ainda do Ceará, Paraíba e Pernambuco. O Vigário Brito Guerra conservou-se zeloso e moderado, influente e estimado, entregando-se ao pastoreio e curando as almas. Por duas vezes aceitou a incumbência de visitador apostólico das Províncias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Foi agraciado com a comenda de "Cavaleiro da Ordem de Cristo". O ministério sacerdotal teria sido a satisfação de tôda a sua vida, se a teia política não o tivesse apanhado em suas malhas.

O P O L Í T I C O

Em 1830, inesperadamente, o colégio eleitoral do Seridó, votando no Açú, sufragou-o suplente de Deputado Imperial com 21 votos, tendo sido Deputado eleito José Paulino de Almeida e Albuquerque. Morto Zé Paulino, assume Padre Guerra em 1931. Naquele mesmo ano,

Edgar Allan Põe publicava seu terceiro livro de poemas dedicado ao Corpo de Cadetes, após ser expulso de W. Point. Era a Segunda Legislatura, iniciada em 1830, dissolvida em 33. A Terceira instalou-se em 1834. Ao assumir sua cadeira de deputado, a situação do Brasil e do mundo era bastante conturbada. A revolução dos *Três Dias* derrubara Carlos X. Por conta do ocorrido, muitos indivíduos exaltados no Rio, na Bahia, em Pernambuco e em S. Paulo “iluminaram suas casas, jubilados, regosijados, provocantes”. A 20 de setembro de 1830 é assassinado o jornalista João Batista Líbero Badaró deixando no ar a chama de uma frase: “morre um liberal, mas não morre a liberdade”. O impulso liberal parecia incontrollável. Dos 53 jornais circulantes no país, 42 eram liberais. Sucederam-se noites inquietantes, dias agitados, momentos de expectativa. Vieram as “Garrafadas”. Dos padres partidários de Antônio Feijó, dois deles destacavam-se pelo seu liberalismo exaltado — José Custódio Dias e José Bento Leite. Este último pedia, em regime de urgência, a criação da Guarda Nacional. Um outro Padre, Henrique de Rezende, no uso do mandato, alarmava tonitroante: “o povo está em grande susto e desasossegô”.

Respirando esta atmosfera carregada, Feijó é indicado para a Pasta da Justiça, tomando posse a 6 de julho de 1831. Brito Guerra assume sua cadeira de Deputado dentro desse clima instável que sacodia e agitava os mais longínquos rincões brasileiros. Além desses agravantes, corria na Câmara, o ruidoso projeto do Celibato Clerical, encabeçado por Diogo Antônio Feijó, dividindo o clero em duas opiniões. O Padre Guerra fez-se amigo de Feijó e afeioou-se ao projeto. Ainda bem não toma posse e ei-lo nomeado para uma comissão eclesiástica pro casamento dos padres. A comissão era composta dos seguintes sacerdotes: José Bento Ferreira de Melo, Antônio Maria Moura e Francisco de Brito Guerra. Os três apresentaram um parecer sobre o contrato matrimonial, sujeitando a causa ao julgamento dos magistrados. Desde logo começa o novo deputado a exercer

papel de influência na Câmara Baixa. Daí por diante nunca mais abandonou Feijó, continuando sempre fiel e amigo até os últimos dias. Entre os deputados do Império, Brito Guerra merece destaque, embora viva hoje esquecido. Outra providência sua: deu entrada a um projeto para a criação oficial de uma cadeira de latim em Caicó. A matéria veio a debate em julho de 1832 e foi aprovado definitivamente em agosto do mesmo ano. A íntegra do Decreto encontra-se no nosso livro biográfico, dispensando-se aqui sua leitura. Distinguiu-se ainda o deputado sertanejo na questão dos limites entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba. Um projeto de sua autoria foi discutido na sessão de 27 de setembro de 1831, vitorioso sobre os seus opositores. Reconduzido para a Legislatura de 1834-37, não concluiu o seu mandato. Vagando a cadeira de Senador, pelo falecimento de Afonso de Albuquerque Maranhão, Feijó o indica em lista triplíce para o Senado Vitalício, recomendando-o fortemente. Dos três candidatos, Guerra era o mais votado — 69 votos. Graças a influência do Regente, é escolhido para integrar aquela bancada pela carta imperial de 10 de julho de 1836. Assume no dia 12 seguinte. Na sequência de 6 senadores que o nosso Estado manteve no Senado Imperial, de 1826 até a proclamação da República, Francisco de Brito Guerra foi o único nascido no Rio Grande do Norte. Quando se instalou a primeira Assembléa Provincial de 1833, padre Guerra a presidiu e lhe escreveu o primeiro regimento. Quando o Padre Paulista voltou à Câmara Alta, elegendo-se seu Presidente pela derrota de Francisco Vilela Barbosa, contou com “o grupo mais nitidamente liberal” e com o auxílio decidido de Brito Guerra. O nosso senador foi realmente amigo do homem mais influente daquela época, o Rei Constitucional — Diogo Antônio Feijó. Isso está provado de muitos modos, inclusive pelo fragmento de sua correspondência. Em carta de S. Paulo, de 31.12.1838 informava: “Eu até hoje tenho passado bem e só em abril voltarei para o Rio com Feijó”.

A IMPRENSA NATALENSE

Sabe-se hoje que a criação da imprensa, neste Estado deve-se ao então Deputado Brito Guerra. Mas, em que circunstância? Naquele ano de sua posse, 1831, o jornalismo da fase reinol passava por considerável modificação. A imprensa brasileira havia sido iniciada com a publicação de *A Gazeta do Rio de Janeiro*, editada nos dois prelos trazidos por D. João VI. *Gazeta*, era, na época, um jornal caviloso, espécie de boletim informativo, órgão oficioso que se restringia a divulgar assuntos unicamente de interesse da Côrte. Era uma cópia do modelo francês do século XVII, onde prevalecia a vontade do soberano. A primeira *Gazeta* divulgada no Rio monarquista, como suas co-irmãs da Europa, não oferecia condições de arauto informativo, cerceava a liberdade de opinião, negava o direito de crítica. Limitava-se a vulgarizar odes e panegíricos, monografias encomiásticas aos príncipes e monarcas. Não noticiava, bajulava. Tempos depois apareceram, entre outros, a *Malagueta e o Tamoio*, investindo com certo apaixonamento, contra os abusos da Corôa. Verdade que as páginas da primeira *Gazeta* refletiam um "paraíso terrestre" em cujo centro alteava-se o Paço Real. Insurgindo-se contra as injustiças cometidas à sombra das árvores suntuosas de tal paraíso, levantaram-se os primeiros jornais de oposição. Ainda assim, a imprensa estava desordenada, insegura, claudicante. Fase inicial da descompostura grosseira. De 1808 a 1822, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça imprimia, em Londres, o *Correio Brasiliense*, firmando uma crítica sensata, combatendo despropósitos e injustiças, desmandos e arbitrariedades. Escolhera bem, o pai do jornalismo brasileiro, o local para suas severas admoestações. Ali mesmo em Londres, em 1644, John Milton, no seu *Areopagítica*, levantara o primeiro grito de rebeldia pró liberdade de imprensa, insatisfeito com a censura jornalística imposta pelo Parlamento de 1643. E o *Times de Londres*, fundado em 1788, norteou-lhe a mente

sadia, guiando-o nos acêrtos da campanha. Apesar de tudo isso, o jornalismo no Brasil era incipiente. Em 1827, surge o *Jornal do Comércio*. Meses após, Evaristo da Veiga tira a *Aurora Fluminense*. O Brasil ensaiava os primeiros passos de govêrno representativo. A vibração política era marcante. Como a *Aurora* pregasse a liberdade, despertou mais interêsse do que o *Jornal do Comércio*. Em 1830, o número de jornais, em todo o Brasil não excedia de 60, mas na época da Regência, êste número aumentou consideravelmente. Em 1831, dividiram-se os liberais e a imprensa tornou-se cada vez mais agressiva, injuriosa, caluniando quem não entrasse na sua simpatia. Graças, porém, à firmeza, à energia, à fôrça moral do Padre Regente, colaborando a serenidade da Câmara, adjuvada pela compreensão do Senado, conseguiu Antônio Feijó sufocar o ardor subversivo e amenizar as crises mais insubmissas. E a *Aurora Fluminense*, moderada, mas sincera partidária do Regente, manteve-se vigilante, dando-lhe integral apoio e estímulo, incentivo e fôlego. Inaugurou-se nova era no jornalismo brasileiro. Foi o primeiro avanço da imprensa séria que, ao invés da apreciação impiedosa e desamorada, criticava para cooperar. Dêsse modo, durante a Regência de Feijó, a tiragem de periódicos multiplicou-se na Cidade de São Sebastião e nas Províncias. Muitos foram os políticos influentes que fundaram seus jornais. Pe. Guerra pertence a essa época. Não houve como refrear o impulso. Tratou de criar uma fôlha informativa. Nasceu *O Natalense*, o primeiro jornal do Rio Grande do Norte. Que fez êle, Guerra? O que faziam todos os seus colegas de Constituinte. O mesmo que fez seu amigo e colega Evaristo da Veiga. Ainda no primeiro ano de mandato, 1832, por iniciativa própria, reuniu um grupo de amigos com o qual estruturou uma "sociedade mercantil" para criação de um semanário. Participaram dessa sociedade o ex-Presidente da Província, Tomás de Araújo, que aplaudiu e contribuiu com 400\$000 para a empresa; Basílio Quaresma Torreão, presidente em exercício, José Fernandes Carrilho, Urbano da Silva Costa, Luiz Fonseca Silva,

açuense, a quem *O Natalense*, n.º 20, dá como sócio e acionista. A manutenção do hebdomadário custou esforço, boa vontade, abnegação. Primeiro, foi publicado no Maranhão; segundo, no Ceará; em Pernambuco, por fim; até que chegou, de Recife, uma tipografia que instalou-se na Rua Grande, entre a Praça João Maria e a Praça André de Albuquerque. O jornalzinho, com os defeitos e deficiências do meio, inspirou-se no arauto de Evaristo, que verberara o procedimento daqueles que supunha serem maus brasileiros. Prestou um grande serviço à Província. Por isso, o Senador Guerra está ligado à história deste Estado de muitos modos.

O jornal fundado pelo Senador Guerra, pela sua feição e característica, copiou o modelo da *Aurora Fluminense* e nisso possui acentuado mérito. Assim, *O Natalense* raiou como um sol de liberdade no horizonte político da Província. Cinco dêsses exemplares encontram-se na divisão de obras raras, da Biblioteca Nacional, de onde conseguimos o material impresso e dos quais tiramos cópia fotostática para documentar um capítulo do nosso livro. Quando afirmamos que *O Natalense* norteou-se pela *Aurora Fluminense*, afirmamos que *O Natalense* foi um bom jornal. Marcava a *Aurora* o lema de “imparcial”. Os primeiros números da *Aurora* tinham a seguinte indicação: “acha-se à venda nas lojas de livro dos Srs. João Batista dos Santos, rua da Cadeia, e Evaristo da Veiga & Cia., rua dos Pescadores. *O Natalense*: “subscreve-se para esta Fôlha na Typografia, no Assu, em caza de José Varela Barca, em Goianinha em caza de Ignácio Joaquim Dias; a 6\$000 reis por ano, 3\$200 por semestre, 2\$000 por quartel e vendem-se números avulsos a 80 reis”. O jornal de Pe. Guerra prestou relevantes serviços à Província, desfraudando a bandeira de pioneiro, abrindo caminho para a arrancada gloriosa da imprensa norte-riograndense. Revestiu-se de prestígio e grande força, mas não resistiu à longevidade. Cinco anos lhe bastaram para os arrojados do primeiro avanço, período que vai mais ou menos de 1832 a 37. Muito mais teríamos que descrever sobre

o Senador Brito Guerra, não tivéssemos documentado substancial biografia que, esperamos, seja publicada dentro em breve pelo Serviço Cultural do Estado. Mais um fato e somos chegados com a história ao seu término. Declarada a maioria de Dom Pedro II, em julho de 1840, a Assembléa Legislativa Provincial “por motivo da elevação de Sua Alteza ao trono do Brasil, aprova uma moção de solidariedade e escolhe o Senador Guerra para representá-la junto ao cerimonial de coroação. Um ofício datado de 18 de setembro de 1840 lhe é endereçado com delegações de poderes. Não satisfeito com o expediente oficial, o secretário da Assembléa fez juntada de um documento seu nos seguintes têrmos:

“Exmo. Sr. — A Assembléa Legislativa resolvendo em sessão de ontem, como verá V. Excia. do parecer junto me ordena officiar a V. Excia. neste sentido. Eu, pois, gostoso cumpro este dever. Deus guarde a V. Excia. Paço da Assembléa Legislativa na Província do Rio Grande do Norte, 17 de setembro de 1840 Basílio Quaresma Torreão Júnior 1.º secretário.

Pe. Guerra desempenhou bem a missão. Em 15 de junho de 1838, depois de longo debate, subia ao Senado Imperial o testamento de José Bonifácio. Foi êsse o testamento mais discutido da história do Brasil, em virtude de o Patriarca da Independência ter declarado que deixava uma terça parte para sua filha ilegítima, d. Narcisa Cândida de Andrade, legalmente legitimada”. O grande Andrada faleceu aos 75 anos e a filha ilegítima era de menor. A celeuma provocada por tal testamento abalou as duas Casas Legislativas a ponto de Antônio Carlos dizer que “seu Irmão felecido não sabia o que fazia”. Pe. Guerra, como Senador, participou dos debates com certo espanto. Seis anos mais tarde, em Pernambuco, no dia 20 de novembro de 1844 lavrava o seu próprio testamento “em nome da Santíssima Trindade, Pa-

dre, Filho e Espírito Santo”. Três anos depois morria de congestão cerebral. O senador Brito Guerra entregou a alma a Deus no dia 26 de fevereiro de 1845, com 68 anos de idade. Seu corpo teve sepultura na Igreja de N. S. de Santana, na Capital do Império, conforme sua última vontade, esposa da no Testamento. Seus despojos foram trasladados para Caicó, onde receberam exéquias solenes a 3 de agosto de 1847, oficiadas por 17 sacerdotes. O tempo destruidor e implacável tudo aniquila. Suas cinzas confundiram-se com tantas outras, misturaram-se com o pó e dormem, hoje, o sono eterno em lugar desconhecido. O Presidente Moraes Sarmento, pela lei n.º 124, de 16.10.1845, lhe prestou a seguinte homenagem:

“Art. Único — Fica elevada a categoria de cidade a Villa Nova da Princeza, pátria do finado Senador Francisco de Brito Guerra, com a denominação de Cidade do Assu; é revogada qualquer disposição em contrário”.

Eis uma homenagem merecida.

Senhores Acadêmicos: somos chegados com o patrono da Cadeira 31 ao seu fim. Permiti uma peroração e teremos cumprido o nosso dever.

PERORAÇÃO

Conta-se que na Academia de Hamandan, na Pérsia, um dos artigos do seu estatuto obrigava os acadêmicos a “pensar muito, escrever pouco e falar o menos possível”. Todo ancião de respeito, da Pérsia, aspirava ingressar neste cenáculo de sábios. Um dia, porém, um tal dr. Zeb, autor de um panfleto intitulado *Alveitar*, o que na sua língua significava “veterinário autodidata”, arma-se do libreto e parte para candidatar-se a uma vaga. Possuía as qualidades exigi-

das: pensado, calculado, taciturno. Chegou tarde, porém. A vaga havia sido preenchida poucos instantes antes por um candidato bem inferior ao dr. Zeb. O presidente, reconhecendo o erro em que incorrera por precipitação, medindo os gestos, ordenou que se enchesse d'água uma taça. Tão cheia esta se apresentou que mais uma gota a transbordaria. Fêz entrar o candidato. Simples, modesto, refletido, aproxima-se Zed da taça plena. O presidente, silenciosamente, lhe indica o cálice saturado. O autor do *Alveitar* compreendeu o gesto: seu lugar havia sido preenchido. Calmamente baixa-se, apanha uma minúscula pétala de rosa e delicadamente, deixa-a cair na superfície da água. Lá ficou a folhinha impassível, sem provocar transbordamento. Quebrando o mutismo protocolar, os presentes irromperam em aplausos. Zed acabava de ser eleito por aclamação para a mais séria Academia do mundo. A cerimônia, porém, não morreu aí. Apresentado o livro de registro ao novo consócio para que êste firmasse seu nome, restava ainda uma palavra de agradecimento. Zed tomou o algarismo 100, que era o número de acadêmicos, e escreveu à sua esquerda um zero (0,100), anotando êsses dizeres: "os acadêmicos não valerão nem mais nem menos. Reconhecidamente, o Presidente acrescentou outro zero à direita, ajuizando solenemente: "os acadêmicos valerão 10 vezes mais". E assim a Academia Silenciosa acabou em tumulto, porque ninguém mais se controlava premido à tortura do silêncio. Também assim, augustos acadêmicos, penetramos, hoje nas sutilezas de vosso templo. Não com pretensões de sábio, tão pouco para comprometer o vosso sossêgo com maledicente tagarelice. Não e nunca. Aqui vimos unicamente atender ao vosso chamamento. A vossa generosa acolhida há de estimular-nos e esta ajuda nos bastará para compreendermos as sutilezas do vosso espírito. Vosso convívio arvorar-se-á em escola, manancial inesgotável onde nos dessedentaremos. Razão por que nos atrevemos a transpor o vosso ádito. Aqui estamos. Não alimentamos a mínima vaidade. Humildade é o nosso lema. Consideramos êsse recinto solene um pouso

ligeiro, enquanto a morte não nos surpreender à soleira da porta como um ladrão, de acôrdo com a máxima evangélica. Não somos uma estatueta de Tanagra. Somos, antes, uma fôlha sêca atirada à superfície dessa linfa fresca, nascente cristalina que é a Academia Norte-Riograndense de Letras. Não prometemos falar muito ou nos recolhermos ao silêncio comprometedor. Ocuparemos a Cadeira do Senador Guerra e prometeremos viver em paz.

* Discurso de posse, na Cadeira Padre Francisco de Brito Guerra, da Academia Norte-Riograndense de Letras, na noite de 26 de agosto de 1967.

SAUDAÇÃO A JOSÉ MELQUÍADES*

Veríssimo de Melo



prof. José Melquíades de Macedo ingressa hoje nesta Academia muito mais como um prêmio nosso à sua cultura e inteligência do que propriamente por um irresistível desejo seu em promover-se e galgar a imortalidade. Melquíades é homem humilde por temperamento, vocação e atitudes. O que o atraiu à Academia não deve ter sido o fardão, que felizmente ainda não o temos. Nem os estilos e protocolos acadêmicos, aliás tão simplificados entre nós. Mas certamente o desejo de participar e conviver com os intelectuais, amigos e companheiros que aqui a eles se antecederam. O seu alumbramento acadêmico foi muito mais pela estrela da manhã, do poeta, ao que pela noite estrelada de hoje, face ao brilho das presenças ilustres nesta solenidade.

Homem cordial, de bondade estuante, despojado de vaidades, despreocupado até mesmo da indumentária diária, um homem assim não alimenta desejos de glórias imperecíveis. O que êle quer, o que pretende, o que anseia

unicamente é um lugar ao sol. Aqui ou em qualquer recanto onde se reunam homens livres e de bons costumes.

Jovem ainda, mas já experiente e sofrido, o prof. Jose Melquiades descobriu que a felicidade não é algo inatingível, que só num longínquo futuro poderemos alcançar. Para ele, e nisso se remete sua alegria de viver, todos os dias são bons e dignos de comemoração! A sua filosofia de vida, um tanto epicurista, obriga-o a erguer brindes, quase todos os dias, aos deuses fraternais, que não estão nos altares nem nas alturas, mas que se encontram ao nosso lado, entre os amigos, entre os companheiros de bar, sejam quais forem êsses companheiros, por que, para êle, todos os homens são irmãos e merecem o nosso respeito e consideração.

Assim é o mais novo acadêmico desta casa. Um homem generoso e fraternal. Capaz de sacrificar-se para servir a um amigo. O que não quer significar que seja um desses homens que vão para onde o levam. Não. Êle sabe o que deseja e até onde pode ir. Mas, quando se apaixona por uma causa, por uma campanha, por uma idéia, êle caminha até às últimas conseqüências. Por tras da sua armadura aparentemente quixotesca há um daqueles bravos cruzados, consciente de sua missão e destemido na defesa dos seus princípios.

Professor universitário, latinista, *expert* em língua inglesa, disciplina que leciona em vários estabelecimentos de ensino superior e secundário desta capital, Melquiades é autor de livros e artigos na nossa imprensa que o recomendam à nossa admiração

Sua vida é singela como a sua personalidade, mas comprova que a inteligência aliada à força de vontade podem fazer de um menino pobre um homem útil à sociedade, culto e de virtudes nobres.

Nascido em Igreja Nova, município de Macaíba, a 29 de outubro de 1925, Melquiades perdeu o pai ainda criança, o que o obrigou a viver às suas custas, desde cedo. Porisso, começa trabalhando duramente nas salinas da Companhia Matarazzo, no município do Açú. Foi até algum tempo co-

zinheiro de barcaça, em Areia Branca, mas na verdade, temperando a sôpa, êle sonhava sempre em ser capitão de longo curso e viajar por êsse mar a fora. Fez o curso primário em Macau, depois de meninice acidentada e cheia de privações. Voltando a Macaíba, melhora de status, ingressando num moinho de café, como pracista. Hospedado na casa de um parente, ocorre-lhe então acontecimento que iria modificar o curso de sua vida e teria funda repercussão no seu futuro: Chega de Bom Conselho, inválido, o bispo d. Joaquim Antônio de Almeida, que havia sido o primeiro bispo de Natal. Cego, hemiplégico, afeiçoa-se entretanto, ao menino Melquíades, que lhe retribui bondosa assistência, em suas horas de folga. Pelos olhos de Melquíades, o bispo prossegue suas leituras diárias e metódicas. E isso influencia fortemente o adolescente, a ponto de levá-lo ao Seminário São Pedro, em Natal, onde fez o curso de humanidades. Morrendo o bispo, morre também a vocação sacerdotal de Melquíades.

Deixa a batina e ingressa no magistério secundário, como professor de latim. Mas continua os seus estudos, no Ateneu e posteriormente na Faculdade de Direito de Alagoas, diplomando-se em 1957. Foi então orador de honra no banquete que os concluintes ofereceram ao seu paraninfo, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da República.

Adjunto de promotor em Natal, exerce a advocacia também por pouco tempo, pois não lhe entusiasmará a profissão. Por alguns anos, foi também político, formando nas fileiras do extinto PTB. Se não conseguiu postos mais altos na vida política na província, pelo menos exerceu cargos de confiança importantes, como 1.º Delegado do IAPM e 2.º Delegado do SAPS. Em todos êsses setores fez amigos e cumpriu fielmente o seu dever. Deixou, porém, os mesmos cargos como neles ingressou, isto é, pobre, o que evidencia a sua fraca vocação para a administração pública, sobretudo naqueles áureos tempos...

Abandonando a política, dedica-se ao ensino do idioma inglês. Em 1959 foi distinguido pelo governo norte americano com uma bolsa de estudo naquele país. Fez ali curso de especialização em literatura norte-americana e linguística, na Faculdade Estadual de San Francisco da Califórnia. Suas memórias dessa experiência de quase oito meses nos Estados Unidos estão contidas num livro irrequieto de verve e inteligência, que intitulou de "Os Estados Unidos, a Mulher e o Cachorro". Só não contou, com detalhes, o golpe que deu para dispôr de mais algum dinheiro destinado à cerveja quotidiana em San Francisco. Como o hotel que lhe recomendaram oficialmente sairia caro, fez amizade com um chinês e hospedou-se numa espelunca em China Town, de San Francisco pagando um dolar e pouco por mês...

De volta ao Brasil, diploma-se em letras pela nossa Faculdade de Filosofia, onde é hoje professor da cadeira de Literatura Inglesa. Professor ainda da Sociedade Brasil-Estados Unidos, da Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte, do Ginásio Sete de Setembro, do Ginásio Municipal, do Ateneu Norte-Riograndense, Melquíades é um desses heróis anônimos que vivem em nossa terra ministrando dezenas e dezenas de aulas por semana em troca de vencimentos que não condizem com o seu saber e responsabilidades.

Sua atividade literária é valiosa e vária. Tem colaborado em quase todos os jornais natalenses, assinando artigos sérios e crônicas satíricas. Em 1956 escreveu uma série de artigos no jornal "A REPÚBLICA", sob o título de "A Influência do Latim na Língua Inglesa". No Jornal "A Ordem", durante dois anos, sustentou coluna humorística, onde registrava coisas e pessoas da cidade, sendo uma das mais comentadas a que intitulou de "O Alcorão, Alcatrão e o Carão".

Muitas dessas crônicas eram festejadas condignamente pelos seus amigos mais íntimos, entre os quais assinalamos o prof. José Saturnino de Paiva, Ascendino Henriques

de Almeida Júnior, Eulício Farias, Arnaldo Arsênio de Azevedo, Williams Aires e tantos outros.

Aos vinte e cinco anos escreveu um romance, "Igreja Velha", ainda inédito. Fez também poesia, como todo jovem, mas confessa humildemente que não tem vocação para o gênero literário. Acaba de concluir um romance de caráter regional e trabalha atualmente numa opulenta pesquisa sobre a vida de Padre Miguelinho.

Um dos melhores elogios que ouvimos sobre Melquíades foi de um amigo comum, norte-americano, Mr. Hausmann, quando êste declarou singularmente:

— Mesquíades não tem um osso ruim

O que se traduz claramente por não ter uma só qualidade inferior.

Mas devemos a Luís da Câmara Cascudo, o nosso Mestre, o elogio definitivo sobre o escritor José Melquíades de Macedo, no prefácio do seu livro já mencionado: Diziam Cascudo: "José Melquíades tem o que muita glória literária desdenha possuir: uma sólida cultura humanística. E não lhe faltam os efeitos da linguagem tranquila e própria, segurança de visão direta, clara e nóbre no seu interêsse educacional e brasileiro".

Candidatando-se à cadeira n.º 31, de que é patrono o Padre Francisco de Brito Guerra, Melquíades realizou notável trabalho de pesquisa sobre a vida e obra do sacerdote norte-riograndense, como acabamos de ouvir. Seu livro será editado futuramente pelo Serviço Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Ingressando hoje em nossa Academia, queremos destacar a satisfação de tê-lo, dagora por diante, ao nosso lado. No trabalho de renovação dos nossos quadros, estamos certos de que Melquíades trará colaboração inestimável, não apenas no aspecto literário e cultural, mas igualmente no prazer de uma convivência sadia e alegre, marcadamente papajerimum.

Acadêmico José Melquíades de Macedo: A Academia Norte-Riograndense de Letras, por nosso intermédio, apresenta-lhe efusiva saudação, no instante em que o recebe como um dos seus pares mais dignos e ilustres.

;

* Discurso de saudação ao acadêmico José Melquíades de Macedo, na noite de 26 de agosto de 1967, por ocasião da sua posse na Cadeira Padre Francisco de Brito Guerra, da Academia Norte-Riograndense de Letras.

A PROPÓSITO DE PESQUISA E PESQUISADOR *

M. Rodrigues de Melo

Não se pode falar em pesquisa, entre nós, sem invocar, desde logo, os nomes de Manoel Ferreira Nobre, Vicente de Lemos, Tavares de Lira, Luís Fernandes, Nestor Lima, Castelo Branco, Adauto da Câmara, Antônio Soares, Padre Manoel Gonçalves Soares de Amorim e Luís da Câmara Cascudo, para só falar nos mais expressivos e acreditados nos fastos históricos da Capitania, da Província e do Estado.

Que é pesquisa?

Pesquisa quer dizer busca, indagação, investigação.

Pesquisador é aquele que pesquisa.

Nos dias atuais, o termo está muito vulgarizado, e em certo sentido, muito desprestigiado. Qualquer menino de escola se intitula de pesquisador e os professores, adotando a lei do menor esforço, mandam que os seus alunos façam pesquisa nos livros impressos...

Evidentemente, não é esse o sentido de pesquisa a que nos referimos. Pesquisa é arte e é ciência. É um processo de trabalho que tem os seus métodos, as suas teorias, os seus instrumentos.

Deixemos o campo teórico da pesquisa e entremos na parte prática propriamente dita.

Poderíamos lembrar aqui Tobias Monteiro e Rodolfo Garcia, se a tanto chegasse o nosso, até certo ponto, justificado bairrismo. Mas êstes não chegaram a fazer pesquisa no Rio Grande do Norte.

Precisamos distinguir, inicialmente, duas espécies de pesquisador —:

- a) o profissional
- b) o amador

O profissional em pesquisa histórica adquire com o tempo, com o hábito, uma personalidade à parte, diferente dos outros tipos de intelectuais. É o homem que mergulha no arquivo público ou particular, perdendo a noção do tempo, sem a mínima consideração pela vida e pelas coisas materiais. Poderíamos apresentar Capistrano de Abreu como o modelo mais acabado e perfeito desse tipo de pesquisador.

O amador em pesquisa histórica não passa de um curioso que deseja fazer nome à custa do trabalho alheio. Faz pesquisa porque acha bonito. O arquivo é para êle um espantalho, um monstro, mas quer vencer facilmente, quer fazer figura. Lança-se, então, aos livros alheios, devora-os com sofreguidão, enche a cabeça de fatos históricos, digere como pode o trabalho alheio, e daí extrai os dados com que passa a compor os seus artigos, os seus livros.

O trabalho de João Alves de Melo não se enquadra em nenhum desses dois tipos de pesquisa. Se não é um pesquisador do tipo de Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Câmara Cascudo, muito menos poderá ser comparado aos trêfegos copiadores de textos alheios, gizados na figura do amador em pesquisa histórica.

O livro que apresenta hoje à consideração dos seus conterrâneos tem uma significação bem mais simples, porque foi realizado com dois objetivos altos e nobres.

Primeiro, para salvar do esquecimento tantas páginas de indiscutível valor histórico, dispersas em revistas e jornais de nossa terra, ameaçadas de destruição pela nossa já proverbial incúria, em face dos valores da cultura e da civilização.

Segundo, para dar vida a êsses escritos, juntando a cada um dêles a imagem viva do objeto estudado, que tanto pode ser a Fortaleza dos Reis Magos, como a Igreja do Galo, como a Igreja de Extremoz, como o figurão do Império ou da República, como qualquer outro aspecto da nossa vida e da nossa história.

O trabalho de João Alves de Melo difere ainda do segundo tipo de pesquisador que apresentamos pela fidelidade aos textos de origem, mencionando os autores, num trabalho carinhoso de divulgação, que dignifica o colecionador e enobrece os colecionados.

Se fôssemos definir o livro de João Alves de Melo, em termos rigorosos de pesquisa, diríamos ser pesquisa enquanto dura a procura dos textos, transformando-se, logo depois, em antologia, a partir do momento em que se faz livro.

Temos, assim, em *Natureza e História do Rio Grande do Norte*, não um livro genuinamente de pesquisa histórica, mas uma excelente e volumosa antologia de textos históricos, abrangendo os períodos Colonial, Imperial e Republicano, em que sobressai a parte iconográfica, valorizando o livro e colocando o nome do seu autor entre os mais exatos estudos da nossa vida social, política, religiosa e artística.

A publicação de *Natureza e História do Rio Grande do Norte* abre, pois, novas perspectivas ao estudo da história e interrompe assim a tradição da história muda, cega, cerebralesca, sem vida e sem côr, desacompanhada da ima-

gem viva, introduzida agora por João Alves de Melo, como recurso animador e sensível dos fatos e das coisas.

Através dêsse livro, fabricado com engenho e arte, o nosso passado se reanima e passará a viver mais duradouramente na memória das novas gerações.

Os descentendes dessas figuras — netos, bisnetos, tetra-netos, parentes distantes, lendo êsse livro, se identificarão, no espaço e no tempo, com os seus ancestrais, lembrando os seus gestos e atitudes, formadores da história e da civilização.

Honras, pois, ao autor dêsse livro, pelo esforço dispendido na coleta dos textos aqui reunidos, pela escolha dos autores de sua preferência, pelo sentido altamente patriótico que o conduziu nessa tarefa de muitos anos, pela paciência com que suportou as incompreensões, os desinteresses, as negações, as promessas nunca realizadas, e até as viradas de ombro, os gestos de mofa, os comentários da incompreensão e da inveja.

Nêste país de doutores, mesmo sem defesa de tese, como sofrem os que não são doutores!

As boas intenções, sejam as mais altas e nobres, morrem no íntimo de cada sonhador, sem vislumbrar sequer uma réstea de luz.

Que falem os poetas, os escritores, os músicos, os sonhadores de tôdas as categorias e condições.

Contra êsse fatalismo etnocêntrico e geográfico se insurge, às vêzes, o poder da vontade, essência da força divina, impregnada na consciência humana, removendo as dificuldades e fazendo gerar do nada a força criadora da cultura e da civilização.

João Alves de Melo, além de merecer a nossa admiração pelo esforço dispendido, na feitura e publicação dêsse livro, é credor ainda do nosso aplauso, pelo estoicismo com que soube resistir ao infortúnio de não ver o seu livro publicado.

Ouvi dele, muitas vêzes, esta confissão amarga: “se não conseguir a publicação dêste livro, entrega-lo-ei aos azares de uma fogueira”...

Seria, assim, o fogo, o maior vingador de uma injustiça.

Felizmente, o Monsenhor Walfredo Gurgel, reunindo ao título sagrado, a clarevidência do administrador e a intuição do intelectual, não permitiu que se consumasse esta disposição imperiosa do artista, magoado no mais íntimo do seu ser.

E aqui está o livro corpo-inteiro do Rio Grande do Norte.

O seu autor é jornalista e é fotógrafo. É o tipo acabado e perfeito do reporter moderno. *A Revista da Semana e o Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, guardam, nas suas coleções, a documentação do seu labor profissional, como representante daqueles órgãos de imprensa, nesta capital.

Integrante do corpo redacional da revista *Bando*, desda cidade, deixou alí traços inapagáveis da sua oposiçidade e inteligência.

Participante de vários certames de arte fotográfica, no país e no estrangeiro, conquistou inúmeros prêmios e menções honrosas.

Luís Patriota, na síntese que escreveu para a orelha do seu livro, traça-lhe o perfil de corpo-inteiro em que arro-la as principais conquistas que obteve na arte fotográfica.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, veterano guardião das tradições históricas de nossa terra, não poderia ficar indiferente ao lançamento deste livro, cujo conteúdo intelectual é todo colhido nas suas fontes, valorizando, assim, o esforço e o trabalho dos fundadores desta Casa e dos seus continuadores.

João Alves de Melo, receba, pois, na palavra que lhe dirigimos em nome do Instituto e dos seus amigos, as saudações mais efusivas pelo coroamento do seu esforço do qual participamos todos de alma e coração.

Antes, porém, de concluirmos, queremos dizer-lhe: prossiga no seu trabalho benemérito e desinteressado, porque a melhor justiça é a que fica para sempre *na voz da história*...

* Palavras proferidas por ocasião do lançamento do livro "Natureza e História do Rio Grande do Norte", de João Alves de Melo, no dia 16 de novembro de 1969, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

LIVROS NOVOS

Viagem ao Universo de Câmara Cascudo

A Fundação José Augusto acaba de publicar, em edição merecedora dos mais francos aplausos, o livro do nosso brilhante companheiro Américo de Oliveira Costa, intitulado — **Viagem ao Universo de Câmara Cascudo**.

O livro divide-se em vários capítulos, estudando a vida e a obra do escritor Luís da Câmara Cascudo.

O folclorista, o etnógrafo, o historiador, o antropologista cultural, todos esses temas foram abordados com conhecimento e segurança pelo ensaísta Américo de Oliveira Costa.

Trata-se, no caso presente, de dois membros destacados da Academia Norte-Riograndense de Letras, em plena maturidade intelectual, que não se fecharam em “torre de marfim”, vivendo de glórias passadas, mas, ao contrário, escrevendo e publicando sobre os temas mais diversos do momento atual.

O escritor Américo de Oliveira Costa é autor de inúmeros ensaios que poderiam, se reunidos em livros, juntar-se a este agora, como fonte indispensável de consulta, para o estudo da literatura nacional e regional.

Por que a Fundação José Augusto não presta mais esse serviço às letras do Rio Grande do Norte?

Esmeraldo Siqueira e a Literatura Norte-Riograndense

O acadêmico Esmeraldo Siqueira publicou, nesses últimos dois anos, vários livros de sua autoria. Ensaista, memorialista, poeta, filósofo, epigramista dos mais contundentes, Esmeraldo só se sente bem quando fala e escreve com toda a força do seu temperamento e da sua alma. Inteligente, culto e talentoso, Esmeraldo Siqueira exerce a crítica como **corretivo** e nunca como meio de fazer amigos...

Admitido na Academia Norte-Riograndense de Letras, escolheu como patrono da sua Cadeira, um crítico literário dos mais bravos, dos dos mais cultos, dos mais inteligentes, dos mais honestos: **Armando Seabra**.

Pondo-se de lado as naturais diferenças que há entre as pessoas, diferenças de temperamento, de grau de cultura, de tempo, de meio, de constituição física e psicológica, não será difícil encontrar entre Armando Seabra e Esmeraldo Siqueira certa identidade de gosto, de inquietação, que os trás unidos através do tempo, em busca da verdade e da perfeição.

Damos abaixo a relação dos seus livros recentemente publicados:

Um Boêmio Inolvidável, 1968; **Roteiro de Uma Vida**, 1968; **Pretéritas (Poemas)**, 1968; **Taine e Renan**, 1968; **Fauna Contemporânea**, 1968; **Música no Deserto (Poemas)**, 1968; **Variações em prosa**, 1968; **Pleorama e Diário dos Meus Sonhos**, 1968; **Velhas Cartas**, 1969; **Jornada ao Crepúsculo**; **Do Meu Reduto Provinciano**.

Do jornalzinho crítico e literário ao rádio e à televisão

Um personagem que desapareceu para sempre da vida brasileira foi, sem dúvida, o jornalzinho crítico e literário, com as suas nuances de pilhéria, bom humor, vivacidade, em poesia e prosa. Há trinta ou quarenta anos passados, esse tipo de divulgação era comum em todas as cidades brasileiras. Atualmente, parece que perdeu a atualidade. Ninguém mais o vê nas ruas, beliscando, alfinetando os namorados, importunando com as atitudes snobistas dos membros da comunidade.

O progresso e a civilização vão lentamente estrangulando essas manifestações do espírito zombeteiro das ruas, quando não os substitui por outros tipos de divulgação do pensamento.

O rádio, a televisão, o cinema, o clube dançante, o futebol tomaram conta das qualidades mediúnicas do povo, fazendo-o esquecer o jornalzinho crítico e literário que empolgou tantas gerações de brasileiros.

E o teatro, diante dessas novas manifestações da arte, estará também em crise? Seria o caso de fazer-se um inquérito procurando saber as causas dessas transformações. Que acha o leitor?

E os jornais da cidade, reduzidos, atualmente, a dois diários, por que não fazem um inquérito nesse sentido?

Aí está um excelente tema para um reporter que queira fazer nome...

Cartas da Praia

Hélio Galvão publicou, há pouco tempo, a segunda série das suas **Cartas da Praia**. O nosso meio literário, empolgado pela filosofia do desenvolvimento, deixou passar em silêncio, um dos acontecimentos mais significativos da nossa vida intelectual.

A falta de crítica e de críticos na cidade é, em parte, responsável por essa omissão imperdoável

Natal é hoje uma das cidades do Brasil onde mais se escreve e se publica e onde menos se faz sentir a presença da crítica.

O resultado é êsse que assistimos diariamente: **o joio cresce a olhos vistos, enquanto o trigo morre à falta de luz...**

Cartas de um Desconhecido

Jacinto Canela de Ferro é o célebre autor das **Cartas de um desconhecido**, **Cartas de um sertanejo** e finalmente **Cartas Sertanejas**, publicadas na imprensa de Natal e do Rio de Janeiro. O nome verdadeiro desse escritor é Eloy Castriciano de Souza, representando o Rio Grande do Norte, na Câmara e no Senado, político militante, jornalista de escol, escritor e homem público.

O escritor Raimundo Nonato, pesquisador dos mais autênticos da nova geração do Rio Grande do Norte, acaba de reunir em livro, a série das **Cartas de um desconhecido**, prestando, assim, merecida e oportuna homenagem à memória de Eloy de Souza, que além de notável escritor foi um dos pioneiros da solução do problema das secas no Nordeste brasileiro. A Fundação José Augusto participou da homenagem mandando imprimir o livro na Gráfica Minimbu.

NOSSOS MORTOS

Francisco Ivo Cavalcanti

Com a morte de Francisco Ivo Cavalcanti perde o Rio Grande do Norte um dos seus filhos mais ilustres.

Filho de Ivo Cavalcanti de Andrade e Vitalina Evangelina Cavalcanti, nasceu em Natal, a 26 de agosto de 1886.

Fez o curso secundário no Ateneu Norte-Riograndense.

Diplomado pela Escola Normal de Natal, pertenceu à primeira turma de 1910.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, formou-se na Faculdade de Direito do Recife, em 1923.

Causou-se quatro vezes, deixando numerosa e respeitável descendência.

Exerceu inúmeros cargos na vida pública: funcionário dos Correios e

Telégrafos, Professor da Escola Normal de Natal, Deputado Estadual, Consultor Jurídico do Banco do Brasil, além de outros.

Como advogado militou no fôro do Estado durante vários anos.

Além da cátedra da Escola Normal, foi professor particular de inúmeras gerações.

Presidente da Ordem dos Advogados, secção do Rio Grande do Norte.

Jornalista, poeta, escritor, dramaturgo, participou de tôdas as instituições literárias e dramáticas do seu tempo.

Foi um dos fundadores da Academia Norte-Riograndense de Letras, em 1936, ao lado de Luís da Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Aderbal de França, Edgar Barbosa e outros.

A sua atuação na Academia estendeu-se até os últimos dias de sua vida. Foi um companheiro a tôda prova: simples, leal, afetuoso, estimulava a todos com a sua presença e a sua ação.

Faleceu no dia 11 de março de 1969.

Virgílio Galvão Bezerra da Trindade

Virgílio Galvão Bezerra da Trindade poderia ser considerado um dos **homens bons** da Cidade, à maneira dos velhos tempos de EL REY.

Poeta satírico, era o nosso **Bastos Tigre**, na feliz expressão de Luís da Câmara Cascudo. Ninguém o vencia na verve, no epigrama, no remoque sutil e cortante do verso rimado.

Poeta, teatrólogo, cronista, fez parte de inúmeras instituições literárias do seu tempo.

Colaborou em quase todos os jornais e revistas da cidade, desde **A República** de Pedro Velho aos mais modestos periódicos da nossa capital.

Modesto, simples, despreocupado de glórias futuras, usava invariavelmente os pseudônimos de **Z. Balos**, **Lulu Ferreira Torto**, para o verso, e **Viriato**, para a prosa.

Ao lado de Ivo Filho, Jorge Fernandes, Nascimento Fernandes e outros, fez poesia, jornalismo, teatro, destacando-se sempre pelo seu feitio humorístico.

De 1908 a 1910, esteve em Manaus, onde exercia o cargo de Escrevente do Cartório de Órfãos que funcionava no prédio do Tribunal de Justiça. Voltando a Natal, no mesmo ano, foi nomeado Amanuense da Secretaria de Polícia, assumindo a 1.º de janeiro de 1911, govêrno de Alberto Maranhão.

Em abril de 1918, passou a Secretário da Polícia, cargo em que se aposentou, em fins do govêrno de Sílvio Piza Pedroza.

Otoniel Menezes

Otoniel Menezes de Melo era o Príncipe dos Poetas do Rio Grande do Norte. Poderíamos repetir o verso de Álvares de Azevedo: "foi poeta, sonhou e amou na vida". Não só amou como sofreu muito.

Nasceu em Natal. Estudou no Ateneu Norte-Riograndense.

Como Camões, também foi soldado. Em 1914 está em Macau, Promotor Público Interino, escrevendo em *Fôlha Nova*, ao lado de Edinor Avelino, Mário Eufrásio de Oliveira, Antônio de Oliveira, Francisco Menezes, Eduardo Pacheco, Ezequiel Wanderley e outros.

Em 1926, como sargento do 29.º B. C., toma parte na expedição de combate à Coluna Prestes.

Em 1932 está no Acari, escrevendo no jornal da terra, *O Acari*.

Em Natal, colabora em quase todos os jornais e revistas da cidade.

Em 1918, publica o primeiro livro, *Gérmen*, prefaciado por Henriques Castriciano. Em 1923, faz circular *Jardim Tropical*; em 1952, edita o poema *Sertão de Espinho e de Flôr*, acompanhado de notas em que revela uma outra face do seu talento e da sua cultura.

Em 1955, edita *A Canção da Montanha*, referente à fase modernista, tendo, antes, em 1947, publicado o ensaio *Ferreira Itajubá*, nas páginas d' *O Democrata*, desta capital, reeditado agora neste número da Revista da Academia.

Eleito, na vaga de Bezerra Júnior, para a Cadeira que tem como patrono Antônio Glicério, passou a integrar os quadros da Academia Norte-Riograndense de Letras, em 1958.

Otoniel Menezes foi uma das grandes vozes da poesia norte-riograndense que nem a morte conseguirá emudecê-la de todo.

Filho do Capitão João Felismino de Melo e D. Maria Clementina Menezes de Melo, nasceu na rua das Laranjeiras, a 10 de Março de 1895, e faleceu no Rio de Janeiro, a 19 de Abril de 1969.

NOTICIÁRIO

A Academia faz convênio com o CFC

A Academia Norte-Riograndense de Letras firmou convênio com o Conselho Federal de Cultura, cuja verba se destina à aquisição do mobiliário para instalação definitiva da sua sede social.

O processo que tomou o número 2032/68, teve parecer favorável do Conselheiro Irmão José Otão, sendo aprovado em plenário pelo Egrégio Conselho Federal de Cultura, sob a

presidência do Professor Arthur César Ferreira Reis.

O convênio foi firmado, nos primeiros dias de março deste ano, no Rio de Janeiro, pelo Presidente Arthur César Ferreira Reis e o escritor Manoel Rodrigues de Melo, presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Esta notícia repercutiu favoravelmente nos meios intelectuais do Estado que acompanham com interesse e simpatia o desenvolvimento da cultura em nossa terra.

A Biblioteca da Academia

A Biblioteca da Academia está em começo de organização. Detentora de um acervo em livros já considerável, precisa da colaboração de quantos queiram ajudá-la na preservação do patrimônio intelectual do Rio Grande do Norte.

O presidente está endereçando cartas aos intelectuais, livreiros, pessoas de tôdas as profissões, solicitando doação de livros e jornais para a Biblioteca.

Os livros, jornais e revistas do Estado têm na Biblioteca da Academia o seu lugar certo.

Coleção da revista Cultura, do CFC

A Biblioteca da Academia recebeu de presente uma coleção da revista **Cultura**, do Conselho Federal de Cultura, do Rio de Janeiro.

Trata-se de uma revista especializada, em que colaboraram as mais destacadas figuras da cultura nacional.

História da Literatura Norte-Riograndense

A Academia Norte-Riograndense de Letras vai publicar a **História da Literatura Norte-Riograndense**, em três volumes.

Trata-se de uma iniciativa inevitavelmente arrojada e por isso mesmo merecedora dos mais francos aplausos.

O primeiro volume está a cargo do acadêmico Luís da Câmara Cascudo, que estudará os pródromos da literatura norte-riograndense até 1920.

O segundo será entregue ao acadêmico Manoel Rodrigues de Melo que, nêsse sentido, já vem fazendo pesquisa em nossos arquivos e compreenderá o período de 1920 aos nossos dias.

O terceiro está afeto ao acadêmico Veríssimo de Melo, que tratará exclusivamente dos patronos e membros da Academia Norte-Riograndense de Letras.

O plano da História está sendo elaborado pelos acadêmicos acima, compreendendo as mais diversas manifestações da literatura, em nosso meio.

Poesia, Romance, Conto, Ensaio, Crônica, Crítica, Teatro, tôdas essas manifestações serão abordadas, dando, assim, uma visão geral das nossas atividades literárias em mais de um século.

Um outro volume será dedicado às artes plásticas entre nós que, como sabemos, vêm sendo cultivadas pelos norte-riograndenses desde o século passado.

Vamos assim construindo o nosso patrimônio intelectual e artístico que constitui uma das facetas mais curiosas e interessantes da nossa vida provinciana.

ESTA PUBLICAÇÃO
RECEBEU AJUDA DO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA

Reg
Vol.